



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO**

Edimara Ferreira Santos

DUMAS, MONTÉPIN E DU TERRAIL
A circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a
1880



**Belém/ PA
2011**

Edimara Ferreira Santos

**DUMAS, MONTÉPIN E DU TERRAIL: A circulação dos romances-
folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras – concentração em Estudos Literários.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales.

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça de Souza.

**Belém / PA
2011**

Edimara Ferreira Santos

DUMAS, MONTÉPIN E DU TERRAIL: A circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para obtenção de grau de Mestre em Letras – concentração em Estudos Literários.

Aprovado por:

_____ - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales

_____ - Co-orientadora

Prof.^a Dr.^a Simone Cristina Mendonça de Souza.

Prof.^a Dr.^a Valéria Augusti.

Prof.^a Dr.^a Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo

Data: ____/____/____

**Belém / PA
2011**

Ao Marcos Alexandre Pimentel da Silva

Agradecimentos

Agradeço à Professora Germana Maria Araújo Sales pela oportunidade, no ano de 2007, de participar do projeto *Lendo o Pará: a publicação de romances-folhetins em Belém na segunda metade do século XIX*, na condição de voluntária, o qual serviu de base à elaboração desse trabalho. Ainda, agradeço pelo apoio, pela paciência, pela amizade, pelos *puxões de orelha* quando fazia algo de errado e pelas indicações de leituras fascinantes que envolvem o universo da História do Livro e da Leitura.

À professora, Simone Cristina Mendonça, pelas infinitas co-orientações, pela dedicação e pelas correções desse trabalho.

Aos professores do Curso do Mestrado em Letras Prof.º Dr.º Sílvio Holanda, Prof.ª Dr.ª Germana Maria Sales, Prof.ª Dr.ª Valéria Augusti, Prof.º Dr.º Guilherme Fernandes, Prof.ª Dr.ª Marlí Furtado e Prof.ª Dr.ª Lília Chaves, pelas infinitas contribuições intelectuais e pelas sugestões de leituras no decorrer das disciplinas.

Ao grupo de pesquisa *A História da Leitura do Pará (século XIX)*, especialmente aos meus queridos amigos Shirley Medeiros (carinhosamente “chorona”), Alessandra Pamplona, Izenete Nobre (afetuosamente “Nenete”), Patrícia Martins, Ândrea Carvalho, Kelly Souza, Alan Flor (afetivamente Alanzinho), Joseane Souza, e a menina adotada por todos nesse grupo, Tayana Barbosa, pelo apoio e pela amizade dessa grande família.

Aos colegas de turma Brenda Maués, Joana Angélica, Joseane Souza, Rosalina Albuquerque, Regina Barbosa, Melissa Alencar, Suane, Lídia, Fátima (Fafina), Thiago, Everton e Izabel, que tanto se fizeram presentes nas discussões e nas contribuições do primeiro ano do Curso de Mestrado em Letras.

Ao meu grande amigo, companheiro, namorado e, agora, noivo, Marcos Alexandre Pimentel da Silva, o qual foi o mentor ao meu ingresso no Curso de Mestrado em Letras, pelo seu imenso apoio, companheirismo, dedicação, entusiasmo e, também, o seu extraordinário **amor** nessa minha jornada de alegrias, de angústias, de desesperos e de realizações.

Aos meus amigos da *cidade das Mangueiras*, Rovaine Ribeiro e Marcio Douglas pelo apoio, pelas acomodações, pelas risadas, pelo bate papo e pelas “noitadas” de grandes reflexões e poesias.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Pará (FAPESPA) pela bolsa de mestrado, pois sem a mesma seria inviável à realização da pesquisa e dessa dissertação.

À Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, particularmente aos funcionários Marcos, Eduardo, Antonio e Alexandre da Biblioteca Arthur Viana (setor de microfilmagem), que tanto me ajudaram no passeio pelas pesquisas periódicas.

Por fim, agradeço imensamente à minha família, principalmente aos meus pais Carmelino Santana e Maria Carmita, aos meus irmãos Edivaldo, Edna, Edilena e Elizete e aos meus queridos sobrinhos, que, aliás, são onze, Ellendre Machado, Naiane Machado, Felipe Machado, Lena Heloisa Guimarães, Mariana Guimarães, Luis Claudio Guimarães, Caroline Silva, Natalia Silva, Clemerson Silva, Naiara Silva e a pequena Luiza Portugal.

A todos vocês, o meu muito obrigada!

Vou lidar com cada aspecto da questão por fragmentos, por partes soltas, porque passar de uma a outra área do conhecimento reaviva o prazer e a chama do conhecimento. Se escrevesse os capítulos de meu livro de forma contínua, sempre esgotando o assunto escolhido, eles certamente seriam mais completos, mais abrangentes, mais nobres. Mas temo textos longos, e o digno leitor certamente é capaz de captar o todo por meio de alguns poucos detalhes escolhidos ao acaso e de adivinhar o fim ao saber o começo.

Jahiz, o livro dos animais, século IX

Resumo

Esta dissertação tem por objetivo compreender a natureza da circulação dos romances-folhetins de autores franceses no jornal paraense intitulado *O Liberal do Pará*, no período de 1871 a 1880 do século XIX. Dentre os autores franceses que publicaram seus romances-folhetins nesse jornal, destacamos Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin. Além disso, busca demonstrar a dinâmica de circulação dos romances-folhetins intitulados *Blanche de Beaulieu* (Alexandre Dumas), *A Fada D'Auteuil* (Ponson du Terrail) e *O Médico dos Pobres* (Xavier de Montépin) no jornal *O Liberal do Pará*, durante um período ímpar na cidade de Belém – o momento da *Belle Époque* paraense, onde foram registradas inúmeras transformações no campo cultural, econômico e urbanístico do Pará oitocentista. Por fim, propõe uma análise de tais prosas de ficção, destacando as suas estruturas, as personagens e as temáticas como elementos modeladores de costumes e hábitos europeus, particularmente os de origem franceses, na província do Pará.

Palavras-chave: Romance-Folhetim. Jornal *O Liberal do Pará*. Circulação.

Abstract

This thesis aims to understand the nature of the circulation of serials, novels by French authors in the paper entitled *O Liberal Para*, from 1871 to 1880 of the nineteenth century. Among the French authors who have published novels serials in this newspaper highlighted Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail and Xavier de Montépin. Moreover, it seeks to demonstrate the dynamic movement of novels serialstitled *Blanche de Beaulieu* (Alexandre Dumas pai), *A Fada D'Auteuil* (Ponson du Terrail) and *O médico dos pobres* (Xavier de Montépin) in the newspaper *O Liberal do Para* during a unique period in Belem, the moment the Belle Epoque paraense, where they were observed several changes in the cultural, economic and urban Para nineteenth century. Finally, it proposes an analysis of such prose fiction, emphasizing their structure, characters and thematic elements as modulators of European customs and habits, particularly those of French origin in the province of Para.

Key-words: Romance-Feuilleton. The Liberal Journal of Para. Circulation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	1º número do Jornal <i>La Presse</i>	19
Foto 1 -	Passagem de Belém no século XIX	40
Foto 2 -	O Jornal <i>O Liberal do Pará</i> , século XIX	51
Foto 3 -	A seção <i>Litteratura</i> do Jornal <i>O Liberal do Pará</i>	52
Foto 4 -	A seção <i>Annuncios</i> do Jornal <i>O Liberal do Pará</i>	53
Foto 5 -	A seção <i>Variedades</i> do Jornal <i>O Liberal do Pará</i>	53
Foto 6 -	A coluna <i>Folhetim</i>	54
Quadro 1 -	A frequência dos textos literários nas seções do jornal <i>O Liberal Do Pará</i> , nos anos de 1871 a 1880	55
Quadro 2 -	A presença da prosa de ficção dos autores franceses n’ <i>O Liberal do Pará</i> entre 1870 e 1880.....	56
Quadro 3 -	Os romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin	57
Figura 2 -	Capa da edição da obra <i>Blanche de Beaulieu</i> , de Alexandre Dumas pai	59
Figura 3 -	Capa original da Collecção Antonio Maria Pereira	60
Quadro 4 -	A circulação dos Romances-Folhetins no Pará – de 1871 a 1875	62
Foto 7 -	Foto composta, mostrando trechos dos romances-folhetins na coluna <i>Folhetim</i>	66
Quadro 5 -	A disposição dos capítulos do romance-folhetim <i>Blanche de Beaulieu</i>	70
Quadro 6 -	A disposição dos capítulos do romance-folhetim <i>A Fada D’Auteuil</i>	71
Quadro 7 -	A disposição dos capítulos do romance-folhetim <i>O médico dos pobres</i> ...	73

SUMÁRIO

Introdução	12
CAPÍTULO 1: Romance-Folhetim: texto e contexto	15
1.1 O romance-folhetim na França	15
1.2 O romance-folhetim no Brasil	28
CAPÍTULO 2: O Contexto Histórico da Circulação dos Romances-Folhetins na Belém Oitocentista	39
2.1 O período oitocentista na capital paraense	39
2.2 A circulação dos romances-folhetins no Pará (1871-1880).....	48
CAPÍTULO 3: Os Romances-Folhetins Franceses no Jornal <i>O Liberal do Pará</i> (1871-1880): entre estruturas, personagens e temáticas	64
3.1 As marcas folhetinescas em <i>Blanche de Beaulieu</i> , <i>A Fada D'Auteuil</i> e <i>O Médico dos Pobres</i> : a estrutura	64
3.2 As marcas folhetinescas em <i>Blanche de Beaulieu</i> , <i>A Fada D'Auteuil</i> e <i>O Médico dos Pobres</i> : as personagens.....	82
3.3 As marcas folhetinescas em <i>Blanche de Beaulieu</i> , <i>A Fada D'Auteuil</i> e <i>O Médico dos Pobres</i> : as temáticas	94
Último capítulo	104
Referências	107

Introdução

O desejo de trabalhar com os romances-folhetins franceses não surgiu de maneira aleatória, pois manifestou-se ao longo de uma das etapas da pesquisa direcionada ao jornal *O Liberal do Pará*, realizada no setor de microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna, no ano de 2007. Naquela etapa, o trabalho restringia-se a uma catalogação do jornal para verificar as produções literárias¹, como os contos, as novelas, as crônicas e os romances-folhetins, publicados nas colunas *folhetim*, *variedades*, *miscelânea*, *litteratura e a pedido*, entre os anos de 1869 a 1889, período de duração do jornal.

Entretanto, essa busca acabou se constituindo em uma tarefa angustiante, pois, à medida que o tempo da pesquisa avançava e as edições se passavam, não se percebia a presença das narrativas seriadas n’*O Liberal do Pará*. Somente a partir de 1871 apareceu nas páginas desse jornal o primeiro romance-folhetim intitulado *Catarina II*, de Alphonse de Lamartine,² autor francês romântico. A partir desse período, os romances de autoria francesa, publicados em rodapé de jornais, começaram a ser recorrentes, como *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai;³ *A Fada D’Auteuil*, de Ponson du Terrail e *O médico dos pobres*, de Xavier de Montépin.

Diante desse achado, foi dado o primeiro passo para o desenvolvimento de um trabalho mais sistemático acerca da circulação dos romances-folhetins de autores franceses no jornal *O Liberal do Pará*, entre os anos de 1871 e 1880. Neste sentido, definiu-se o projeto de pesquisa para a seleção do Mestrado em Letras – concentração em Estudos Literários – no ano de 2009.

Dessa forma, ao longo da pesquisa, surgiram algumas questões que foram propostas para a dissertação: como ocorreu a circulação dos romances-folhetins de autores franceses nos periódicos paraenses, no período de 1871 a 1880? No Pará, para o período em questão, a circulação dos romances-folhetins confirma a influência francesa?

Com relação à primeira questão, a hipótese foi a de que, no Pará, houve uma presença de textos de autores franceses que circularam não só em *O Liberal do Pará*, como

¹ Essa produção literária que foi verificada no jornal *O Liberal do Pará* do século XIX, tinha como elementos principais os contos, as novelas, as crônicas e os romances-folhetins, publicados nas colunas literárias que circulavam naquele periódico.

² Alphonse de Lamartine (1790 – 1869) foi um escritor que se fez presente mais no mundo da poesia. Seus primeiros livros de poemas foram: *Primeiras Meditações Poéticas* (1820) e *Novas Meditações Poéticas* (1823). Além de escritor, poeta era também um homem político.

³ Interessante notar que nesse momento da História Literária francesa, em que surgiu e circulou os textos literários em fascículos, a presença era do autor Alexandre Dumas pai (1802-1870). A participação do escritor Alexandre Dumas filho (1824-1895) à vida literária ocorreu posterior a morte de seu pai. Esse autor escreveu vários textos, tornando-se famoso com o livro **A dama das camélias**.

nos demais jornais de Belém no século XIX. Quanto à segunda hipótese, observamos que é possível averiguar uma relação estreita entre a publicação de romances-folhetins e a influência francesa, pois assim como no Rio de Janeiro, no Mato Grosso e na Paraíba, essa circulação confirmou a influência francesa no Pará, pois, a princípio, os romances-folhetins eram traduzidos por jornalistas cariocas em jornais como o *Jornal do Commercio*, no Rio de Janeiro e, posteriormente, enviado e distribuído para as demais províncias, inclusive o Pará.

No entanto, a pesquisa revelou que as traduções das narrativas folhetinescas divulgadas n' *O Liberal do Pará*, como as de Ponson du Terrail e de Xavier de Montépin, foram realizadas no próprio jornal. Apenas no romance de Alexandre Dumas pai foi identificado o nome do tradutor B. S. Pinto Marques, nas demais vem indicado: “tradução O Liberal do Pará”.

Os romances-folhetins estudados nessa dissertação foram transcritos tal como publicados n' *O Liberal do Pará*, por isso determinadas palavras e expressões apresentaram construções obsoletas aos dias atuais, pois eram próprias ao vocabulário do período. Empreender a transcrição para a análise esbarra nas dificuldades referentes ao processo de reprodução, pois muitos fragmentos das narrativas não estão legíveis, ou algumas colunas inteiras estão danificadas devido o estado do jornal, o que dificultou o trabalho.

Dessa forma, realizou-se uma pesquisa de caráter documental e bibliográfico, junto ao acervo da Biblioteca Pública Arthur Vianna, onde foi realizado o levantamento de dados primários sobre o periódico *O Liberal do Pará*, necessário ao aprimoramento da análise da circulação dos romances-folhetins. Em um segundo momento, procedeu-se à sistematização dessas informações coletadas durante a pesquisa documental, a partir da elaboração de tabelas contendo os dados relacionados às narrativas folhetinescas à circulação de cada uma no periódico estudado.

O processo de transcrição dos romances-folhetins para elaboração do *corpus* da pesquisa constituiu um momento de extrema dedicação, pois as narrativas *Blanche de Beaulieu* (1871), *A Fada D'Auteuil* (1872-1873) e *O Médico dos Pobres* (1874-1875) foram publicadas durante vários meses em *O Liberal do Pará*. Esse periódico circulava de terça a domingo, e, durante os anos de 1871 a 1875, foram publicados diariamente, os romances de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin nas colunas exibidas no rodapé desse jornal, exceto quando havia algum feriado ou às segundas-feiras, dia em que o periódico não circulava. Por esse motivo, o *corpus* da pesquisa levou, praticamente, três anos para ser composto. Não foi à toa que o romance de Alexandre Dumas pai constituiu 28 páginas digitadas; o de Ponson du Terrail 144 laudas e o de Xavier de Montépin, 266 folhas digitadas. A maior dificuldade registrada nesse processo foi, sem dúvida, o número reduzido

de máquinas disponíveis para a pesquisa no setor de microfilmagem da Biblioteca Artur Vianna.

Reunidos os textos, temos o *corpus* que substanciou o trabalho. Assim, no primeiro capítulo, apresentamos o percurso dos romances-folhetins, bem como a sua origem e seu contexto histórico, como também discutimos a definição de um texto enquanto romance-folhetim, suas características e seus elementos no processo folhetinesco que foram comuns na França e no Brasil, que também experimentou a “febre” dessas publicações, tanto de romances-folhetins franceses como de autores nacionais.

No segundo capítulo, demonstramos como se apresentava a cidade de Belém no século XIX, os contornos da cidade e de suas transformações culturais, intelectuais, arquitetônicas e econômicas no momento da *Belle Époque* paraense, avaliando como esse cenário interferiu no papel da imprensa paraense, da tipografia e do jornal *O Liberal do Pará* para a circulação das narrativas folhetinescas francesas.

Por fim, no terceiro capítulo, observamos os componentes estruturais e temáticos dos três romances-folhetins escolhidos para compor o *corpus* desta dissertação. Dessa forma, analisamos a estrutura como elemento importante para criação folhetinesca por meio da disposição dos capítulos, dos diálogos empreendidos com o leitor, chamando-o para o próximo assunto, e da temática, que aproximava o leitor do seu cotidiano e da sua vivência.

Com efeito, a pesquisa em periódicos paraenses torna-se relevante à medida que, no Pará oitocentista, a imprensa desempenhou um papel semelhante ao que realizara no restante do Brasil: o de fazer circular esse gênero literário e, também, de estabelecer um espaço para surgimento de novos autores.

Capítulo 1

Romance-Folhetim: texto e contexto

O folhetim não é algo unívoco, fechado, mas tem uma história, a qual se inscreve na História.

Marlyse Meyer

1.1 O Romance-Folhetim na França

Antes de mergulharmos no contexto histórico em que o folhetim construiu a sua história, é necessário tratarmos, nesse momento, das características e dos elementos intrínsecos ao romance-folhetim, que definem sua especificidade.

O espaço Folhetim caracterizava-se como uma parte do jornal e localizava-se quase sempre na primeira página, abarcando os mais variados tipos de textos, pois o que não era permitido publicar no corpo do jornal era direcionado para circular na coluna Folhetim. Por conta disso, inúmeros textos como críticas literárias, receitas culinárias, artigos políticos e as narrativas em capítulos marcaram presença nesse espaço. Mas o que realmente fez sucesso e atraiu atenção dos leitores, dos escritores e dos editores dos jornais foram as narrativas seriadas ou, como classificou Martin-Barbero “romance popular publicado em episódios”,⁴ que chegavam a ocupar todo o espaço do folhetim – daí a assimilação do nome em *romance-folhetim*.⁵

Os romances-folhetins, enquanto produto do e para o jornal, possuíam inúmeras características exploradas tanto pelos autores quanto pelos editores, dentre as quais destacamos: títulos atraentes para seduzir o leitor, abundâncias de diálogos, intrigas envolventes, cortes com ganchos nos finais de segmentos, utilização do acaso como ponto de convergência entre alguns acontecimentos da narração, herói e heroína dos romances com traços exagerados e simplificados, técnicas do teatro, chamada do leitor por meio do tom de conversa informal, entre outras circunstâncias que tornam o texto apelativo, como se identificou nos romances *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai, *A Fada D’Auteuil*, de Ponson du Terrail e *O médico dos pobres*, de Xavier de Montépin.

⁴ Essa expressão “romance popular publicado em episódios” foi estabelecida por Jesus Martin-Barbero para designar o romance-folhetim. Cf. MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

⁵ *Ibid.*, p.183.

Ainda nesse sentido, é importante registrar a diferença entre o romance-folhetim e o livro,⁶ pois cada um possuía uma particularidade que os levavam às categorias diferenciadas de material, de uso, de suporte e de leitura, como afirma Martin-Barbero

O folhetim nunca chegará a ter o estatuto cultural do livro; uma vez que não fica de pé, não dispõe de uma bela encadernação, sua materialidade não poderá ser exibida como expoente cultural; pelo contrário, uma vez lido, o folhetim passará a ser mero papel disponível para outros misteres da vida.⁷

As considerações de Martin-Barbero acerca do folhetim nos fizeram refletir a respeito da importância e do significado desse gênero enquanto elemento cultural. Certamente, ele não chegou ao estatuto cultural do livro por conta das suas especificidades, mas, de certo modo, teve um significado cultural dentro da sociedade francesa do século XIX, pois “o romance-folhetim francês [...] modificaria os hábitos dos europeus, criaria novas práticas culturais, ampliaria a esfera pública e contribuiria na formação de identidades cada vez mais semelhantes”.⁸ Essa nova prática de leitura tornou-se o elemento difusor e modelador de costumes que foram absorvidos pelos franceses por decorrência dos fatos narrados nos romances-folhetins.

A diferença entre o livro e o romance-folhetim foi evidenciada, principalmente, por uma nova maneira de apropriação do material impresso realizada pelas mulheres durante o século XIX. O público feminino, segundo Mollier, organizava a sua biblioteca particular com a composição dos seus “livros”, que não lhe custava muito. As mulheres parisienses de posse de uma agulha grossa e fio resistente confeccionavam os seus “livros estranhos” com as histórias recortadas das barras dos jornais franceses. Com essa prática de apropriação do texto, o público leitor feminino reforçou a ideia de que o romance-folhetim não chegaria ao *status* de livro, pois logo após o aparecimento do volume de Charpentier⁹ a custo barato,

⁶ Cabe aqui esclarecer que, ao referir o livro, enquanto material, uso, suporte e leitura, estamos nos apoiando no processo estabelecido por Robert Darton para definir a construção do livro impresso: “os livros impressos passam aproximadamente por um ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume o papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor.[...] A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as relações com outros sistemas, econômicos, social, político e cultural, no meio circundante”. DARTON, Robert. **O Beijo de Lamourette**. Tradução de Denis Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 112.

⁷ MARTIN-BARBERO, 2003, op. cit. p. 188.

⁸ MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**: ensaios sobre história cultural. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 84.

⁹ Charpentier foi o primeiro, a partir de 1838, a perceber que seria possível chamar a atenção dos leitores às obras de escritores clássicos. Em plena efervescência do folhetim, ele conseguiu implantar um volume que pudesse ser adquirido pelos leitores parisienses, uma obra que fosse feita de um material bom e barato. Entretanto, ele deixou para os outros a tarefa de recolher os benefícios mais importantes de sua revolução. Assim, rapidamente Michel Lévy assimilou as lições de seu colega e inaugurou uma coleção que foi bem aceita pelo público leitor francês – a coleção Michel Lévy. Essa coleção foi impressa a preço cômodo, pois ela tinha

vendido a 2 francos e, logo depois, a 1 franco, o uso do fragmento de romance não deveria ser colecionado por si próprio, mas jogado fora logo após o uso.¹⁰

Ademais, os temas das histórias presentes nos textos seriados chegavam, às vezes, a levar o leitor comum a confundir a realidade com ficção ou vice-versa. Esse fato ocorreu com a leitura de *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, publicado no *Journal de Débats*, em que os leitores ficaram tão entusiasmados com a história que enviavam cartas para o jornal com o intuito de colaborar com o autor quanto à continuação do enredo, dando sugestões de saídas para as situações dramáticas, pedindo até o endereço do protagonista da narrativa para que pudessem chegar às cartas diretamente a ele.¹¹ Enfim, com a utilização desses elementos, aumentava a cada dia a leitura dos romances-folhetins que atraíam o público leitor francês do século XIX e o colocava como um subsídio cultural de valores.

Outra característica marcante na estrutura do romance-folhetim foi a utilização das técnicas do teatro popular francês, como nos informa Tinhorão

Quanto à técnica teatral, ela aparecia não apenas na estrutura dos próprios capítulos do romance (os três atos das peças transformados nos três momentos básicos de cada folhetim: 1º) descrição da situação dramática; 2º) agravamento das tensões; 3º) perspectiva de resolução, mantido o suspense até o capítulo seguinte), mas ainda na própria concepção por assim dizer visual das histórias.¹²

Segundo José Ramos Tinhorão, essa técnica do teatro se fez presente nos textos publicados para/no jornal como uma forma estrutural que agradava não só aos proprietários dos periódicos do século XIX, como também àqueles que procuravam uma distração nas histórias proporcionadas pelos romances-folhetins. Ainda nessa perspectiva de comparar o romance-folhetim com o teatro francês, Alfred Nettement contribuiu afirmando que as tiras diárias nos jornais formavam um “teatro móvel que procura os seus espectadores em vez de esperá-los”.¹³

surgido em uma conjuntura que favorecia os romances de fragmento. Sabendo dessa concorrência, Michel Lévy realizou várias estratégias de venda de sua coleção. Em março de 1856, trouxe em seu catálogo uma página dedicada às novidades, e, entre seis páginas desse mesmo catálogo, duas eram dedicadas às bibliotecas contemporâneas in-18 vendidas a 2 ou 3 francos, englobando livros de história, literatura e viagens; e uma dedicada à biblioteca dos viajantes in-32 a 1F, contendo livros como a *Collection Hetzel et Lecou*. Portanto, era anunciada uma nova fase no comércio livreiro francês com o formato Charpentier, que, de fato, ganhou a simpatia e respondia às necessidades e ao gosto de todos.

¹⁰Ibid., p. 33-34.

¹¹Ibid., p. 190.

¹²TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994. p. 9.

¹³RIBEIRO, José Alcides. **Imprensa e ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 28.

Por outro lado, outra característica recorrente à composição da literatura seriada foi a técnica do melodrama¹⁴. Esse artifício trouxe para o romance-folhetim algumas contribuições no que diz respeito a sua exposição ao público leitor, pois esse público procurava nos escritos, cenas de grandes paixões e ações, dando às narrativas seriadas forte “sabor emocional”. Por isso, como bem define Martin-Barbero

O melodrama nasce como “espetáculo total” para um povo que já pode se olhar de corpo inteiro, “imponente e trivial, sentencioso e ingênuo”. Daí a peculiar cumplicidade com o melodrama de um público que – não procura palavras na cena, mas ações e grandes paixões.¹⁵

Assim, a ideia de “espetáculo total” trazida por Martin-Barbero não se resumia apenas ao nível da encenação, mas centrava-se também no plano de uma estrutura dramática. Por isso, não foi à toa que os folhetinescos trouxeram para seus escritos essa técnica, pois as histórias seriadas apresentavam conteúdos quase sempre envolvendo drama amoroso ou familiar. Desse modo, os capítulos possuíam certa tensão em seus conteúdos, construindo uma atmosfera de suspense, a qual se tornou a mola essencial do romance-folhetim e, dessa maneira, instigavam a curiosidade do leitor do jornal diário, para que o mesmo pudesse comprar o exemplar do dia seguinte e, assim, acompanhar as histórias melodramáticas.

Após essa disposição de informações acerca das características e dos elementos que faziam parte da estrutura de um romance-folhetim, retornamos à epígrafe do início deste capítulo, “o folhetim não é algo unívoco, fechado, mas tem uma história, a qual se escreve na História”.¹⁶

Quando Meyer (1996) tratou do folhetim, em seu livro *Folhetim: uma história* definiu-o como um segmento não fechado ou que não admitia apenas uma interpretação, pois o mesmo se inscreveu na História da Literatura – fragmentado, aos pedaços, destarte apresentar em seu fim um enredo coeso e encontrar seu sentido em um contexto histórico

¹⁴A origem do melodrama, segundo Ivete Huppés, está associada à ópera, pois “na Itália, onde era de fato sinônimo de ópera, também se ligou à opereta e à ópera popular, que junta texto e canção, sendo conhecido desde o século XVII. Daí passou à França, atingindo então o estágio composicional que veio a conquistar o prestígio e a aceitação que lhe reconhecemos. A forma é popular desde as últimas décadas do século XVIII”. Além disso, o melodrama triunfa em uma estrutura imutável: intriga, amor, infelicidade, vingança, perseguições como eixo de intriga são elementos que fazem parte do enredo desse gênero e que também são fartamente encontrados nos romances-folhetins. As personagens presentes no melodrama, segundo o *Dicionário de Teatro*, de Patrice Pavis, “passa claramente, separadas em boas e más, não têm uma opção trágica possível; elas são poços de bons ou maus sentimentos, de certezas e evidências que não sofrem contradição. Seus sentimentos e discursos, exagerados até o limite do paródico, favorecem no espectador uma identificação fácil e uma catarse barata”. Tais características também estão presentes nas personagens que envolvem as tramas dos romances-folhetins. Cf. HUPPÉS, Ivete. **Melodrama: o gênero e sua permanência**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. p. 21. PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspective, 1999. p. 239.

¹⁵MARTIN-BARBERO, 2003, op. cit. p. 170.

¹⁶MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

específico. Assim que este gênero se inscreveu não só na História literária da França como também na História literária do Brasil.

Contudo, antes de passarmos à história do romance-folhetim, é importante observar que, antes de 1836, esse fenômeno já se encontrava em outro meio de divulgação – o da revista literária. Grandes revistas literárias como *Revue germanique* (1825) publicavam obras em fascículos. Mas é somente com a ideia de Alfred Xavier Rambou, em agosto de 1835, de propor aos leitores do periódico criado por ele, *L'Ami du Peuple*, o último romance de Balzac, *Le Père Goriot*, que os romances em série vão para ambiente jornalístico.¹⁷

Figura 1 – 1º número do Jornal *La Presse*.



Fonte: Biblioteca Nacional.

Comentário: Nessa figura verificou-se a primeira edição do jornal *La Presse* e o espaço onde circulava os romances-folhetins nos periódicos franceses.

Assim, ao tratar da presença do folhetim na História da França, observamos que ele foi uma nova forma de fazer literatura e o seu surgimento ocorreu em um contexto histórico e espaço específico. A coluna surgiu na França da primeira metade do século XIX, mais precisamente em 1836, em um lugar particular do jornal – o pé da página ou, como preferem alguns, o rodapé. Nesse espaço do *layout* ou *rodapé* das páginas dos jornais, o interesse era direcionar o público leitor apenas ao entretenimento. De início, como já foi mencionado, era comum a presença de vários tipos de textos como artigos ou romances de teatro, as artes plásticas,

¹⁷MOLLIER, 2008, op. cit. p. 86-87.

piadas, charadas, acrósticos¹⁸, anedotas, divulgação dos livros recém-lançados, críticas às últimas peças teatrais e dicas de beleza. Era um verdadeiro *vale tudo* ou, como caracterizou Martins Pena, um “sarrabulho lítero-jornalístico”¹⁹

Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos.²⁰

Esse espaço *vale-tudo*, com o decorrer do tempo, ganhou nova importância e direção com relação à seleção dos textos que frequentavam as páginas dos periódicos. Com o tempo, os textos selecionados a compor nessa coluna foram assumindo um caráter mais específico e delimitado, chegando a serem inseridos semanalmente nesse ambiente como as críticas de teatro, as resenhas de livros, as variedades e os textos relacionados à vida cotidiana. Essas modificações ocorreram por conta do barateamento das ilustrações, ocasionadas pelas inovações técnicas das tipografias, expandindo, nesse sentido, a vocação recreativa do Folhetim.²¹

Diante dessas mudanças e desse novo rumo que esse espaço sofreu, em 1836, o jornalista e homem político da França, Émile Girardin e seu ex-sócio Armand Dutacq, ao perceberem o quanto era rentável e lucrativo esse modelo de jornal, e principalmente essa seção, lançaram, no mesmo ano, dois jornais – o *La Presse* e o *Le Siècle*. Tais periódicos foram um verdadeiro sucesso na França e a seção *Folhetim* também, a qual se transformou em um ambiente que proporcionou maior aumento das vendas e das renovações das assinaturas dos jornais de época. Então, percebendo o sucesso e o lucro que eles poderiam obter das folhas impressas, esses dois jornalistas procuraram estabelecer um lugar de destaque ao *feuilleton*, ampliando o sentido dessa palavra.²²

Desse modo, as tão famosas e desejadas *ficções em fatias* ou *seriadas* passaram a ser publicadas diariamente, semanalmente ou quinzenalmente nos jornais e, particularmente, no espaço *Folhetim*. Eram ficções que, entre outras coisas já ditas anteriormente, apresentavam-se geralmente em capítulos longos para atrair a atenção, a participação e a curiosidade do leitor.

¹⁸Eram textos elaborados a partir das iniciais dos nomes de pessoas, formando, às vezes, verdadeiros poemas com estrofes, versos e rimas.

¹⁹MEYER, 1996. p. 58.

²⁰Ibid., p. 57-58.

²¹Ibid., p. 58.

²²Ibid., p. 59-60.

O contato desse leitor com esses textos, veiculados num suporte mais acessível, compõe o processo de democratização da leitura e do surgimento de um novo público no século XIX – a mulher e os operários. Essa nova classe de leitores identificava-se com as histórias publicadas nos jornais, conseqüentemente, com os romances-folhetins. A figura feminina foi marcante nesse processo, pois as mulheres eram as que mais compravam e liam as histórias contidas ao pé da página dos jornais, como afirma Martyn Lyons

[...] são poucas as mulheres da província que não lêem cinco ou seis volumes por mês; muitas lêem 15 ou vinte; e não se encontra uma cidadezinha que deixe de ter dois ou três gabinetes de leitura.²³

Lyons (1999) e Mollier (2008) partilham da mesma idéia quando reconhecem que as leitoras foram expressivas no consumo e na leitura dos romances-folhetins. Isso se justifica porque as narrativas publicadas em fascículos tinham a características de se constituírem em verdadeiros dispositivos²⁴ de valores e de comportamentos direcionado às mulheres do século XIX.

Assim, as práticas de escrita e de leitura do gênero romance-folhetim tornaram-se um verdadeiro fenômeno francês, tendo como o primeiro romance publicado em partes pelo jornal *Le Siècle* o romance espanhol *Lazarillo de Torme*, uma obra que marcou o momento inicial de divulgação e de publicação dessas narrativas folhetinescas naquele país.²⁵

Aos poucos, essas narrativas começaram a ser incorporadas aos jornais franceses e, no final de 1836, com a fórmula “continua amanhã” ou “continua no próximo número”, termo criado pelo próprio Girardin, tomaram conta dos hábitos de leitura na França, onde os leitores apreciavam esse tipo de publicação, superando qualquer expectativa tanto por parte dos donos dos jornais, quanto por parte dos escritores que passaram a ganhar dinheiro com a “fabricação” desse gênero. Foi assim, que a nova receita de ficções em prosa surgiu. O romance-folhetim que, aliás, se solidificou em 1842, com a edição de *Os mistérios de Paris*, de Eugène Sue, no *Journal de Débats*. A partir de então, vários jornais da França redefiniram-se e passaram a utilizar o esquema de publicação colocado em prática por Émile de Girardin.²⁶

²³LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 171.

²⁴Ao trabalhar nesse momento com a categoria *dispositivo* para classificar o romance-folhetim na perspectiva de um dispositivo de valores e de comportamentos, recorremos à definição de Giorgio Agamben quando afirma: “chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Cf. AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009, p. 40.

²⁵MEYER, 1996, op. cit. p. 65.

²⁶RIBEIRO, 1996, op. cit. p. 28.

Para compreender a incorporação no cenário jornalístico e o sucesso dos folhetins, recorremos a Walter Benjamin ao revelar que durante a Restauração da França os jornais não podiam ser vendidos em números avulsos, somente os assinantes podiam receber os exemplares, e essa assinatura tinha um preço elevadíssimo de 70 francos. Em 1836, segundo Benjamin, havia em Paris 47 mil assinantes de jornais até a inauguração dos romances-folhetins, fato que fez esse número ser ampliado para 70 mil assinantes. No ano seguinte, em 1846, o número de assinantes chegou a 200 mil. O jornal de Girardin teve um papel marcante nesse aumento de leitores, pois foi responsável por três importantes renovações no mundo dos periódicos franceses: a redução do preço da assinatura para 40 francos, a circulação de anúncios e a publicação do romance-folhetim.²⁷

A ideia desse fenômeno de escrita que agradou ao público repercutiu por toda França e logo ganhou lugar de honra e destaque nos jornais parisienses, “de início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé –, geralmente o da primeira página”.²⁸ De fato, esse sucesso gerou uma maneira peculiar de publicação – o de publicar em “fatias seriadas”, recebendo, dessa forma, simpatizantes e não-simpatizantes desse modo de conduzir a escrita literária francesa.

Do ponto de vista da recepção crítica do romance-folhetim francês, um estudo que contribuiu para compreender esse processo é o de José Alcides Ribeiro, intitulado *Imprensa e ficção no Século XIX*. Nesse trabalho, o autor expõe algumas críticas de autores como Sainte-Beuve, Alfred Nettement, Régis Messac, Pierre Noriey, Jean Tortel, Jean-Louis Bory e Umberto Eco a respeito de como foram recebidas as tão populares “tiras diárias” dos jornais.

Dentre os críticos apontados pelo autor, destacamos Sainte-Beuve, uma vez que o mesmo teceu fortes considerações em relação às ficções seriadas, chamando-as de uma *literatura industrial*. Esse termo atribuído aos romances populares em fascículos foi encontrado no seu artigo *De La littérature industrielle*, de 1839, no qual demonstrou a sua insatisfação com o rumo que a escrita literária francesa vinha sofrendo e a sua preocupação no que diz respeito à discrepância entre a publicação de textos em formato livro e a publicação de textos em formato folhetim e às marcas do processo de difusão do modo narrativo folhetinesco

²⁷BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: BAUDELAIRE, Charles. **Um lírico no auge do capitalismo**: obras escolhidas III. Tradução de José Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 23.

²⁸MEYER, 1996, op. cit. p. 57.

O estilo alongou-se em todos os seus fios como os panos esticados. Há autores que já não escreveram os seus romances-folhetins senão em diálogo, porque a cada frase, às vezes a cada palavra, há espaço em branco e ganha-se uma linha.²⁹

É possível perceber nessa declaração de Sainte-Beuve o quanto os escritores de época como Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail, Paul Féval, Eugène Sue, entre outros, publicavam em grandes quantidades os romances-folhetins para os jornais, causando, em sua opinião, uma produção literária artificial. Além disso, em seu artigo ficou evidenciado que para obter mais lucros e maior aceitabilidade diante do público leitor era preciso que o romance viesse com algumas técnicas que fizeram parte do processo de construção ficcional do padrão folhetinesco: a presença imensa de diálogos e o aumento proposital da história. Essas marcas estruturais, características das ficções seriadas inseridas nas notas de rodapé dos periódicos no período oitocentista, eram freqüentes como técnicas propostas pelos donos dos jornais e também como estratégias para ganhar mais leitores e assinantes para os seus jornais, além de fazer com que os escritores prolongassem as suas histórias e, conseqüentemente, as vendas dos periódicos.

Por esse motivo, os modos de aquisição dos romances-folhetins ultrapassavam o circuito das livrarias, pois eles eram consumidos nas ruas, nas praças e distribuídos de casa em casa pelos entregadores dos jornais, por isso “o folhetim se inscreve nesse outro modo de circulação que passa do popular ao massivo sem passar pelo ‘culto’, ou melhor, pelos lugares ‘de culto’ da cultura”.³⁰

Entretanto, apesar das indignações e das declarações expostas pelos críticos literários com relação a esse fenômeno francês, isso não refletiu e nem causou impactos diante dos leitores, pois, no começo da década de 1840 a “receita está no ponto”,³¹ atraindo e segurando os indispensáveis assinantes dos jornais

Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim “folhetinesco” de Eugène Sue, Alexandre Dumas pai, Soulié, Paul Féval, Ponson du Terrail, Montépin, etc.etc³².

²⁹RIBEIRO, 1996. op. cit. p. 28.

³⁰MARTIN-BARBERO, 2003, op. cit. p. 188.

³¹MEYER, 1996, op. cit. p. 59.

³²Ibid., p. 59

Realmente, a publicação desse gênero caracterizado por Meyer (1996) como indigitado, nefasto, perigoso, muito amado e, até mesmo, indispensável, tornou-se o “filé mignon” dos jornais parisienses, ou, como definiu Mollier, “chamariz para manter um público leitor cativo por dezenas de anos”.³³ Assim, por meio da popularidade desses textos, os proprietários dos periódicos passaram a garantir cada vez mais lucros, propiciando um maior desenvolvimento da imprensa da França. Dessa maneira, essa forma de ficção ofereceu aos leitores da classe em acessão – a burguesia – acesso às páginas impressas por conta do barateamento dos seus custos de produção e venda. A respeito disso, Yasmin Nadaf comenta

O resultado foi um grande sucesso. A fórmula “continua amanhã” ou “continua num próximo número” que a ficção em série proporcionava ao folhetim alimentava paulatinamente o apetite e a curiosidade do leitor diário do jornal e, obviamente, como resposta, fazia aumentar a procura por ele, proporcionando-lhe maior tiragem e, conseqüentemente, barateando os seus custos. O jornal democratizava-se junto à burguesia e saía do círculo restrito dos assinantes ricos³⁴.

Diante disso, os romances em formato folhetim se constituíram em uma forma acessível de leitura para a burguesia de época, pois por meio das narrativas folhetinescas era possível ter acesso à trama, aos cenários e às personagens européias com as quais passou a se identificar.

Essa atividade literária atraiu tanto os jovens escritores, que adquiriram notoriedade como Paul Féval, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail, quanto os mais experientes, com escritos já difundidos no formato livro, como Alexandre Dumas pai, Honoré de Balzac, Eugène Sue, Victor Hugo, Frédéric Soulié. Porém, apesar da popularidade desses últimos, eles também não escaparam à nova moda de escrever e aderiram à publicação de suas prosas de ficção em folhetim, algumas mais curtas, outras mais longas, tornando alguns aptos e reconhecidos nessa técnica de fabricar romances em formato folhetim, para os jornais.³⁵

Dentre os romancistas de maior inserção nesse ramo de fabricação e confecção para os periódicos, destacou-se Alexandre Dumas pai (1802-1870), pois esse autor adquiriu uma habilidade em recortar romance já existente em formato livro e em escrever outros,

³³MOLLIER, 2008, op. cit. p. 83.

³⁴NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas**: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002. p. 18

³⁵Sobre a transformação do romance-folhetim em novela, verificar a dissertação de mestrado de Glenda Rose Gonçalves Chaves, sob orientação da Profa. Dra. Constância Lima Duarte, em 2007. Glenda Chaves em sua pesquisa realizou um estudo acerca da vida e da obra da escritora mineira Odette Machado Alamy, a qual viveu o período áureo do rádio que compreende as décadas de 40, 50 e 60. Sua pesquisa também faz referência à transformação do romance-folhetim em radionovela, analisando as novelas: *O Passado Voltou* e *O Pecado de Margareth*. Cf. CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A radionovela no Brasil**: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Belo Horizonte, 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais. p. 14.

criados exclusivamente para esse espaço. Essa prática peculiar era uma exigência dos proprietários dos jornais para que houvesse uma maior venda dos seus periódicos, assim como para a criação dos romances-folhetins para o espaço do *Folhetim*.

Além desse folhetinesco, como ficaram conhecidos os autores que escreviam e divulgavam os seus trabalhos no estilo desse gênero, destacou-se o Conde Ponson du Terrail (1829-1871), uma figura marcante diante dos franceses com o seu popularíssimo *O Rocamboles*, romance de grande inserção nos jornais parisienses. Aliás, esse romance não fez sucesso só na França, como também no Brasil. *O Rocamboles* ficou conhecido e foi bem aceito pelo público leitor, mantendo-se por vários dias, meses e até por anos nos jornais, assim como foi escrito e reescrito várias vezes pelo autor a pedido dos leitores.³⁶ Outros autores que faziam parte desse grupo de folhetinescos foram Paul Féval (1816-1887) que publicou – *Os mistérios de Londres*; Eugène Sue (1804-1857) – o qual publicou *Os mistérios de Paris* entre 1842 a 1843 no *Journal de Débats*, e Lamartine que, no período de 1838 a 1851, publicou *História dos Girondinos*.

Esses escritores recebiam verdadeiras fortunas para publicar seus romances nos jornais de Paris no século XIX. Estimou-se que Alexandre Dumas pai fechou negócio com *Le Constitutionnel* e com *La Presse* no valor de 63 mil francos por uma produção mínima anual de 18 volumes. Eugène Sue recebeu 100 mil francos por *Os Mistérios de Paris*. Lamartine, por sua vez, recebeu cerca de 600 mil francos por publicar *História dos Girondinos*. Esses homens de letras da França foram muito bem pagos pelas “mercadorias literárias” exibidas nas páginas dos jornais da época.³⁷

A fabricação em massa das obras de tais autores marcou a configuração de um momento singular na vida literária francesa. Momento em que os homens de letras passaram a pertencer a uma nova categoria social e política no universo literário – de escritor a empresário – tratando a partir de então o material literário como mercadoria. Como define Mollier

O romancista em moda não é mais apenas um escritor prolífico, como foi Balzac, mas um chefe de empresa, um comandante ou chefe de orquestra de um exército de músicos que trabalham sob sua direção, lhe preparam a tarefa e estão constantemente à sua disposição para lhe fornecer a cópia que ele não cansa de reclamar.³⁸

³⁶Segundo Ribeiro (1996), esse autor procurou demonstrar para o público leitor que o personagem Rocamboles teria sido baseado em uma personalidade da vida real do mundo do crime, procurando dar verossimilhança ao personagem na interminável série *Dramas de Paris*. Cf. RIBEIRO, 1996, op. cit. p. 27.

³⁷BENJAMIN, 1989, p. 25-26.

³⁸MOLLIER, 2008, p. 88.

Esse tratamento expandiu-se e autores como Alexandre Dumas pai foi reconhecido e criticado por sua escrita em massa. Panfletos como *Fábrica de Romances*, *Casa Alexandre Dumas e Cia* corriam pelas ruas de Paris nesse momento. A *Revista dos Dois Mundos* apresentava questionamento acerca da produção de Dumas: “Quem conhece os títulos de todos os livros assinados pelo Sr. Dumas? Será que ele próprio os conhece?”³⁹ Perguntas que mais tarde foram respondidas pela própria revista, em 1855, quando descreveu a representação da vida pitoresca do Sr. de Santis

Chegando à casa, fecha a porta à chave cuidadosamente... e abre uma pequena porta atrás de sua biblioteca. Com isso se acha num pequeno gabinete mal iluminado e bastante sujo. Ali, com uma longa pena de ganso na mão, está sentado um homem sombrio, de olhar submisso e cabelos emaranhados. Nele se reconhece a uma milha de distância o verdadeiro romancista de estirpe, mesmo que se trate apenas de um ex-funcionário de ministério que aprendeu a arte de Balzac através da leitura de *Le Constitutionnel*. O verdadeiro autor da “Câmara dos Crânios” é ele; é ele o romancista.⁴⁰

Tal descrição revelou que associados aos grandes nomes de folhetinesco da literatura francesa de época na França estavam presentes outros “atores sociais”, marcantes no processo de construção do folhetim, como os editores do jornal, os entregadores, os literatos pobres que configuravam o crescimento dos romances-folhetins no mundo francês do século XIX.

Dessa forma, a história de estabelecimento desse gênero corresponde a um longo processo, do qual participaram não apenas o público leitor e os folhetinescos, como também outros personagens.

Meyer (1996) considerou este processo dividido em três fases históricas marcantes no desenvolvimento do folhetim na França.

Na primeira fase (1836-1850) iniciou-se a publicação do romance-folhetim, voltado para as questões românticas, pois nesse momento encontrava-se no auge o Romantismo e o espírito revolucionário pós-revolução francesa ainda se fazia presente; havia a existência de inúmeros fluxos migratórios do campo para cidade, o florescimento de uma da classe operária e a concretização da burguesia. Nessa fase, destacaram-se as produções literárias de Alexandre Dumas e Eugène Sue, autores que se destacaram por terem presentes, em suas narrativas, as questões sociais como pano de fundo.

Na segunda fase (1851-1871), o desenvolvimento econômico e a consequente obtenção de novas máquinas de impressão por parte da imprensa fizeram com que se

³⁹LAVISSE, Ernest apud BENJAMIN, 1989, p. 26.

⁴⁰SAULNIER, Paulin apud BENJAMIN, 1989, p. 26.

expandisse a produção material, ocasionando também uma maior reprodução dos periódicos. Além desses dois elementos, outros dois fizeram-se presentes na divulgação do folhetim – o avanço tecnológico e a democratização da educação. Para essa segunda fase, a autora confirmou a presença dos Pierre Alexis Ponson du Terrail e Paul Féval.

Na terceira fase (1871-1890), a autora destacou um momento histórico marcante para a sociedade francesa – a Comuna de Paris. Nesse período o folhetim entra em decadência, justamente porque os autores desse período tratavam em seus textos questões que afetavam o governo. Nessa fase, foram marcantes os textos de Xavier de Motépin e Émile de Richebourg, que buscavam retratar as perspectivas reacionárias da sociedade parisiense.

Além desse aspecto, as narrativas que começaram a circular não abordavam mais um “herói puro ou negativo, aquele ‘indivíduo erguido contra a coerção social’⁴¹, mas um indivíduo que respeita as convenções sociais. Para reforçar mais esse momento da terceira fase, Meyer afirmou que

Folhetim da terceira fase, ‘romance da vítima’, romance que fala de mãe’, romance da ‘desgraça pouca é bobagem’, teve a sua importância? Teve-a, certamente, nas identificações, na alfabetização e educação, na aquisição de cultura [...] no deleite e no prazer das histórias bem contadas para todos os seus ávidos e sofridos leitores do último quartel do século XIX.⁴²

Essa fase trouxe consigo inúmeras mudanças no folhetim, mas não deixou de atingir o seu principal alvo – os leitores. Nesse momento, a identificação com as histórias narradas pelos folhetinescos foi bastante forte, pelo fato de que os leitores da terceira fase estavam envolvidos em um momento histórico particular. Por isso, a relação do leitor com o texto foi de deleite, de prazer das histórias que trazia certo alívio aos leitores do último quartel do século XIX.

Assim, caro leitor, essa foi parte da História do romance-folhetim que se configurou na França. Passamos agora para o momento em que esse gênero atravessou o oceano Atlântico e chegou até o Brasil, nos anos 30 do século XIX, atraindo e encantando o público-leitor brasileiro que logo começou a se deliciar com os enredos da prosa de ficção em séries, publicadas e divulgadas nos jornais brasileiros, assunto que trataremos na próxima página.

(Continúa)

⁴¹MEYER, 1996, op. cit. p. 104.

⁴²Ibid., p. 273.

1.2 O Romance-Folhetim no Brasil

Antes de nos aprofundarmos sobre a importância e a vinda desse gênero para as terras brasileiras, é preciso nos reportar a um evento que marcou esta questão no Brasil: o surgimento da imprensa.

Com efeito, o surgimento da imprensa no Brasil não se refere a um processo simples, certamente. Diversos acontecimentos atrelados às questões sociais e econômicas impediram a entrada das tipografias no país durante um tempo. Algumas iniciativas isoladas evidenciaram a presença de pequenas prensas antes da chegada da Família Real, sendo esse fato histórico um marco para a publicação periódica brasileira por meio da inauguração da Imprensa Régia, assinalando a abertura à imprensa no Brasil.

A imprensa surgiria, de fato, no Brasil com a chegada da Família Real, em 1808, quase 62 anos depois da última tentativa de implantar uma tipografia no país. Nessa vinda, Antônio de Araújo, na confusão da partida, mandou colocar no porão da *Medusa* o material gráfico que havia sido comprado para a Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, instalando nos baixos de sua casa.⁴³

Em 13 de maio de 1808 era inaugurada, então, a Imprensa Régia do Rio de Janeiro, pela necessidade de se imprimir materiais e documentos burocráticos-administrativos, por conta da chegada da Corte portuguesa.

A Imprensa Régia representava para o Brasil um novo quadro no que diz respeito à História da Imprensa Brasileira com as liberações e as aberturas de tipografias que antes eram perseguidas e proibidas pela Corte.⁴⁴ Por outro lado, esse órgão do governo organizou uma junta, em 24 de junho de 1808, com objetivo de censurar os materiais que circulavam na colônia portuguesa, “examinar os papéis e livros que se mandassem publicar e fiscalizar que nada se imprimisse contra a religião, o governo e os bons costumes”.⁴⁵

Depois da chegada do Rei D. João VI ao Brasil foram inegáveis as transformações ocorridas na colônia portuguesa. Dentre elas, não podemos deixar de lado a presença do primeiro jornal a circular no país com a ajuda do jornalista Hipólito da Costa: o *Correio Braziliense*, fabricado em Londres e depois enviado para o Brasil. Segundo Isabel Lustosa⁴⁶, esse periódico fazia-se presente no país com esse nome por causa dos portugueses nascidos ou

⁴³ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. p. 22.

⁴⁴ SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Adaptações e livros baratos para a corte: folhetos editados na Imprensa Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. Rio de Janeiro, 2004. p. 1.

⁴⁵ SODRÉ, 1966, op. cit. p. 23.

⁴⁶ LUSTOSA, Isabel. Um jornal com posse de livro. In: O NASCIMENTO da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

estabelecidos em terras brasileiras e que se sentiam vinculados ao Brasil como a sua primeira pátria. Sabendo dessa informação, Hipólito da Costa deu a seu jornal o nome de *braziliense* com o intuito de mandar mensagem aos leitores do Brasil.

Além disso, curioso foi o formato desse jornal, muito semelhante a um livro, visto que, nesse momento, o papel da imprensa incorporava além do caráter informativo, o educativo. Os jornalistas cumpriam o papel de educadores, pois nesse contexto era precária a presença de escolas, embora a presença dos livros já ocorresse em grande proporção no país.⁴⁷

Mas o primeiro jornal impresso no Brasil foi a *Gazeta do Rio de Janeiro*, lançado em 10 de setembro de 1808, semelhante ao modelo do jornal que circulava em Lisboa, a chamada *Gazeta de Lisboa*. Era um jornal de custo barato, preocupado apenas em informar os acontecimentos ocorridos na Europa.

O segundo jornal a ser publicado no Brasil só apareceria em 1813, cerca de cinco anos após o lançamento do primeiro. Assim, começaram a ser fundados diversos periódicos no país, alguns com o intuito de informar os fatos relacionados à Família Real; outros de cunho liberal, como foi o caso do *Jornal Revérbero Constitucional Fluminense* (1821), o primeiro a percorrer pelo Brasil sem a pressão dos censores.⁴⁸

Com a circulação do *Revérbero Constitucional Fluminense*, a imprensa passou a apresentar o seu primeiro indício de liberdade com três elementos presentes: os periódicos que passaram a surgir questionando à Coroa, a independência do Brasil e a outorga da Constituição de 1824. Mas essa liberdade não era absoluta, uma vez que a atuação dos jornalistas ainda era limitada. Havia uma preocupação em preservar o Império, criminalizando as condutas dos jornalistas que viriam a ofender o Imperador e a propagar ideias contrárias à ordem do Estado. Contudo, a imprensa brasileira transgrediu essas regras legais e inúmeros jornais foram fundados no Brasil, abordando principalmente temas do cotidiano nacional.⁴⁹

Diante desses acontecimentos históricos, chegamos à circulação do primeiro romance-folhetim em terras brasileiras: no *Jornal do Commercio*, circulou a obra *Capitaine Paul*, do aclamado Alexandre Dumas pai. Após esta primeira experiência, o fato se tornou cotidiano, como observou Meyer “Entre 1839 e 1842 os folhetins-romances são praticamente cotidianos no *Jornal do Commercio*, embora os autores ainda não sejam os mais modernos”.⁵⁰ A partir de então, começa-se a perceber uma frequência de romances-folhetins de outros autores franceses nos periódicos brasileiros como *Os mistérios de Paris* e *O Judeu de*

⁴⁷Com relação à presença de escola no Brasil, Cf. LUSTOSA, 2004. Sobre a presença dos livros nesse momento histórico. Cf. ABREU, Márcia. Concepções sobre romance. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, 2008.

⁴⁸SODRÉ, 1966, op. cit. p. 24.

⁴⁹SODRÉ, 1966, op. cit. p. 25.

⁵⁰MEYER, 1996, op. cit. p. 283.

Errante, de Eugène Sue; *O conde de Monte Cristo* (iniciado em 1845) e *Os três mosqueteiros*, de Dumas; *Dramas de Paris ou O Rocamboles*, de Ponson du Terrail, *Os mistérios de Londres*, de Paul Féval, *A padeira*, de Xavier de Montépin e *A toutinegra do moinho*, de Émile Richebourg. Essas obras, segundo Nadaf, estiveram presentes nas páginas dos jornais brasileiros e, supostamente, foram muito lidas no Brasil.⁵¹

As narrativas folhetinescas francesas conseguiram obter um lugar de destaque nos jornais nacionais, encantando e despertando a curiosidade do público leitor brasileiro, fazendo com que os proprietários dos periódicos ganhassem e aumentassem seus lucros. Isso ocorre porque esse gênero chegou ao Brasil com o mesmo modelo e o mesmo intuito estabelecido na França – o de promover a venda dos jornais e, conseqüentemente, aumentar consideravelmente o público leitor como adverte Tinhorão

Os romances-folhetins, ou de folhetim, como passariam a ser chamados a partir da década de 1840, vinham representar no Brasil – repetindo o que acontecera na França – uma abertura dos jornais no sentido da conquista de novas camadas de público, principalmente feminino, pois o tom da imprensa diária tinha sido, até então, o do comentário e doutrinação política, o que evidentemente só interessava a homens das áreas do governo, do capital, do comércio e da elite intelectual dos profissionais liberais.⁵²

A expansão das publicações em folhetins foi providencial para a formação de um novo público, em especial as mulheres, como também o lançamento na Literatura Brasileira de autores que passaram a escrever suas obras “recortadas” nas notas de rodapés dos jornais brasileiros. Esse fato aconteceu, por exemplo, com o escritor de *O Guarani*, José de Alencar, que publicou seu romance em formato folhetim em 1856, o qual teve uma repercussão por todo o Brasil. Por conta disso, os romances de rodapé passaram a ser caracterizados como veículos de popularização dessa Literatura.

Com relação à realidade brasileira, da participação da mulher como um novo público leitor, Regina Zilberman e Marisa Lajolo advertem

Só a partir do século XIX, após a separação de Portugal, quando a independência motivou um projeto educacional para a nova nação, dentro do qual se incluía, ainda que marginalmente, a instrução da mulher, é que entre nós, como já ocorrera na Europa, a presença feminina teve efeitos no âmbito da produção e circulação das obras dos escritores brasileiros.⁵³

⁵¹Cf. NADAF, 2002.

⁵²Cf. TINHORÃO, 1994, p. 13.

⁵³LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1998. p. 240.

De certo modo, como mencionaram as autoras, a presença de um público feminino no Brasil não se limitou apenas no que diz respeito à construção de um novo público, mas também quanto à participação efetiva da produção e da circulação das obras dos escritores brasileiros e, por conseqüência, na leitura dos romances-folhetins.

Além disso, o gênero, ao aparecer nos periódicos brasileiros, apresentou alguns elementos específicos. Dentre eles, destacamos a maneira como foi divulgado nos jornais, pois, assim como ocorreu na França, as narrativas em fascículos apresentavam-se nos rodapés dos periódicos brasileiros, seguidas de data, de título e do nome do autor, em uma coluna denominada *Folhetim*. Tal coluna esteve presente em quase todos os jornais do Brasil, trazendo consigo o mesmo estilo e objetivo daquela apresentada nos periódicos franceses, com divulgação de textos variados e a presença do elemento mais atraente da seção, os romances-folhetins. Socorro Pacífico definiu-a como o *carro-chefe de muitos jornais*⁵⁴ no oitocentos, presente não só no *Jornal do Commercio*, no *Correio Mercantil*, no *Diário de Pernambuco*, no *Correio Paulistano* e, também, nos jornais paraenses como *O Liberal do Pará*, *O Diário de Belém*, *A Província do Pará*, entre outros.

As narrativas seriadas publicadas nessa coluna não apresentavam uma regularidade quanto ao número de páginas e de capítulos. Algumas eram longas e outras mais curtas. Essas diferenciações nos números de páginas publicadas dependiam de um elemento principal, o leitor. Eram os leitores que conduziam a direção dessas ficções, através da aceitabilidade dos mesmos perante as narrativas. Assim, ao realizar uma pesquisa em periódicos, percebe-se que alguns romances-folhetins são interrompidos, o que nos permite conjecturar que, quando não tinham boas “convivências” com o público-leitor, essas prosas ficavam ausentes das páginas dos periódicos brasileiros.

Vale ainda ressaltar que o gênero folhetinesco influenciou em alguns aspectos o romance brasileiro, particularmente, no que diz respeito a dois elementos: os estilos e as técnicas do próprio romance brasileiro, embora vários historiadores da literatura não atribuam a devida importância a essa influência. Como confirma Tinhorão

De fato, e embora a maioria dos historiadores da literatura brasileira não cheguem a mencionar essa circunstância, é do romance de folhetim que se originam as principais técnicas do romance no Brasil: a constante intervenção do autor no desenrolar das histórias (inclusive dirigindo-se aos leitores em tom de conversa); a extrema complicação dos enredos, num desdobramento linear de quadros sem preocupação com a verossimilhança; a finalização de cada capítulo em clima de suspense; e a surpresa da retomada de personagens e situações anteriores em conexão inesperada com ações

⁵⁴Cf. BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007. p. 36.

atuais (chegou a ser o lugar-comum nas histórias românticas os casos de amor impossível, por descobrirem os amantes – sempre no último capítulo – que eram irmãos).⁵⁵

Essa maneira de conduzir as narrativas em capítulos seriados nos jornais brasileiros, por meio das interrupções dos capítulos no momento ápice, da intervenção do autor, influenciou de fato a ficção brasileira, particularmente o romance. No entanto, de início, alguns autores como Machado de Assis e Aluísio de Azevedo não admitiam essa maneira de conduzir a escrita literária. Acreditavam que o gênero dava um tom popularesco à Literatura Brasileira e, por sua vez, não conciliavam com os ideais dos romancistas que tentavam atribuir uma “cor local”⁵⁶ aos escritos brasileiros. Diante disso, o folhetim chegou a ser considerado como subliteratura, uma literatura menor ou um gênero marginal da literatura. Todos esses adjetivos foram conferidos ao gênero, sendo negada a influência do mesmo na formação da Literatura do Brasil.

De fato, as narrativas dos escritores brasileiros imitaram o formato do espaço folhetim dos franceses, com publicações nos jornais ao pé das páginas, capítulos seriados das prosas de ficção, além dos demais elementos que incrementaram a fórmula. Mas isso não era um ideário dos escritores brasileiros, os quais apenas consideravam o jornal como um meio para divulgar suas obras, um veículo para um maior contato com o público leitor e uma forma de ganhar dinheiro para viver da literatura.

Isso aconteceu, por exemplo, com Aluísio de Azevedo que foi um dos primeiros escritores no Brasil a sobreviver exclusivamente da literatura, salvo algumas condições que o levaram a condenar a fabricação dos seus romances em formato folhetim. Por isso, cabe ressaltar que Azevedo não se agradava com a publicação dos seus romances em folhetins, como podemos visualizar através de um trecho da carta enviada, em 24 de novembro de 1884, a um amigo, o deputado Afonso Celso de Assis Figueiredo, solicitando um cargo administrativo, na qual Aluísio afirmou: “Repito: seja lá o que for – tudo serve; contanto que eu não tenha de fabricar *Mistérios da Tijuca* e possa escrever *Casas de Pensão*”.⁵⁷

Porém, Aluísio de Azevedo, assim como outros romancistas da época, como Machado de Assis, não conseguiram ficar indiferentes a essa “febre” que dominava o país,

⁵⁵TINHORÃO, 1994. p. 28.

⁵⁶“Descrever costumes, paisagens, fatos, sentimentos carregados de sentimento nacional, era libertar-se do jugo da literatura clássica, universal, comum a todos, preestabelecida, demasiado abstrata – afirmando em contraposição o concreto, espontâneo, característico, particular”. CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura: momentos decisivos**. v. 2., 4. ed. São Paulo: Martins Editora, 1971. p. 15.

⁵⁷FERREIRA, Cássio Dandoro Castilho. **Leitura e literatura no século XIX: considerações nas cartas e crônicas de Aluísio Azevedo**. Disponível em: <www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_4320.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2010.

pois em 1874, saiu *A Mão e a Luva*, de Machado, no jornal *O Globo*; em 1878, *Iaiá Garcia* no jornal *O Cruzeiro*, também de Machado; e com relação a Aluísio de Azevedo, estimou-se que entre 12 de seus romances, pelo menos oito foram escritos em formato folhetim e possuíam as suas características.⁵⁸

Cabe ainda notar que, por causa dessa negatividade, muitas vezes admitidas pelos críticos ou pelos próprios escritores, sérias consequências foram trazidas para a divulgação e a permanência de alguns escritores no mundo literário, como foi o caso do autor Teixeira e Sousa, que ficou esquecido pelos críticos literários, justamente, por conta de sua particularidade em escrever no estilo do chamado *folhetinesco*. Assim, Candido definiu-o dizendo: “ele o representa, com efeito, todos os traços de forma e conteúdo, em todos os processos e convicções, nos cacoetes, ridículos, virtude”.⁵⁹

Entretanto, estudos e trabalhos recentes vêm cada vez mais apontando a presença e a participação considerável desse gênero na contribuição da formação da Literatura Brasileira. Nessa perspectiva, citamos o trabalho Tinhorão, intitulado *Os Romances em Folhetins no Brasil: 1830 à atualidade*, o qual apresentou uma lista de obras e autores brasileiros que antes de fazerem parte do cânone literário nacional e, até mesmo, antes de publicarem as suas obras em formato livro, publicavam os seus romances em formato folhetim. Dentre as obras e os autores, foram citados: *Chegado de Londres e vindo de Paris* (1844), de Joaquim Noberto de Souza e Silva; *A Providência* (1853), de Teixeira e Souza; *A carteira de meu tio* (1855), de Joaquim Manuel de Macedo; *Diva* (1856), *Cinco Minutos* (1856), *O guarani* (1857) e *A viuvinha* (1857), de José de Alencar. Essas obras, publicadas primeiramente em romance-folhetim, tiveram suas edições no formato livro. Também não ficaram de fora alguns romances de Machado de Assis como *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876). Entre os mais conhecidos até os dias de hoje, foram da mesma forma divulgados em folhetins *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia e *A mortalha de Alzira* (1891), de Aluísio de Azevedo.⁶⁰

O trabalho de José Ramos Tinhorão foi muito além da simples citação a essas obras e desses autores. O autor fez um levantamento das ficções em capítulos (ou em folhetins) no Brasil desde 1830 até 1994, apontando que não foi somente importante a publicação dessas obras em jornais, mas também a participação das revistas brasileiras, as quais contribuíram para a divulgação desse estilo de escrita que circulou no século XIX,

⁵⁸Ibid., p. 20.

⁵⁹Todas as obras de Teixeira foram publicadas em formato folhetim. Em destaque: *O Filho do pescador* (1843), *Tardes de um Pintor ou As Intrigas de um Jesuíta* (1847), *Gonzaga ou A Conjuração de Tiradentes* (1848-1851), *Maria ou A Menina Roubada* (1852-53), *A Providência* (1854), e por fim, *As Fatalidades de Dois Jovens* (1856). CANDIDO, Antonio. 1964, p. 126-127.

⁶⁰TINHORÃO, 1994. op. cit. p. 49-99.

como, por exemplo, a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, na *Revista Brasileira*, em 1880.

Assim, tendo como panorama o trabalho de José Tinhorão, podemos visualizar que as escritas no formato folhetim, realmente, fizeram um grande sucesso nos periódicos brasileiros, dando credibilidade e permanência a alguns escritores que atualmente são reconhecidos no cânone, com a publicação primeira de suas obras nos jornais do Brasil em publicações seriadas.

Paralela a essas divulgações dos trabalhos dos escritores brasileiros temos a presença dos romances-folhetins de autores franceses, repercutindo nos periódicos do país e chegando a permanecer vários meses e até mesmo anos nos jornais do Brasil. Tal repercussão se configurou, justamente, porque os romances que aqui circulavam de autores estrangeiros também circulavam na França, pois eram bem próximas às publicações nas tiras diárias dos jornais das narrativas seriadas.

Para a divulgação e tradução de tais narrativas podemos destacar o jornalista Justiniano José da Rocha. Tradutor de vários romances do francês para o português como *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas; *Os Miseráveis*, de Vitor Hugo, entre outros. Foi considerado como o precursor do gênero no Brasil. Segundo Tânia Serra, Justiniano da Rocha traduziu o primeiro texto que apresentou algumas características específicas do romance-folhetim como mistério, as peripécias e a vingança.⁶¹

Para Ubiratan Machado, esse jornalista traduziu dezenas de romances, novelas e contos do francês, abastecendo os folhetins dos jornais cariocas

O campeão absoluto na tradução de obras de ficção foi Justiniano José da Rocha. Durante quase 25 anos, de 1839 a 62, o grande jornalista verteu para o português dezenas de romances, novelas e contos do francês, destinados a abastecer os folhetins dos jornais cariocas.

Justiniano trabalhava com extrema rapidez. Em um mês concluiu a tradução dos três volumes de *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, e em dois meses e meio colocou em português as duas mil páginas de *O conde de Monte Cristo*⁶².

A figura desse jornalista para a repercussão dos romances-folhetins franceses no Brasil foi de extrema importância, por conta de sua participação nas traduções dos textos franceses e, também, espanhóis. A sua contribuição favoreceu o acesso do público-leitor às leituras das prosas de ficções estrangeiras.

⁶¹SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997. p. 31.

⁶²MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 43

Em decorrência dessa dinâmica de divulgação das narrativas francesas, podemos observar a presença, no rodapé do *Jornal do Commercio*, no dia 1º de setembro de 1844, do tão esperado *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. A tradução dessa ficção deveu-se a R. (Justiniano José da Rocha). Esse romance permaneceu quase um ano no jornal e, em todos os dias, lá estava *Os Mistérios de Paris*, durante quatro meses, ocupando praticamente o suplemento dominical inteiro. Seu fim chegou em 20 de janeiro de 1845.⁶³

Outro francês lido pelos leitores brasileiros foi Alexandre Dumas pai. Em 30 de dezembro de 1858 iniciou-se no mesmo periódico – *Jornal do Commercio* – o folhetim *O horóscopo*, permanecendo até março de 1859. A partir de 1859, apareceu nas notas de rodapés da mesma folha, não só na Corte como também nas províncias, *O Rocambole*, até 1880, ano em que as narrativas de Xavier de Montépin começaram a aparecer nos jornais brasileiros.⁶⁴

No entanto, as obras desses autores franceses não circularam somente nos jornais da Capital do Brasil no período oitocentista – o Rio de Janeiro. Eles chegaram até as províncias brasileiras. Como foi o caso da província do Pará, do Mato-grosso e da Paraíba, onde houve, nas capitais, a presença dos romances-folhetins franceses com uma frequência marcante.

Estudos como o de Yasmin Nadaf, intitulado *Rodapé das miscelâneas*, permitem verificar no periodismo mato-grossense a presença de escritos em formato folhetim de autores brasileiros e franceses. Análogos ao modelo do Rio de Janeiro, no Estado do Mato Grosso, foram publicados nas barras dos jornais, textos literários de folhetinescos brasileiros mais populares como: *O Guarani*, de José de Alencar; *Inocência*, de Visconde de Taunay; *Philomena Borges*, de Aluísio de Azevedo, e *A carteira de meu Tio*, de Joaquim Manuel de Macedo.

Além desses escritores brasileiros, observou-se nos periódicos *O Mato Grosso* e *O Republicano*, entre os anos de 1893 e 1899, os romances traduzidos do francês para o português, tais como *A vida de uma atriz*, de Theodoro de Banville; *Regina*, de Alphonse de Lamartine e *Tartarin de Tarascon*, de Alphonse Daudet. Porém, de acordo com Nadaf (2002), nos impressos mato-grossenses registraram-se uma ausência dos romances-folhetins de autores populares nesse estilo de escrita como Alexandre Dumas Pai, Paul Féval, Xavier de Montépin, Pierre Alexis Ponson du Terrail, Eugène Sue, entre outros.

Entretanto, o público leitor do Mato Grosso não tinha apenas o jornal como meio de contato com a leitura desses autores. A livraria Casa A. T. Aquino Correias ofereceu aos

⁶³Cf. MEYER, 1996, p. 283.

⁶⁴Ibid., p. 297–298.

cuiabanos a possibilidade de aquisição de livros não apenas destes como de outros autores franceses como Honoré de Balzac e Victor Hugo.⁶⁵

No caso do Estado do Pará, a presença dos autores franceses foi marcante, pois nas folhas dos jornais paraenses ocorreu certa assiduidade dos romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin. Estima-se que apareceram os seus textos nos jornais *O Liberal do Pará*, *Diário de Belém*, *A Província do Pará*.⁶⁶ Assim como em outras províncias, o jornal serviu de suporte para a divulgação e publicação das prosas de ficções francesas no período do século XIX, na província do Grão Pará.

Um dos periódicos que noticiou na coluna *Folhetim* os romances seriados foi *O Liberal do Pará*. A história desse jornal no século XIX, assunto que trataremos mais adiante, foi um dos grandes difusores do gênero francês nas suas notas de rodapés. No início de 1871, esse periódico publicou *A Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai, *A Fada de D'Auteuil*, do visconde Pierre Alexis Ponson du Terrail e *O Médico dos Pobres*, de Xavier de Montépin.

Por conta dessas informações, podemos considerar a possibilidade da influência e a participação dos romances-folhetins em dois aspectos: na criação e na formação da Literatura Brasileira. Mesmo porque, esse novo gênero formou o público-leitor do século XIX, que conduziu a leitura das narrativas folhetinescas, seja em voz alta, seja em silêncio. Além disso, como adverte Chartier, “um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado”.⁶⁷

Considerando a prática de leitura oral, podemos dizer que ela contribuiu para o incentivo da publicação dos folhetins em jornais brasileiros, conforme o relato de vários escritores nacionais de época, como, por exemplo, o relato de José de Alencar, em seu livro *Como e porque sou romancista*, o qual descreveu essa situação típica de leitura oral no século XIX:

Afora os dias de sessão, a sala do fundo era a estação habitual da família. Não havendo visitas de cerimônia sentava-se minha boa mãe e sua irmã D. Florinda com os amigos que pareciam, ao redor da mesa redonda de jacarandá, no centro da qual havia um candeeiro. Minha mãe e minha tia se ocupavam com trabalhos de costuras, e as amigas para não ficarem ociosas as ajudavam. Dados os primeiros momentos à conversação, passava-se à leitura e era eu chamado ao lugar de honra.

⁶⁵Essa informação pode ser verificada em RODRIGUES, Eni Neves da Silva. **Os romances nos periódicos mato-grossenses dos oitocentos.** Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/periódicos>>. Acesso em: 25 de março de 2010. p. 5-6.

⁶⁶As informações e os dados da pesquisa dos jornais *Diário de Belém* e *A Província do Pará* pode ser encontrados em MEDEIROS, Shirley Lianne. Os romances-folhetins franceses: imagens e reflexos literários na Belém do século XIX. In: XIV FÓRUM PARAENSE DE LETRAS. Belém, 2009, p. 16.

⁶⁷CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**. 2. ed. Brasília: UNB, 1999.

Muitas vezes, confesso, essa honra me arrancava bem a contragosto de um sono começado ou de um folgado querido; já naquela idade a reputação é um fardo bem pesado.

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.

Uma noite, daquelas em que eu estava mais possuído do livro, lia com expressão uma das páginas mais comoventes da nossa biblioteca. As senhoras, de cabeça baixa, levavam o lenço ao rosto, e poucos momentos depois não puderam conter os soluços que rompiam-lhes o seio.

Com a voz afogada pela comoção e a vista empanadas pelas lágrimas, eu também cerrando ao peito o livro aberto, disparei em pranto e respondia com palavras de consolo às lamentações de minha mãe e suas amigas.⁶⁸

A leitura em voz alta era uma prática frequente no século XIX, porque, nesse momento da História brasileira existia um número elevado de analfabetos no Brasil. Segundo Hélio de Seixas Guimarães⁶⁹, no século XIX, não passava de 30% a população que sabia ler no país, aumentando, portanto, a prática da leitura oral. Assim, era comum as pessoas se reunirem nas casas, nas praças e nas ruas das cidades para escutar as histórias amorosas, chorosas e dramáticas dos romances-folhetins.

O exemplo acima do livro do José de Alencar é bastante característico, pois as leituras eram tão envolventes que chegavam a causar certo impacto e sensações nos ouvintes, despertando determinados sentimentos como raiva e admiração aos personagens das narrativas, como ocorreram com a mãe, as tias e as amigas de Alencar. Isso, possivelmente, acontecia com as leituras dos romances-folhetins não só Brasil como também na França.

Por isso, essa leitura coletiva foi uma aliada nas divulgações e publicações dos folhetins, pois, por meio dela, os enredos e narrativas seriadas adentravam cada vez mais nos lares brasileiros e ganhavam o espaço público, aumentando o público leitor do folhetim.

Assim, a História dos romances-folhetins tanto na França quanto no Brasil, concretizou-se, de fato, pela construção de uma comunidade de leitores, ou melhor, de várias comunidades de leitores, que liam essas histórias nas barras dos jornais e, conseqüentemente, faziam circular ideias não só nas terras francesas como também nas terras brasileiras, construindo, dessa forma, o contexto de uma cultura letrada.

Portanto, é a respeito desse universo encantador dos romances-folhetins que atraiu um público em um determinado momento da História, não só na França como no Brasil, que

⁶⁸ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista**. Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/atores/josedalencar/comoporquesou.htm/>. Acesso em: 22 de julho de 2010.

⁶⁹GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

trataremos no próximo capítulo do caso particular da Província do Grão Pará. Nessa província, os romances-folhetins adquiriram um papel importante na formação de um público leitor inserido em um momento bastante particular da História do Pará – a *Belle Époque* belenense, momento histórico de transformações sociais, culturais e econômicas na província do Grão Pará.

Assim, meu caro leitor, passaremos agora para o momento em que essas prosas de ficção chegaram até a capital da província do Grão Pará, obtendo uma participação importante na construção da História do leitor do século XIX no Pará.

(Continúa)

Capítulo 2

O Contexto Histórico da Circulação dos Romances-Folhetins na Belém Oitocentista.

2.1 O período oitocentista na capital paraense

Belém ao longo do século XIX foi palco de grandes transformações sociais, econômicas, intelectuais, urbanísticas e políticas. Para Maria de Nazaré Sarges, essas mudanças modificaram o cenário paraense e da Região Amazônica, pois nesse período houve uma maior difusão de hábitos europeus, os quais se refletiram não só nos costumes e na arquitetura, como também na literatura que circulou na capital da província, sobretudo no momento em que a imprensa paraense se estruturava.⁷⁰

Belém, a partir do século XIX, mais notadamente na segunda metade, passou por um momento de modernização, assumindo novos aspectos, reestruturando sua organização social e urbana, em virtude da intensa comercialização do látex

Belém vai sofrer alterações que se operaram nas estruturas sociais, ocasionando uma intensificação da vida social e intelectual da cidade, aumento demográfico, maior complexidade das relações sociais e a concentração de fortunas entre os novos setores dominantes.⁷¹

Dessa forma, na segunda metade do século XIX, a cidade foi marcada pela urbanização, a qual se expressou na arquitetura das casas, no traçado das calçadas e das ruas e nos monumentos históricos presentes nos espaços públicos da cidade e criados aos moldes europeus. Como observa Marinilce Coelho

A cidade ganhava os requintes de metrópole. Nos bairros da elite, com ares aristocráticos, várias casas e palacetes são construídos pelos barões da borracha. As fachadas e interiores eram decorados com objetos de arte que vinham da Europa pelos transatlânticos que ancoravam no porto de Belém.⁷²

Diante de tais características apontadas pela autora, era bastante comum andar pela cidade e se deparar com mulheres e homens vestindo roupas que, às vezes, fugiam aos

⁷⁰Cf. SARGES, Maria de Nazaré. **Belém**: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-Tatu, 2000.

⁷¹Ibid., p. 17.

⁷²Cf. COELHO, Marinilce de Oliveira. Entre Livros e Cafés. In: O GRUPO dos novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005. p. 26.

nossos padrões climáticos. Por isso, praticamente tudo na *urbe* tinha uma raiz na cultural *francófona*, pois o modelo europeu influenciou sobremaneira no comportamento da sociedade paraense nesse período. Ou seja, o ideal de civilidade disseminado era o da sociedade francesa, tido como sinônimo de boa cultura, *glamour* e modernidade.

Do ponto de vista da vida cotidiana isso se refletiu no uso de perfumes, de chapéus, de loções de barba, de cremes para os cabelos e até mesmo nos paralelepípedos das construções das ruas e das calçadas e dos azulejos das frentes das casas.⁷³ Uma verdadeira “Belém de Paris”, como denominou Haroldo de Campos.⁷⁴

Foto 1 – Paisagem de Belém no século XIX.



Fonte: Arquivo IPHAN, 2006.

Comentário: Nessa foto, percebemos a presença de uma população que vivia em um momento memorável na cidade de Belém, o momento da *Belle Époque*, quando pessoas buscavam valorizar comportamentos europeus, como por exemplo, nas práticas cotidianas realizadas em espaços públicos como praças, cafés e jardins.

O contorno de cidade modernizada e urbanizada tornou-se visível na Província do Grão-Pará, contribuindo como elementos difusores de costumes, de hábitos e de culturas européias presentes na Região Norte. Entretanto não foram somente esses dados que

⁷³Essa informação procede quando observamos o seguinte anúncio retirado do jornal *O Liberal do Pará*: “Sob a acção da **ÁGUA DA RENAISSANCE**, os cabelos e a barba adquirem progressivamente sua côr primitiva, tornando-se macios, sedosos e lustrosos. Esta água é a única composta de substancias inoffensivas para a pelle. Seu uso não exige preparação alguma. Preço do Frasco, em França, 4 francos. DE BIVILLIERS, Chymico, Boulevard Saint-Martin, 4 Paris” (Fonte: *O Liberal do Pará*) (Grifo nosso).

⁷⁴Segundo Marinilce de Oliveira Coelho, essa expressão era usada por Haroldo de Campos quando se endereçava a Benedito Nunes. CAMPOS, Haroldo apud COELHO, Marinilce de Oliveira. op. cit. p 27.

concorreram para a circulação de valores europeus na cidade de Belém no século XIX, outros elementos como a construção de monumentos históricos e a presença dos romances-folhetins ajudaram a compor o cenário de modernização e de divulgação dessa cultura.

No que diz respeito à construção dos monumentos históricos na Província do Grão-Pará nesse período, destacamos o *Teatro da Paz*, onde grandes companhias de teatros, especialmente as francesas, apresentavam e divulgavam as suas peças teatrais. No ano de sua inauguração, houve uma apresentação de 130 espetáculos, realizados de fevereiro a dezembro de 1878.⁷⁵ Como bem lembrou Vicente Salles, a noite de inauguração do teatro significou para a burguesia paraense “um acontecimento memorável”.⁷⁶

Entretanto, o entretenimento dos “novos ricos” não se resumia apenas a esse ambiente. Outros lugares, “com a finalidade de ressaltar os contornos de uma cidade moderna e culturalmente agitada”,⁷⁷ surgiram para caracterizar esse ar de metrópole moderna em desenvolvimento como o *Café Chic*, o *Café da Paz*, o *Moulin Rouge*, o *Chat Noir*, o *Café Madri* e o *Café Riche*, os quais atraíram as famílias abastadas para realizarem suas reuniões políticas e literárias, desenvolvendo e caracterizando uma sociedade no período da *Belle Époque*.⁷⁸ Essa sociedade era composta pelos barões da Borracha que também foram atores nesse processo de civilidade e desenvolvimento.⁷⁹

Essa espacialidade da cidade de Belém no século XIX significou um fator importante para (re)conhecer os lugares por onde eram difundidos os romances-folhetins, pois, acima de tudo, eles representavam um elemento “civilizador” e modelador de hábitos e costumes dos modelos europeus à uma elite local composta por proprietários de engenhos, criadores de gado, militares, aliados a uma sociedade mercantil fortalecida a partir do crescimento da economia da borracha.⁸⁰

Quanto à circulação dos romances-folhetins no Pará, podemos considerar duas possibilidades: a primeira refere-se à hipótese das narrativas folhetinescas chegarem até Belém direto da Europa por meio dos “vapores” (os barcos a vapor), pois muitos produtos, inclusive romances em formato livro, eram exportados de Portugal, da França e da Inglaterra por meio desse transporte.⁸¹ A segunda hipótese diz respeito ao trânsito entre o Rio de Janeiro

⁷⁵SARGES, 2000, op. cit. p. 54.

⁷⁶SALLES, Vicente apud COELHO, 2005, op. cit. p. 27.

⁷⁷COELHO, 2005, op. cit. p. 27.

⁷⁸SARGES, 2000.

⁷⁹Ibid., p. 55.

⁸⁰Cf. CANCELA, Cristina Donza. **Famílias, riquezas e contratos de dotação na Belém da borracha.** Disponível em: <www.historia.arquivoestado.sp.gov.br/materiais/antiores/edicao19/materiais02/>. Acesso em: 23 de maio de 2011.

⁸¹A valorização desse transporte em Belém ocorreu por causa da exportação do látex da Borracha. Mas não foi somente por conta disso, pois a própria modernização foi realizada por artigos vindos da Europa por meio dos

e Belém, pois muitos romances de formato folhetim, supostamente, chegavam primeiramente na capital e eram traduzidos e enviados para suas províncias, e Belém não estava excluída dessa circulação. De um modo ou de outro, a dinâmica de circulação contribuiu para a valorização e distribuição dos romances em tiras nos jornais paraenses do século XIX.

Com relação à vida literária de Belém, na segunda metade do século XIX, observamos uma presença notável desse ramo perante as transformações sofridas pela cidade durante o período da borracha. Cafés e teatros representavam para os escritores paraenses espaços de sociabilidades e neles eram organizados saraus, publicações de livros, homenagens a escritores ilustres, entre outros acontecimentos.⁸²

José Eustachio de Azevedo⁸³ fez uma importante consideração a respeito desse período, quando se referiu ao fato de que o período de 1870 a 1885 se constituiu em uma verdadeira “fase rútila”, pois refletiu a participação dos *homens de letras* junto aos movimentos que cercavam todo o país: a favor da implantação do sistema republicano e do fim da escravidão. Além do mais, esses dois elementos também fizeram parte da produção literária do Pará, pois “a indignação movia a mocidade paraense que se manifestava com ‘a palavra e com a pena, pelos jornais e pelas praças públicas, promovendo quermesses e comícios populares’”.⁸⁴

Além dos acontecimentos históricos, das mudanças sociais, econômicas, culturais, intelectuais e urbanísticas sofridas por Belém, houve nesse momento, um maior desenvolvimento na imprensa periódica paraense. Iniciada por Felipe Alberto Patroni Martins Maciel Parente,⁸⁵ Domingos Simões da Cunha e José Baptista da Silva, a imprensa no Pará ganhou *status* e destaque com o primeiro jornal a ser impresso no Norte – *O Paraense*.

De início o periódico *O Paraense*, que circulou a partir do dia 22 de maio de 1822, publicava atos oficiais da Junta governativa que sustentava a união da Província do Pará

navios a vapor. Como Maria de Nazaré Sarges afirma: “a navegação a vapor, introduzida em 1853, teve grande importância econômica para a exportação da borracha e ao comércio internacional. Inicialmente, sob o monopólio de Irineu Evangelista – O Barão de Mauá – que teve a concessão do governo imperial, a navegação do rio Amazonas abre-se aos ingleses e americanos a partir de 1866.” *Ibid.*, p. 48.

⁸²COELHO, 2005.

⁸³José Eustachio de Azevedo foi uma figura marcante no cenário literário do Pará no período do século XIX. Nascido em Belém a 20 de setembro de 1867, trabalhou como jornalista e colaborou em inúmeros jornais literários. Sua morte ocorreu em 5 de setembro de 1973, aos 76 anos de idade. Escreveu várias obras, das quais destacamos apenas algumas como *Orchideas* (poemas de 1894); *Nevoeiros* (poemas de 1895); *A viúva* (Novela de 1896); *Brasil* (poemeto de 1900), entre outras. Cf. COELHO, 2005, *op. cit.* p. 30-31.

⁸⁴*Ibid.*, p. 32-33.

⁸⁵Felipe Patroni deixou a casa onde morava, em Sacavém nos arredores de Lisboa, e veio morar no Litoral do Brasil, em Belém, numa residência situada à rua da Cadeia. Viveu em companhia da mulher, com quem casou no Pará, no ano de 1828. Além disso, ele fazia uma leitura diária dos jornais que circulavam na cidade, os quais comentavam as suas matérias. Cf. COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas**: novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: CEJUP, 1989. p. 79.

a Portugal. Além de combater as repressões e as ações da Corte, *O Paraense* por meio de suas folhas impressas, divulgou as primeiras ideias liberais presentes no Estado do Pará⁸⁶. Com a prisão de Felipe Patroni, em 25 de maio de 1822, por causa de seus desacatos a D. João VI, a redação do jornal passou para as mãos de João Baptista Gonçalves Campos, auxiliado por Baptista da Silva, seguindo a orientação política do jornal. No entanto, este por apresentar no jornal fortes artigos contra a adesão da província ao governo de Pedro I, levou *O Paraense*, em fevereiro de 1823, a se retirar do convívio da população do Grão-Pará, dando lugar ao segundo jornal impresso no Pará, *O Luso paraense*. Esse periódico destacou-se por defender os interesses administrativos da colônia, sob o comando da coroa portuguesa.

A partir do periódico *O Luso Paraense*, inúmeros jornais surgiram na cidade de Belém. Alguns com as mesmas políticas de tal jornal e outros com políticas contrárias ao governo: *O Independente* (1823-1824), *Verdadeiro Independente* (1824-1827), *O Mercantil Paraense* (1834), *Folha Commercial do Pará* (1837-1840), *Treze de Maio* (1840-1862), *O Beija-Flor* (1850-1851), *O Grão-Pará* (1851-1852), *Diário do Gram-Pará* (1853-1892), *Jornal do Amazonas* (1860-1868), *O Liberal do Pará* (1869-1890), *A Tribuna* (1870-1871), *A Província do Pará* (1876-1908), *Diário de Belém* (1868-1892), *Jornal do Pará* (1862-1878), entre vários que circularam em Belém durante o século XIX.⁸⁷

Vale ainda ressaltar a importância das tipografias no processo do crescimento e do desenvolvimento da imprensa no Pará, como demonstrou Izenete Nobre em sua dissertação intitulada *Leituras a Vapor: A cultura letrada na Belém Oitocentista*, quando fez um levantamento acerca de algumas casas tipográficas presentes em Belém na primeira metade do século XIX: *Tipografia Imprensa Liberal; Tipografia Imprensa Imperial e Nacional; Typ. Nacional e Imperial; Typ. De Alvarez; Typ. Sagitário; Typ. Philanthropica, Typ. Santos e Menor; Tipografia Santos e Irmãos; Tipografia Commercial; Tipografia do Diário do Commercio; Tipografia de Frederico Carlos Rhossard; Tipografia do Diário Gram-Pará; Tipografia do Jornal do Amazonas*.⁸⁸

Essas tipografias representavam verdadeiros elementos de transmissão de conhecimento de uma cultura letrada em Belém do Pará, no período oitocentista, com a divulgação de livros, de notícias, de anúncios de livros vindos de outros países e de outros

⁸⁶ BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. p. 226.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 228-277.

⁸⁸ Para informações mais detalhadas sobre as tipografias existentes em Belém, durante a segunda metade do século XIX, conferir a dissertação de Mestrado de Izenete Garcia Nobre, orientada pela Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales, em 2009. Izenete Nobre realizou um estudo sobre a cultura letrada de Belém do Pará do século XIX. Além disso, o seu trabalho trouxe informações a respeito da fixação do mercado livreiro e das tipografias existentes na Belém do Grão Pará no período oitocentista. Cf. NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista**. Belém do Pará, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009. p. 41-42.

estados. Esses elementos demonstravam o quanto a imprensa no Pará estava em pleno desenvolvimento, em total “vapor”.

Embora tenha sido apenas na segunda metade do século XIX, mais precisamente em 1870, que a vida jornalística de Belém se solidificou, os jornais que circulavam na Província do Grão-Pará, bem antes de sua edificação, já divulgavam em suas páginas ideias, artigos políticos, resenhas de livros, informações econômicas, literaturas, que ajudaram a modificar o cenário da vida paraense. O desenvolvimento da imprensa no Pará só foi efetivado em virtude das “transformações ocorridas décadas anteriores, quando o aumento dos números de tipografias favoreceu a circulação da diversidade periódica, propiciando o debate de ideias”.⁸⁹

Os jornais, nesse período, passaram a cumprir um papel simbólico, como veículo de transformação cultural, incluindo os que circulavam no Pará. Tal transformação dava-se por meio da transmissão de informações, de atualização de novos conceitos e, até mesmo, de atuarem como fontes de instrução. Os temas abordados nos periódicos tinham um teor político, comercial, noticioso e literário, pois eles “foram usados [nesse momento] como espaço para a literatura e também como trincheiras para as lutas e agressões contra os adversários”.⁹⁰

Com relação ao espaço atribuído à literatura, na segunda metade do oitocentos na província do Grão-Pará, podemos afirmar que houve um crescimento nos números de periódicos que inseriram nas suas páginas textos literários, chegando a um total estimado de vinte e nove jornais os que aderiram a esse tipo de composição. Destaca-se o jornal *Beija Flor*, em 1850, um dos primeiros jornais no Pará a incorporar essa temática.⁹¹ A partir dele, jornais como *Diário de Belém*, *Jornal do Pará*, *A Folha do Norte*, entre outros, divulgaram em suas tiras diárias conteúdos relacionado à literatura, embora a maior parte dessa produção fosse importada.

Os periódicos representavam como elemento difusor de textos literários nesse período, tornando-os mais acessíveis, tanto pelo custo, como pela circulação mais ampla, como informa Barbosa

Um dos méritos deste suporte foi o de abrir as suas ‘colunas’ a um variado número de pessoas, consagrando-se, portanto, o mais democrático dos meios e o baluarte da cultura letrada do país no século XIX.⁹²

⁸⁹Ibid., p. 51.

⁹⁰Sobre esse tema verificar em FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redeacar55completo.html>. Acesso em: 25 de julho de 2008. p. 1.

⁹¹Cf. SALES, Germana Maria Araújo. Marcas de leituras na Belém Oitocentista. **Revista de Cultura do Pará**, v. 18, n. 1, p. 95. jan. / fev. 2008.

⁹²BARBOSA, 2007, p. 18.

A contribuição da autora revelou que o jornal representou um meio pelo qual mais pessoas tiveram acesso à cultura letrada no país naquele período, pois as páginas dos periódicos não traziam somente discussões políticas e filosóficas, mas também outras categorias de textos que alcançavam um número maior de leitores, por causa das variedades de gêneros presentes nos jornais, propiciando novas práticas de leitura e a consolidação de um público leitor fiel e participativo.⁹³

Ademais, jornais como *a Gazeta Official* (1858-1866), *A Província do Pará* (1876-1908), *O Liberal do Pará* (1869-1889), *A Folha do Norte* (1896-1900) e o *Diário de Belém* (1892-1968) apresentavam entre um artigo político e outro anúncio de venda de livros as então publicações literárias de diversos gêneros como *romance-folhetim*, *romance*, *romance de cavalaria*, *novela*, *conto*, *crônica*, *crônica de viagem*, *poesia*, *farsa*, *lenda* e *texto reflexivo*, os quais traziam consigo enredos com temas amorosos, dramas familiares, peripécias e desilusões amorosas.⁹⁴

O jornal *A Folha do Norte*,⁹⁵ foi um periódico que se destacou por publicar um número elevado de textos literários e romances-folhetins, seja de autores estrangeiros, seja de autores brasileiros. Segundo Sales (2008), esse jornal foi importante no cenário jornalístico, particularmente no cenário literário, por publicar textos de autores brasileiros já consagrados na história literária nacional como Machado de Assis, Visconde de Taunay, Manuel Antônio de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Bernardo Guimarães e José Veríssimo. Além disso, é interessante observar que os textos desses autores eram republicações de obras já anunciadas em outros periódicos ou já editadas em formato livro, como os contos “Uns Braços”, “Adão e Eva”, “O Diplomata”, “Conto de Escola” e “A Cartomante”, de Machado de Assis, anteriormente publicados em 1896 no livro *Várias Histórias*, e republicados em 1899 e 1900 n’ *A Folha do Norte*.⁹⁶

As publicações dos textos literários surgiam em espaços particulares nos periódicos, as chamadas seções ou colunas. Nos jornais oitocentistas paraenses foram destacadas as seções *Variedades*, *Miscellanea*, *Litteratura e Folhetim*, as quais continham uma divisão de quatro colunas ou cinco, variando a sua posição em cada jornal. Às vezes vinham na primeira página ou na segunda, conforme a matéria em destaque, ou apareciam no

⁹³Ibid., p. 20.

⁹⁴Interessante notar que a nomenclatura *gênero literário* no período do século XIX não tinha o mesmo valor semântico dos dias atuais. Cf. SALES, 2008, p. 98.

⁹⁵Esse jornal tinha uma circulação diária, de caráter noticioso, político e literário. Dentre os seus fundadores destacamos Enéas Martins e Cipriano Santos. Esse periódico tinha como objetivo principal lutar pelo desenvolvimento político e social da Região. Além disso, defendia o partido republicano federal, chefiado por Lauro Sodré e, em seguida, por Paes Carvalho. Cf. SALES, 2008.

⁹⁶Ibid., p. 101.

corpo do jornal, como aconteceu com a coluna *Litteratura* que se localizava quase sempre no corpo do periódico, trazendo textos literários ou não.

Espaços como esses representaram para escritores locais, nacionais e internacionais uma maior inserção ao campo literário local, uma vez que textos de autores brasileiros, portugueses e, principalmente, franceses circulavam nesses ambientes. Assim, conforme dados apresentados por Shirley Medeiros, comprovou-se que nos anos de 1871 a 1879, um período de quase nove anos, houve uma presença marcante de textos de autores franceses na coluna *Folhetim* dos periódicos paraenses, com títulos como: *A Catarina II (A Imperatriz da Rússia)*, de Alphonse Marie Louis de Prat de Lamartine, no período de 12 de julho a 24 de agosto de 1871, no jornal *O Liberal do Pará*; *O Pagem de Luiz XII*, de Ponson du Terrail, no período de 15 de janeiro a 11 de março de 1871, no jornal *O Diário de Belém*; *A mulher imortal*, de Ponson du Terrail, em 64 capítulos, no mesmo jornal; *A segunda Mocidade de Henrique IV*, do autor Ponson du Terrail, publicado por três meses, no jornal *O Diário de Belém*; *O homem que ri*, do autor Victor Hugo, em um capítulo, no jornal *O Diário de Belém*; *A Marquesa Ensanguentada*, da autora Condessa Dash, no período de 30 de abril a 23 de dezembro de 1876, no jornal *A Província do Pará*; *Não é bom brincar com a dor*, da Madame Emille de Girardin, no período de 12 de janeiro a 07 de março de 1877; *O licor de frei Gaudêncio*, de A. Daudet, no mês junho de 1879, no jornal *A Província do Pará*.⁹⁷

A circulação desses textos nos jornais paraenses como *O Diário de Belém*, *O Liberal do Pará* e *A Província do Pará* mostravam que, de certa forma, o público leitor do XIX, nesse caso estava lendo textos de autores franceses e, conseqüentemente, tinha acesso aos hábitos e aos costumes da cultura francesa, pois os romances, seja no formato livro, seja em fascículos, representavam elementos de difusão e de disseminação de valores e comportamentos por intermédio dos seus personagens, dos enredos, das temáticas e dos ambientes.

Um autor como Ponson du Terrail foi figura marcante nesse processo com os textos *O Pagem de Luiz XII*, *A mulher imortal*, *A segunda Mocidade de Henrique IV* e *A Fada d'Auteuil*, que circularam nos periódicos *O Diário de Belém* e *O Liberal do Pará* no período do século XIX.

Além disso, a presença e a frequência da prosa de ficção de autores franceses nos permitiram observar que, possivelmente, o público leitor do Pará nos oitocentos possuía certo contato e admiração com a cultura francesa por meio da leitura do jornal, e que havia também uma aceitabilidade por parte desse público em relação àqueles textos. Dados como esses nos

⁹⁷ Cf. MEDEIROS, 2009, p. 16.

permitem inferir que o gosto pela leitura desses autores nesses suportes tinha grande proporção.

Por outro lado, convém referir à circulação das obras desses autores em formato livro. O texto do autor francês Ponson du Terrail, intitulado *O Pagem de Luis XIV*, foi publicado em 1860, nove anos antes de sua publicação em folhetim, no jornal *A Província do Pará*. Outras obras de autores franceses também se fizeram presentes no Pará e podem ser encontrados ainda hoje no acervo da biblioteca do Grêmio Literário Português, como trinta títulos traduzidos de Ponson du Terrail, além da obra citada, o que nos permitiu pressupor uma recepção positiva desse autor francês entre os leitores paraenses. Também compõem o acervo de literatura francesa, vinte e dois títulos de Xavier de Montépin, entre traduções e livros na língua matriz, o que nos permitiu inferir que as práticas de leitura dos paraenses não se limitaram apenas aos textos traduzidos, tendo em vista a presença de obras no idioma original do autor. Além desses dois autores referenciados, encontram-se ainda no idioma original: duas obras de Alphonse de Lamartine; três obras de Delphine Guy de Girardin e uma obra da Condessa Dash.⁹⁸

Diante desses dados, verificamos que a prática de leitura de textos franceses, seja em formato folhetim ou em formato livro, era constante em Belém do Pará, no contexto da *Belle Époque*, dando a ideia de que o povo paraense tinha, realmente, um contato com a cultura francesa, não só por meio do contorno da cidade em processo de modernização, mas também pelo contato com as obras e os romances de rodapé.

Agora caro leitor, depois de passearmos pela Belém oitocentista, com suas transformações culturais, econômicas e arquitetônicas, além do passeio pela imprensa paraense no século dezanove, passaremos para o momento em que os romances-folhetins de autoria francesa se fizeram presentes no *O Liberal do Pará* em 1871-1880 e a participação desse jornal como elemento fundamental desse cenário.

(Continúa)

⁹⁸Esses dados podem ser encontrados no relatório final (2009-2010), intitulado **Os romances-folhetins franceses: trajetória literária na Belém do século XIX**, de Iniciação Científica, da bolsista Vanessa Suzane Gonçalves dos Santos.

2.2 A circulação dos romances-folhetins no Pará (1871-1880)

Os romances-folhetins, como já mencionado em linhas anteriores, aportaram no Brasil por volta de 1838, publicados em periódicos, principalmente na capital, à época, o Rio de Janeiro.

O *Jornal do Commercio*, como já foi dito, apresentou-se como um grande veículo de difusão desse gênero. No entanto, deve-se considerar o papel e a importância de diversos periódicos quanto à circulação dessas prosas de ficção escritas em “pedacinhos”. Em outras províncias, como no Mato Grosso, Paraíba e mesmo no Pará, existiram jornais que trouxeram na seção *Folhetim* os romances de autores portugueses, brasileiros e, sobretudo, franceses.

A presença abundante de textos franceses foi revelada nos periódicos do Mato Grosso, com nomes, como Theodoro de Banville, Alphonse de Lamartine e Alphonse Daudet, Paul Féval, Xavier de Montépin, Ponson du Terrail e Eugène Sue.

Igualmente no Rio de Janeiro, a literatura francesa se manifestou, como, por exemplo, no periódico *Gazeta de Notícias*, o qual registrou em suas notas de rodapés uma frequência desse textos publicados durante mais de meio século, no período compreendido entre 1876 e 1940. Entre os títulos, citamos: *O regresso de Rocambole* (1876), de Ponson du Terrail; *A feiticeira vermelha* (1876), *O ventríloquo* (1876-1877) *Uma paixão* (1877), *A douda* (1878-1879), *As mulheres de Bronze* (1879-1880), de Xavier de Montépin; *Os três mosqueteiros* (1885-1886), *O conde de Monte Cristo* (1912), de Alexandre Dumas; *O corcunda* (1886), de Paul Féval; *Os sete pecados mortais* (1903-1904), de Eugène Sue; *Os miseráveis* (1914), de Victor Hugo, entre inúmeros outros.⁹⁹

Na província do Grão Pará, a chegada dos romances-folhetins ocorreu ainda na primeira metade do século XIX, mas foi na década de 1850 que a circulação se tornou mais frequente e, a partir desse momento, inúmeros periódicos como o *Diário do Commercio* (1859), *Baixo Amazonas* (1872-1894), *Diário de Belém* (1892-1968), *A província do Pará* (1876-1892), *Gazeta de notícias* (1881), *Jornal do Pará* (1867-1878), *O Liberal do Pará* (1869-1889) e *A Folha do Norte* (1896-1900), passaram a divulgar em suas páginas essa maneira particular de publicação de textos literários – o pé da página dos jornais.¹⁰⁰

Estudos como o de Rosana Asséf Faciola, demonstraram que no Pará, no período de 1858 a 1870, já se observava a circulação dos romances de rodapé dos jornais de Belém do Pará. O periódico *Gazeta Oficial*, de 25 a 28 de agosto de 1859, publicou na Seção Folhetim

⁹⁹ Sobre essa informação verificar em NADAF, 2002, p. 377-401.

¹⁰⁰ Cf. SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins**: uma prática de leitura no século XIX. Disponível em: <www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf.>. Acesso em: 18 de maio de 2010. p. 48-49.

duas narrativas folhetinescas intituladas *Septicismos e Crença* e *Chronica da Semana* (romances de autores desconhecidos). Ambos os romances apresentavam uma característica particular dos romances-folhetins, a intervenção em tom de conversa dos autores no decorrer das narrativas para aproximar ou direcionar os leitores nas histórias sequenciais. Ainda de acordo com Faciola (2005), outro retratou em suas “barras” as histórias folhetinescas, *O Liberal do Pará*, que registrou a presença do texto intitulado *Mariette (Elysio D’Albuquerque)*, a partir de 10 de abril de 1870, tendo a mesma característica dos romances anteriores, a intervenção do autor, sendo dessa vez notada, pela autora, sete vezes durante todo o texto.¹⁰¹

Ainda tratando desse assunto, iremos um pouco além de nosso recorte, de 1896 a 1900, Jucélia Katiane Campos Monteiro informou a circulação das traduções dos romances-folhetins no jornal *A Folha do Norte* no período oitocentista. Nesse estudo, Jucélia Katiane Monteiro destacou a produção folhetinesca de autores franceses e de autores brasileiros. Dentre os anos mencionados, a autora observou que no ano de 1897, o jornal publicou cerca de oitenta e um folhetins, sendo vinte e nove textos produzidos de autoria nacional¹⁰², o que indica a menor parte das publicações.¹⁰³

É interessante observar que as publicações e as temáticas das narrativas folhetinescas presentes nos periódicos paraenses possuíam as mesmas características da matriz francesa: diálogos longos entre as personagens; temáticas centradas em temas amorosos; corte do texto no momento da tensão; publicação ao pé das páginas. Da mesma forma, as personagens inseridas nas narrativas seriadas mantinham as características que obedeciam ao esquema triplo de personagens, proposto por José Ramos Tinhorão: herói, vítima e vilão. Tais elementos, de certa forma, propiciavam aos leitores de jornal um aumento em sua curiosidade de chegar até o final das narrativas, as quais encantavam o público leitor dos romances de rodapé, particularmente o feminino que se deleitava com os enredos

¹⁰¹ Conferir a dissertação de mestrado de Rosana Assef Faciola, orientada pela Prof.^a Dr.^a Germana Maria Araújo Sales, em 2005. Faciola fez um estudo sobre a circulação dos romances-folhetins nos periódicos paraenses. FACIOLA, Rosana Assef. **Os romances-folhetins dos jornais de Belém do Pará entre 1858 e 1870**. Belém do Pará, 2005. 383 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005. p. 98-99.

¹⁰² *A Canabina – Das Noites de Jaques*, de Olavo Bilac (17/01) e *A tarde no Sertão*, de Visconde de Taunay (24/06), entre outras publicações nacionais. Nos anos seguintes outros autores brasileiros percorreram as páginas d’*A Folha do Norte*, como Manuel Antonio de Almeida, com *Memórias de um Sargento de Milícias* (21/10 a 22/12) e Machado de Assis, com *Uns braços* (15/10 a 17/10); *A Causa Secreta* (18/10 a 20/10); *o Dipoplático* (24/10 a 26/10) e *D. Paula* (27/10 a 29/10). Além desses textos, a presença dos autores franceses se fez nesse jornal com obras traduzidas como *A Olga (19/03 a 14/05 de 1896)*, de Louis Énault e *Nossa Senhora das Sete Espadas* (15/05 a 21/05) do mesmo ano, de Vernon Lee.

¹⁰³ Esses dados podem ser verificados em, orientado pela Prof.^a Dr.^a Germana Araújo Sales, em 2005. MONTEIRO, Jucélia Katiane Campos, **O folhetim no Pará: leituras do final do século XIX no jornal Folha do Norte**. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pará, Belém, Belém, 2005. p. 24-26.

amorosos, com as intrigas familiares, com a vida sofridora da mocinha da história, com a coragem do herói e com as maldades dos vilões das narrativas seriadas.

Vale ressaltar que, em tese, não eram somente essas temáticas que encantavam as mulheres. Outros enredos atraíam o apreço do público feminino, especialmente aqueles relativos a um sonho de liberdade, pois, em geral, os romances-folhetins foram considerados dispositivos na construção de valores e costumes que configuravam toda uma sociedade de época, em particular a do oitocentos.

Além disso, vale lembrar que não eram apenas os leitores dos periódicos paraenses que se beneficiavam com essas narrativas em fascículos. Outras figuras, como os proprietários dos jornais, os editores e os escritores, participavam e se favoreciam com a valorização e os apreços do público leitor paraense dos romances de rodapé no século XIX. O sucesso desse fenômeno propiciava a esses atores do cenário jornalístico algumas vantagens no que diz respeito ao aumento das assinaturas e das vendas de seus periódicos. Como foi possível observar no jornal *Diário de Notícias*, que entre 1881 até final de 1884, teve suas tiragens em torno de 2000 (dois mil) exemplares. Com a divulgação dos romances-folhetins, a partir de 1885, essas tiragens chegaram a 3000 (três mil) exemplares. No ano seguinte, mais especificamente em setembro de 1886, as tiragens desse periódico chegaram a um número de 5000 (cinco mil) exemplares.¹⁰⁴

Por outro lado, as publicações dos romances em folhetins nos jornais de Belém dependiam de traduções ou de textos extraídos de jornais publicados em outros locais, notadamente as do Rio de Janeiro. Isso ocorreu porque, a Região Amazônica se encontrava afastada dos demais centros urbanos sem que isso significasse, contudo, o isolamento da mesma, pois “Belém [...] imprimia [textos] desde 1821, importava [livros] diretamente de Portugal e o seu mercado livreiro apareceria representado em grandes catálogos como o de Garraux”.¹⁰⁵ Dessa forma, havia a possibilidade de um maior relacionamento direto entre as províncias e os países estrangeiros.

Um dos divulgadores dos romances-folhetins de autores franceses e portugueses e de outros gêneros literários em suas páginas diárias foi o jornal *O Liberal do Pará*. Esse periódico destacou-se por pertencer ao Partido Liberal e por compor artigos que traziam em seus conteúdos certas ironias em relação aos outros periódicos da Região. Esses conteúdos eram recorrentes nos periódicos nesse momento, pois vários jornais serviam, como foi mencionado, de “trincheiras” para agredir e lutar politicamente contra seus rivais. Para o caso

¹⁰⁴Esse dados, conferir em CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa no Grão-Pará: a produção literária na coluna Folhetim**. In: VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ANDAMENTO (SEPA). Belém, 2010, p. 128-137.

¹⁰⁵NOBRE, 2009, op. cit. p. 28-29.

d’*O Liberal do Pará*, o seu grande adversário político foi o *Jornal do Pará*. Este acarretou vários ataques escritos por parte d’*O Liberal do Pará*, pois pertencia ao Partido conversador.

Iniciado em 1868, primeiramente com o nome *Jornal do Amazonas*, *O Liberal do Pará* só chegou aos lares paraenses a partir do dia 1 de janeiro de 1869. Esse periódico tinha uma publicação diária, com exceção das segundas-feiras, dos dias santificados e de festas nacionais em que suas páginas não corriam pelas ruas de Belém.¹⁰⁶

O Liberal do Pará caracterizou-se como um periódico político, comercial, noticioso e literário. Essa última caracterização ocorreu em função da divulgação de conteúdos literários.

Seu proprietário foi Manoel Antonio Monteiro e seus redatores foram Felipe José de Lima e José Baptista Ribeiro de Souza, sendo este último diretor de empresa desse periódico. Quanto ao formato, o primeiro tamanho d’*O Liberal do Pará* foi de 37x55 cm, passando em 1872, a ser de 44x62 cm, momento em que o romance-folhetim de Ponson du Terrail circulou em suas tiras. Em janeiro de 1874, ano em que iniciou a publicação da narrativa de Xavier de Montépin, o jornal retornou à forma de 37x55 cm, que se manteve até 30 de dezembro de 1878. Após essa data, a folha regressou ao seu contorno grande de 44x62 cm, em 1889. Este jornal teve seu fim em 1889 e reapareceu em 1890 com um novo nome, *O Democrata*.¹⁰⁷

Foto 2 – O Jornal *O Liberal do Pará*, século XIX.



Fonte: Arquivo particular de Edimara Ferreira SANTOS, junho/2010.

Comentário: Nessa figura foi possível observar o formato do jornal *O Liberal do Pará*, infólio, que circulou semanalmente no Estado do Pará, no período oitocentista. Foto retirada do acervo da Biblioteca Arthur Vianna (CENTUR), setor de microfilmagem

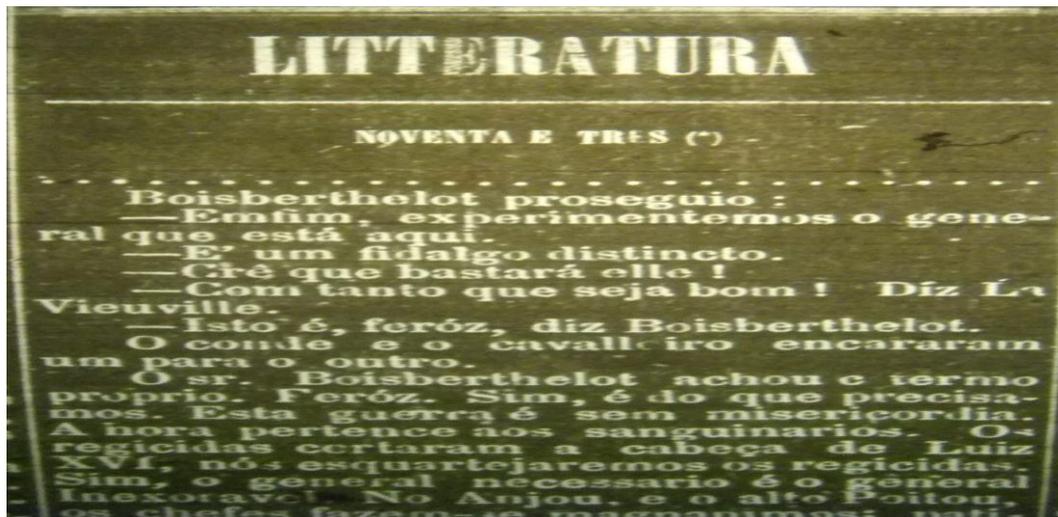
¹⁰⁶Esses dados foram obtidos no setor de microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna. (Centur)

¹⁰⁷Verificar no catálogo **Jornaes Paraenses de 1822-1908**: imprensa oficial do Pará, de Remijio de Bellito. p. 76.

A imagem acima demonstra a estrutura da primeira página do jornal, com a coluna Folhetim disposta na nota de rodapé. Além da coluna folhetim, apresentada logo no início, *O Liberal do Pará* era composto por várias seções tais como: *Litteratura*, *Transcrição*, *Variedades*, *Publicação à Pedido*, *Annuncios*. Dentre essas seções as que mais se destacaram foram as colunas *Litteratura*, *Variedades*, *Annuncios* e a *coluna Folhetim*.

Na coluna *Litteratura*, os destaques foram para as publicações de poemas, de contos, de anedotas, de resenhas referentes a livros estrangeiros e brasileiros.

Foto 3 – A seção *Litteratura* do Jornal *O Liberal do Pará*.



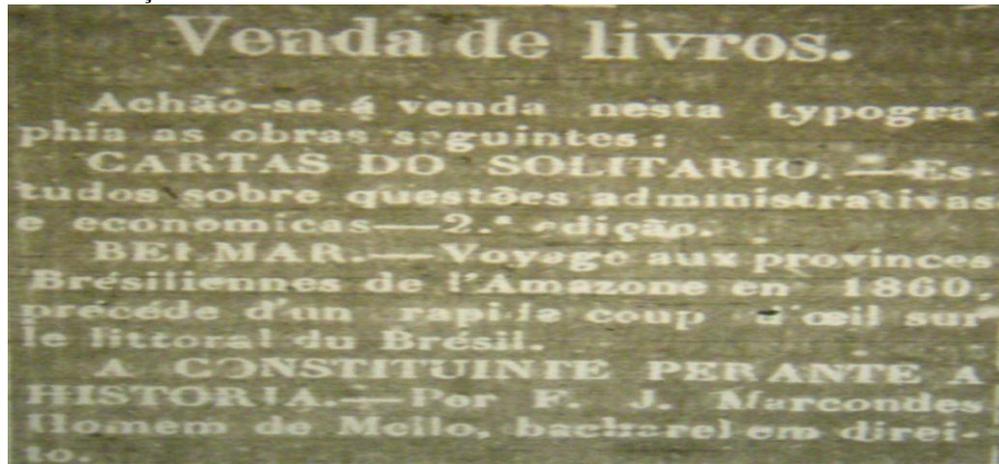
Fonte: O jornal *O Liberal do Pará* de 1871, no acervo da Biblioteca Arthur Vianna (CENTUR), setor de microfilmagem. p. 02.

Comentário: Nessa foto, foi observado que a coluna *Litteratura* do Jornal *O Liberal do Pará* se localizava no interior do periódico, diferenciando da coluna *Folhetim* que ficava na nota de rodapé nos jornais.

Assim como outros jornais, *O Liberal do Pará* não deixou de ter em suas páginas a coluna *Litteratura*, que se localizava no interior do jornal, sempre na segunda página, trazendo os mais variados gêneros literários.

Outra seção bastante recorrente nesse jornal, e, provavelmente, muito solicitada pelo público paraense, na segunda metade do século XIX, foi a seção *Annuncios*.

Foto 4: A seção *Annuncios* do Jornal *O Liberal do Pará*.



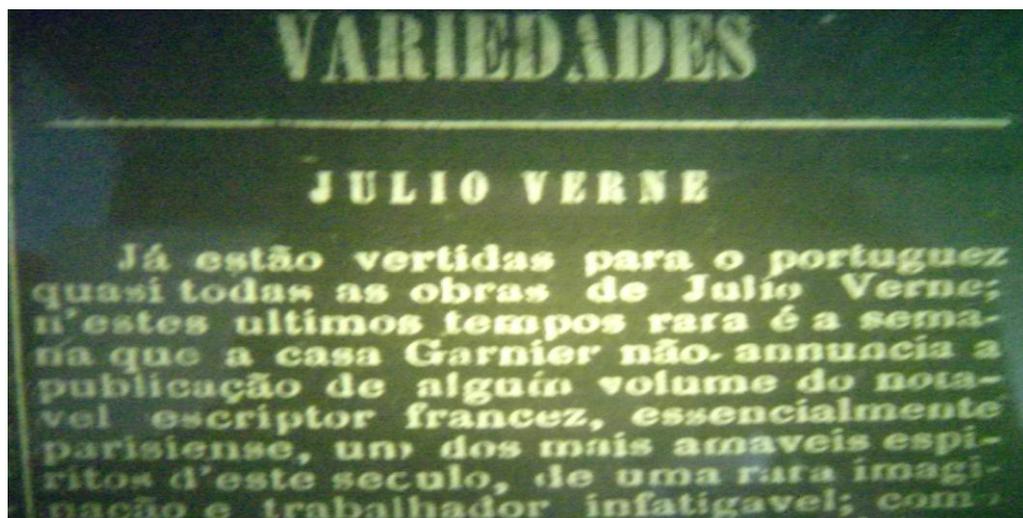
Fonte: O jornal *O Liberal do Pará* de 1871, no acervo da Biblioteca Arthur Vianna (CENTUR), setor de microfilmagem. p. 03.

Comentário: Nessa foto, foi observada a publicação de vendas de livros nessa seção.

Nessa seção encontravam-se anunciados os mais vários produtos que estavam na moda na Europa, como venda de roupas, de perfumes, de chapéus, de escravos, lançamento e venda de livros. Estes últimos se fizeram presentes não só nesse jornal como em outros de Belém do Pará para demonstrar que havia um comércio livreiro e, conseqüentemente, um público leitor no período oitocentista nessa Província.

A coluna *Varietades*, por sua vez, localizava-se no interior do jornal com publicação de vários tipos de textos. Uma tipologia textual recorrente nessa seção eram as resenhas de livros de autores estrangeiros ou brasileiros.

Foto 5 – A seção *Varietades* do Jornal *O Liberal do Pará*.



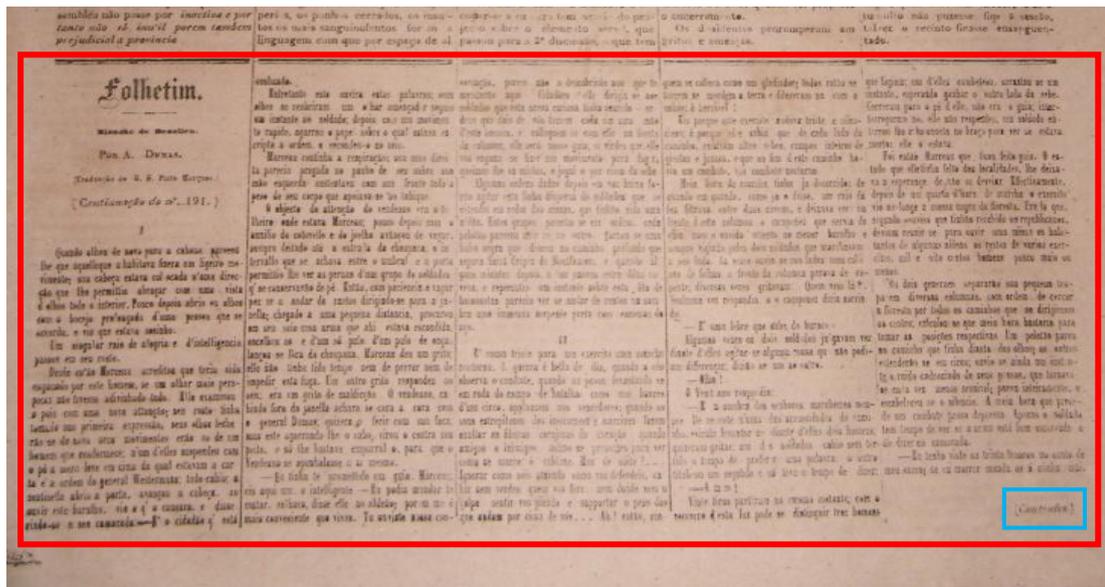
Fonte: O jornal *O Liberal do Pará* de 1875, no acervo da Biblioteca Arthur Vianna (CENTUR), setor de microfilmagem. p.02.

Comentário: Nessa foto, foi observado que a coluna *Varietades* do Jornal *O Liberal do Pará* trouxe em três páginas uma resenha dos conteúdos contidos nas obras do escritor francês Julio Verne.

Os livros recém lançados, tanto na Europa quanto no Brasil, eram divulgados em imensas resenhas nessa coluna d’*O Liberal do Pará*.

Com a presença das narrativas folhetinescas, a coluna *Folhetim* obteve destaque os romances seriados divulgados n’*O Liberal do Pará* tiveram o mesmo espaço de circulação em relação aos jornais de outros estados brasileiros, durante o século XIX

Foto 6 – A Coluna *Folhetim*



Fonte: Arquivo particular de Edimara Ferreira SANTOS, junho/2010.

Comentário: Nessa figura, observamos a coluna *Folhetim* como espaço para circulação de textos literários e não literários nos jornais paraenses no período do século XIX. Destaque para o espaço Folhetim, o quadrado vermelho indicando o rodapé do jornal e, no quadrado azul, a chamada “continúa”. Foto retirada do jornal *O Liberal do Pará* de 1871, no acervo da Biblioteca Arthur Vianna (CENTUR), setor de microfilmagem. p.01.

Entretanto, a publicação de textos literários nessa seção não se dava somente pela prosa de ficção em pedaços. Outros gêneros literários como contos¹⁰⁸ e novelas, cruzavam-se com as anedotas e os artigos políticos, nessa coluna.

A pesquisa permitiu uma visualização das colunas *Variedades*, *Transcrição*, *Annuncio* e *Litteratura*, nas quais observamos a incidência das publicações. Entre os anos de 1871 e 1880, período que corresponde ao *corpus* deste estudo, foram localizados 18 (dezoito) textos na seção *Variedades*, na qual se divulgou o maior número de publicações. As demais colunas, *Transcrição*, *Annuncio* e *Litteratura* publicaram, ao todo 17 (dezessete) textos, definidos entre 5 (cinco) para *Transcrição*, 8 (oito) para *Annuncio* e 4 (quatro) para

¹⁰⁸Durante o trabalho de catalogação do Jornal *O Liberal do Pará* foi encontrado, em sua edição de 22 de outubro de 1871, a publicação de um conto intitulado *Amolação*, de Belisário Guajaranense. No mesmo ano, no dia 15 de outubro foi publicado outro conto na coluna *Folhetim*, intitulado *Nonadas*, do mesmo autor.

Litteratura. Para uma melhor compreensão da importância de tais seções, foi elaborado o quadro 1, com os principais títulos dos textos presentes nas colunas d'*O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1880:

Quadro 1 – A frequência dos textos literários nas seções do jornal *O Liberal Do Pará*, nos anos de 1871 a 1880.

TÍTULO DO TEXTO	SEÇÃO
<i>Sala do Throno</i> <i>Sala do governo</i> <i>Os três adjetivos do casamento</i> <i>O lobo disfarçado em pastor</i> <i>Luizinha</i> <i>O macedo</i> <i>Manduca, meu amigo</i> <i>A roleta</i> <i>O gato cor de cereja</i> <i>A gramática do namoro</i> <i>Exemplo de Perseverança</i> <i>Cinco minutos de prosa</i> <i>Agouros e Presságios</i> <i>Primo Chico</i> <i>Um drama a Rosa</i> <i>Licor de Belleza</i> <i>O Preste João das índias</i> <i>Cartas de viagem</i> <i>Capricho de uma Parisiense</i>	<i>Variedades</i>
<i>Escravidão e educação popular</i> <i>Uma viagem no Brasil</i> <i>A mulher e a Litteratura</i> <i>Os falsos Apostolos</i> <i>Emílio Castelar</i>	<i>Transcrição</i>
<i>Venda de livros</i> <i>Gabinete de Leituras</i> <i>Na livraria de Carlos</i> <i>Livros em Branco</i> <i>Livros Perdidos</i> <i>Club Litterario</i> <i>Livros de sortes</i> <i>Gremio Litterario Portuguez</i>	<i>Annuncio</i>
<i>O consórcio do poeta</i> <i>A monja</i> <i>Remorsos</i> <i>Noventa e três</i>	<i>Litteratura</i>

Fonte: *O Liberal do Pará*, do acervo da seção de microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna.
 Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, 2010.

A partir das observações dessas colunas, foi possível constatar a diversidade de textos literários e não literários que circulavam nesse periódico em Belém do Pará e que podem justificar a denominação de “sarrabulho literário”.¹⁰⁹

Na seção *Varietade* existia uma heterogeneidade de textos classificados, possivelmente, como conto, artigo político, poema, anedotas, crônicas, relatos de viajantes. Entre os dezoito textos que apareceram nessa coluna, dois foram artigos políticos, duas anedotas, um poema, oito crônicas e cinco contos. Diante dos dados, podemos afirmar que a prioridade de publicação se deu para as crônicas e os contos, conforme podemos visualizar no quadro. A frequência dos textos literários nas seções do jornal *O Liberal do Pará*, nos anos de 1871 a 1880.

Outra seção recorrida pelos leitores foi *Annuncio* com uma temática voltada para a leitura, pois existia certa predileção de anúncios de teor literário como a venda de livros, a ocorrência de reuniões do gabinete de leitura, a existência de livrarias, entre outros.

A coluna Folhetim é um caso à parte nessa discussão, pois já sabemos que o jornal *O Liberal do Pará* apresentava, em suas folhas diárias as narrativas sequenciais. O que singulariza essas publicações é que quase todas eram de autoria francesa, salvo algumas de autores portugueses.¹¹⁰

Dentre as narrativas de autores franceses, comprovamos a publicação de 9 (nove) prosa de ficção assinadas por Elysio D’Albuquerque, Alphonse de Lamartine, Paul Féval, Victor Hugo, Julio Verne, Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin, conforme disposto no quadro 2:

Quadro 2 – A presença da prosa de ficção dos autores franceses n’*O Liberal do Pará* entre 1870 e 1880

AUTOR	ROMANCE-FOLHETIM	PERIÓDICO	ANO	SEÇÃO
<i>Elysio D’Albuquerque</i>	<i>Mariette (história Parisiense) ao sr. D. Sanches de Farias</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1870</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Alphonse de Lamartine</i>	<i>Catharia II (Imperatriz da Russia)</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1871</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Alexandre Dumas pai</i>	<i>Blanche de Beaulieu</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1871</i>	<i>Folhetim</i>

¹⁰⁹Martins Pena usa esse termo para designar essa mistura de gêneros, como já referimos na página 20, do capítulo 1.

¹¹⁰Em relação aos portugueses foi observada a presença de textos de Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz.

<i>Paul Féval</i>	<i>História de um tabelião e de uma pipa de ouro em pó</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1872</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Ponson du Terrail</i>	<i>A Fada D'Auteuil</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1872 e 1873</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Xavier de Montépin</i>	<i>O médico dos pobres</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1874 e 1875</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Victor Hugo</i>	<i>Noventa e três</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1874</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Julio Verne</i>	<i>Intervalo para ser representado por duas crianças</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1879</i>	<i>Folhetim</i>
<i>Victor Hugo</i>	<i>A abolição da pena de morte</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>1880</i>	<i>Folhetim</i>

Fonte: *O Liberal do Pará*, do acervo da seção de microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna.
Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, abril, 2010.

Entre esses autores, destacaram-se Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin com 1 (uma) obra cada autor, seguido de começo, meio e fim n’*O Liberal do Pará* entre 1870 e 1880. Contudo, os textos não sobreviveram íntegros às ações do tempo, o que ocasionou a deteriorização de alguns números do jornal, restando, portanto, as publicações incompletas. Em meio a essa quantidade significativa de romances-folhetins franceses só conseguimos recuperar três obras integras, o texto *Blanche de Beaulieu* (1871), de Alexandre Dumas pai; o romance *A Fada D’Auteuil* (1872-1873), de Ponson du Terrail e o romance-folhetim *O Médico dos Pobres* (1874-1875), de Xavier de Montépin.

Podemos visualizar melhor a publicação dos textos de tais autores franceses selecionados para nossa pesquisa, por meio do quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Os romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin.

AUTOR	FOLHETIM	PERIÓDICO	DATA E ANO	SEÇÃO	PÁGINA	CIDADE
<i>A.Dumas</i>	<i>Blanche de Beaulieu</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>29 de agosto a 20 de setembro de 1871</i>	<i>Folhetim</i>	<i>01</i>	<i>Belém</i>
<i>Ponson du Terrail</i>	<i>A Fada D’Auteuil</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>29 de novembro a 29 de dezembro de 1872</i>	<i>Folhetim</i>	<i>02</i>	<i>Belém</i>
<i>Ponson du Terrail</i>	<i>A Fada D’Auteuil</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>03 de janeiro a 21 de fevereiro de 1873</i>	<i>Folhetim</i>	<i>02</i>	<i>Belém</i>
<i>Xavier de</i>	<i>O médico dos</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>23 de agosto a 30</i>	<i>Folhetim</i>	<i>01</i>	<i>Belém</i>

Montépin	<i>pobres</i>		<i>de dezembro de 1874</i>			
Xavier de Montépin	<i>O médico dos pobres</i>	<i>O Liberal do Pará</i>	<i>01 de janeiro a 14 de fevereiro de 1875</i>	<i>Folhetim</i>	<i>01</i>	<i>Belém</i>

Fonte: *O Liberal do Pará* do acervo de Microfilmagem da Biblioteca Arthur Vianna (Centur)
Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, abril, 2010.

Estes romances mantiveram-se presentes n' *O Liberal do Pará* ao longo dos anos de 1871 a 1875. Cada texto apresentava um período específico de publicação no jornal. O romance *Blanche de Beaulieu* começou a ser divulgado no dia 29 de agosto de 1871 e foi concluído no dia 30 de setembro de 1871, com duração de um mês. A narrativa *A Fada D'Auteuil* manteve-se por volta de três meses, com início no dia 29 de novembro de 1872 e fim no dia 21 de fevereiro de 1873, e o romance-folhetim *O médico dos pobres*, o mais longo texto publicado n' *O Liberal do Pará*, permaneceu seis meses entre os leitores, estreando no dia 23 de agosto de 1874 e finalizado no dia 14 de fevereiro de 1875.

Quanto à disposição, observamos que os textos dos folhetinescos de Alexandre Dumas pai e de Xavier de Montépin intitulados *Blanche de Beaulieu* e *O médico dos pobres* respectivamente, obedeceram o modelo da matriz francesa com a publicação nas primeiras páginas do jornal ao longo de sua divulgação. Entretanto, o romance-folhetim de Ponson du Terrail, intitulado *A Fada D'Auteuil*, teve a sua exposição realizada na segunda página d' *O Liberal do Pará*. Esse fato ocorreu em função de algumas mudanças internas do periódico, como a troca do diretor, acarretando a alteração da coluna para a segunda página.¹¹¹

Vale ressaltar que as traduções das narrativas *A Fada D'Auteuil* e *O médico dos pobres*, de Ponson Du Terrail e de Xavier de Montépin, respectivamente, foram realizadas pelo jornal *O Liberal do Pará*. Apenas a narrativa *Blanche de Beaulieu* foi feita por seu tradutor B. S. Pinto Marques.¹¹²

Em relação à publicação quase diária dos romances-folhetins, observou-se que as obras *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai e *O médico dos pobres*, de Xavier de Montepin, tiveram permanência no jornal, sem nenhuma interrupção com início, meio e fim da prosa. Por outro lado, a prosa de ficção de *Ponson du Terrail* apresentou uma pequena suspensão de dois dias, sem comprometer o encaminhamento das publicações, as quais também tiveram início, meio e fim.

¹¹¹Informações expostas no acervo da Biblioteca Arthur Vianna (setor de microfilmagem).

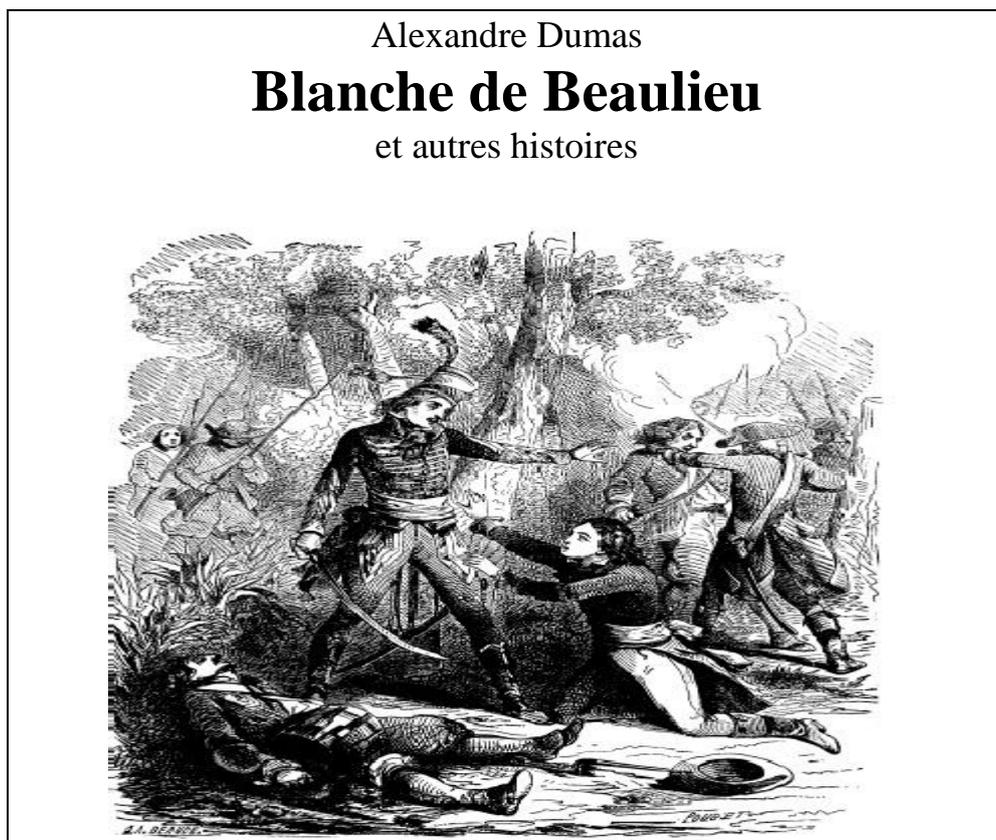
¹¹²Essa forma de assinatura, por meio de abreviaturas, era comum no século XIX, dificultando para os pesquisadores nos dias atuais a identificação de seus verdadeiros nomes. Caso esse registrado com o tradutor, B. S. Pinto Marques, do romance de Alexandre Dumas pai.

Ressaltamos que esses três textos circularam com exclusividade n’*O Liberal do Pará* na forma de publicações sequenciais, pois outros jornais paraenses pesquisados, como o *Diário de Belém*, *A Folha do Norte* e *A Província do Pará* não anunciaram em suas páginas esses títulos durante o período. Entretanto, esses jornais publicaram outros romances-folhetins desses autores franceses.¹¹³

Contudo, se os três romances-folhetins para os quais converge nosso interesse não apareceram em republicações nos demais periódicos, foi possível localizar a divulgação desses textos sob outras formas – o suporte livro, em edição anterior a do período em que os mesmos passaram a circular na capital da província paraense.

A primeira edição, traduzida para o português, surgiu em 1853, quando a editora Typographia Universal divulgou em Lisboa a 1ª edição da obra de Alexandre Dumas pai, tendo o título traduzido em *Branca de Beaulieu*. Em 1887, a editora Calmann Lévy lançou em Paris outra versão da obra *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai, em língua francesa.¹¹⁴

Figura 2 – Capa da edição da obra *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai



¹¹³Conforme já citamos, anteriormente, outros romances-folhetins franceses foram publicados nos demais periódicos da cidade de Belém. Esses dados estão disponíveis nos relatórios de Iniciação Científica das alunas Shirley Lianne Medeiros e Vanessa Suzane Gonçalves dos Santos.

¹¹⁴Esses dados foram pesquisados no site [http://openlibrary.org/books/OL8932817M/Blanchede Beaulieu](http://openlibrary.org/books/OL8932817M/Blanchede%20Beaulieu). Acesso em 03 de março de 2011.

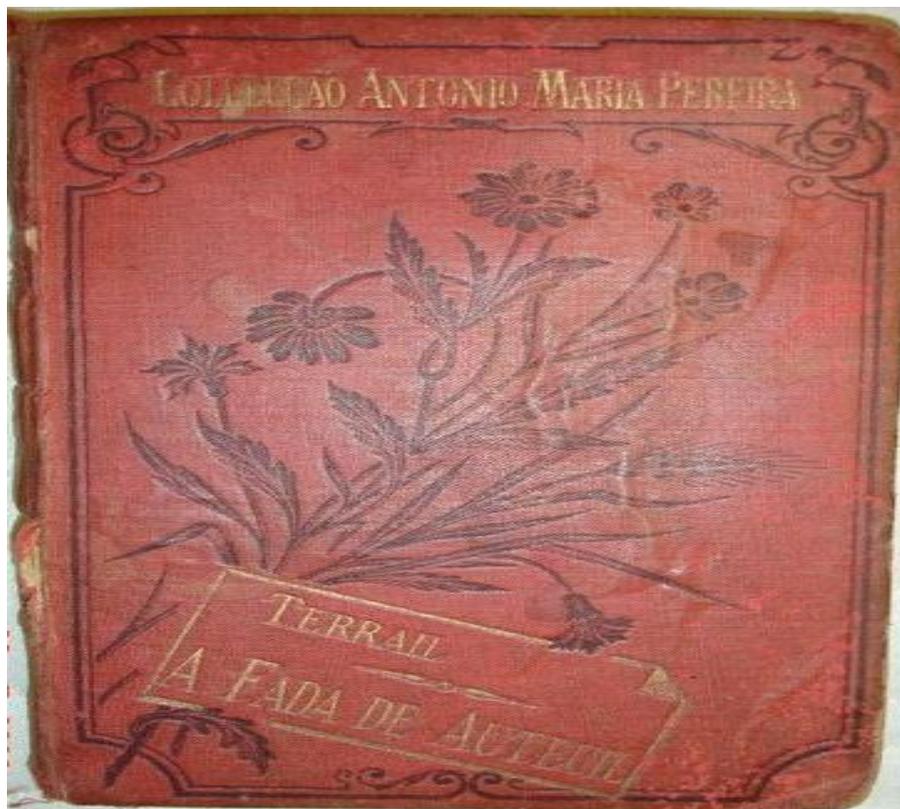
BeQ

Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/8503993/dumasblanche>

Comentário: Essa obra foi publicada em 1887 pela editora Calmann Lévy

Com relação ao romance de Ponson du Terrail, encontramos, em 1872, uma publicação desse texto em formato livro, editado por A. Severiano de Melo, com a tradução de Manuel Pinheiro Chagas.¹¹⁵ No ano de 1902 foi publicada outra edição da obra de Ponson pela editora Parceria A. M. Pereira, tendo como tradutor Pinheiro Chagas.¹¹⁶ A Livraria Editora também lançou um exemplar da obra *A Fada D'Auteuil* em capa dura pela Coleção Antonio Maria Pereira.¹¹⁷

Figura 3 – Capa original da Collecção Antonio Maria Pereira.



Fonte: <http://lisboacity.olx.pt/a-fada-d-auteuil-2-edicao-capa-original-antiga-iid-10229725>

Comentário: Essa capa pertence a 2ª edição do livro *A Fada D'Auteuil* de Ponson Du Terrail.

¹¹⁵Disponível em: <www.bce.unb.br/documentos/Boletimv2n1-2009pdf.>. Acesso em: 03 de março de 2011.

¹¹⁶Verificar em catalogo@bnportugal.pt. Acesso em 03 de março de 2011.

¹¹⁷Verificar em www.imultimedia.org/porta1/escola/mediateca/inventario_tematico.xls. Acesso em 03 de março de 2011.

No que diz respeito ao folhetim *O médico dos pobres*, de Xavier de Montépin, alguns textos revelam que esse romance não foi publicado no formato livro. Houve apenas uma publicação em Paris do texto de Montépin, no jornal *As noites de Paris*, de janeiro a maio de 1861.¹¹⁸

Diante dessas informações, é possível visualizar a configuração do seguinte quadro quanto à circulação dos romances-folhetins (quadro 4).

¹¹⁸Esse romance, ao ser publicado nesse jornal da França, criou uma verdadeira “guerra” de autoria. No ano de 1863, houve um julgamento para averiguar quem era o verdadeiro autor desse romance: Xavier de Montépin ou Louis Jousserandot, um advogado republicano. Mas a derrota foi atribuída a Jousserandot, pois Xavier tinha forte influência na corte francesa. Essa informação pode ser encontrada em <http://www.racinescomtoises.net/?Xavier-de-Montepin-1823-1902>. Acesso em: 03 de março de 2011.

Quadro 4 – A circulação dos Romances-Folhetins no Pará – de 1871 a 1875

OBRAS	AUTOR	TRADUÇÕES E REEDIÇÕES NO FORMATO LIVRO			PUBLICAÇÃO NO FORMATO FOLHETIM		
		Editora	Local	Ano de publicação	Período de circulação	Período de circulação	Tradutor
BLANCHE DE BEAULIEU	Alexandre Dumas pai	Typographia Universal	Lisboa, 1ª tradução para o português (Branca de Beaulieu)	1853	de 29 de agosto de 1871 a 30 de setembro de 1871	O Liberal do Pará	B. S. Pinto Marques
		Calmann Lévy	Paris, publicação de cópia	1887			
A FADA D'AUTEUIL	Ponson du Terrail	A. Severiano de Melo (editor), Manuel Pinheiro Chagas (tradutor)	–	1872	de 29 de novembro de 1872 a 21 de fevereiro de 1873	O Liberal do Pará	O Liberal do Pará
O MÉDICO DOS POBRES	Xavier de Montépin	Não foi publicado em formato livro	–	–	de 23 de agosto de 1874 a 14 de fevereiro de 1875	O Liberal do Pará	O Liberal do Pará
		Publicação em formato folhetim, no jornal “As noites de Paris”	Paris	1861			

Fonte: Quadro elaborado com base no trabalho de pesquisa junto ao periódico O Liberal do Pará e sites retirados da internet.

Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, março, 2011.

A partir do quadro 4, foi possível verificar uma configuração específica da circulação dos romances-folhetins franceses no periódico *O Liberal do Pará*, pois nos anos de 1871 a 1875, as narrativas *Blanche de Beaulieu*, *A Fada D’Auteuil* e *O médico dos pobres* foram publicados em formato folhetim. Mas não foi somente isso que nos chamou a atenção, pois os romances então publicados nesse periódico tiveram uma publicação anterior em formato livro. Observamos ainda que o ano de publicação do texto de Alexandre Dumas pai, em formato livro, não coincidiu com o ano em que o texto desse autor começou a ser divulgado no *O Liberal do Pará*. A obra de Ponson du Terrail teve o início de sua publicação em 1872 e, dessa forma, aproximou-se ao ano de sua divulgação n’*O Liberal do Pará* – 1873. O texto de Xavier de Montépin, como vimos, foi publicado em 1861 pelo periódico “As noites em Paris”, e sua divulgação realizada no *O Liberal do Pará*, iniciou-se apenas no ano de 1874 e finalizou no ano de 1875.

A publicação da obra em folhetim, após sua edição em livro nos revela que o trânsito dessas obras era invertido e supomos que, nesses casos houvesse uma contravenção, atitude comum nesse período em que não eram respeitadas as normas dos direitos autorais.

Dispostas em capítulos sequenciais, *A Blanche de Beaulieu* circulou com cinco capítulos, enquanto a *A Fada D’Auteuil* contou com cinquenta e seis capítulos e *O médico dos pobres* permaneceu no jornal com vinte capítulos na primeira parte e trinta e quatro capítulos na segunda parte, não havendo interrupções. A permanência dessas obras durante tantos meses devia-se, provavelmente, à grande aceitação do público que mantinha a apreciação, independente do espaço por onde circulavam as narrativas ao pé da página.

No próximo capítulo, caríssimo leitor, vamos avaliar esses romances-folhetins, observando as suas estruturas, as suas personagens e as suas temáticas para compreender que valores e costumes eram apresentados nos capítulos dessas narrativas seriadas que circularam em Belém no século XIX.

(*Continúa*)

Capítulo 3

Os Romances-Folhetins Franceses no Jornal *O Liberal do Pará* (1871-1880): entre estruturas, personagens e temáticas.

3.1 As marcas folhetinescas em *Blanche de Beaulieu*, *A Fada D'Auteuil* e *O Médico dos Pobres*: a estrutura

Além do contexto histórico e dos demais elementos que nos ajudam a analisar a circulação dos romances-folhetins, é necessário considerar também os seus elementos intrínsecos.

Nesse sentido, histórias envolventes, que tratavam de temas atraentes aos leitores de época, como amores proibidos, mortes inesperadas, fidelidade, traições, honestidades, segredos e batalhas entre outras “marcas folhetinescas” responsáveis por agradar e encantar um público leitor fiel ao estilo dessas histórias. Essas temáticas, próprias ao melodrama garantiam uma continuidade das publicações seriadas no período oitocentista. Mas não foram apenas os temas – assunto que trataremos mais tarde, os únicos responsáveis pelo apreço do romance-folhetim por parte dos leitores nesse momento. Outros elementos atraíram a atenção do público leitor para esse gênero, como a *estrutura folhetinesca*.

Os romances-folhetins que circularam em Belém eram divulgados numa composição que mantinha semelhança com a forma publicada nos jornais franceses, introduzidas em notas de rodapé, com a chamada para o próximo número com a palavra “*continúa*” e as subdivisões dos capítulos em temas. Com essa estrutura, os textos noticiados n’*O Liberal do Pará* conseguiram uma atenção considerável do público leitor paraenses no século XIX.

Martin-Barbero¹¹⁹ em seu texto *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* chamou a atenção para a importância da estruturação dos romances-folhetins para o público de uma cultura popular. Ele afirmou que a leitura de um folhetim não poderia ser realizada sem a presença das marcas que lembrassem o universo cultural do popular – a organização material do texto. As marcas estruturais, referidas pelo autor, tiveram as seguintes denominações: os *dispositivos de composição tipográfica*, os *dispositivos de fragmentação da leitura* e os *dispositivos de sedução*.

¹¹⁹ MARTIN-BARBERO, 2003, p. 191-195.

O ponto inicial da discussão acerca dos três níveis de apropriação do texto folhetim, proposto por Martin-Barbero, será realizado com o primeiro nível – *o dos dispositivos de composição tipográfica*. Tais dispositivos são representados pelo tamanho das letras expostas no texto, o espaçamento entre as linhas e a largura das margens. Esses mecanismos de tipografia e de composição material do texto eram destinados a um tipo particular de leitor. Como afirma Martin-Barbero, “leitores para os quais a leitura supõe um esforço, uma tensão maior do que para outros leitores mais experientes, e que encontram nos brancos do texto algum descanso, momentâneo mais confortável para a vista”.¹²⁰

Com relação ao segundo nível, o *da fragmentação da leitura*, o elemento primordial que o define é a narrativa em episódios. Esse dispositivo apareceu como um conjunto de fragmentações que começava com o tamanho da frase envolvendo até a divisão dos episódios em partes, capítulos e subcapítulos. Estes últimos, caracterizados por títulos, representavam verdadeiras unidades de leitura, as quais se constituíam em meios, veículos que articulavam o discurso narrativo, permitindo dividir a leitura do episódio em várias leituras sucessivas, sem que o sentido global da narrativa se perdesse. Assim, segundo Martin-Barbero, “boa parte do sucesso massivo do folhetim residia aí: numa fragmentação do texto escrito que incorporava os cortes produzidos por uma leitura não-especializada como é a leitura popular”.¹²¹

Por fim o terceiro nível – *o dos dispositivos da sedução* diz respeito à organização por episódios e à estrutura “aberta”. Com relação à disposição por episódios, é interessante observar que esse mecanismo próprio da narrativa folhetinesca proporcionou uma maior duração nos acontecimentos e, também, funcionou como elemento de suspense. A estrutura aberta, por sua vez, proporcionava maior flexibilidade aos escritores de folhetins no arranjo de suas narrativas, pois era nesse processo de composição, de escrever dia após dia, que os folhetinistas tinham a participação e a contribuição efetiva do público leitor, diante de suas ações e reações diante do folhetim que circulava no jornal da cidade.

A partir dessa discussão e da pesquisa realizada, observamos que tais dispositivos se fizeram presentes nos romances-folhetins e nos servem, também, de subsídios à análise estrutural das narrativas que circularam no jornal *O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1875.

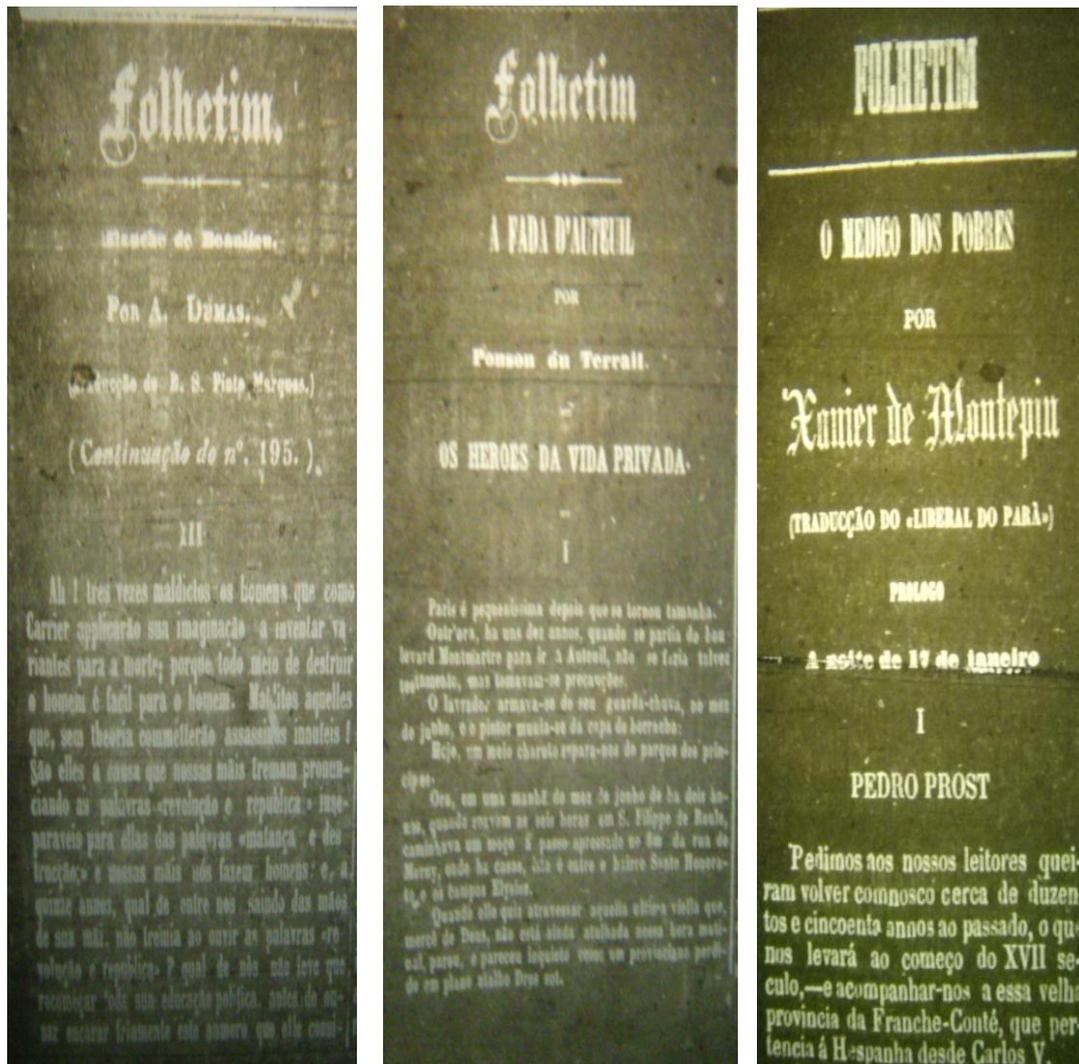
No que diz respeito aos *dispositivos de composição tipográfica*, os romances-folhetins que ora analisamos foram caracterizados de acordo com os elementos propostos por Martin-Barbero, tais como: as letras em formato grande, a largura das margens e o

¹²⁰ BROTEL, apud MARTIN-BARBERO, 2003, op. cit. p. 192.

¹²¹ MARTIN-BARBERO, 2003, p. 193.

espaçamento entre as linhas, sendo este último um elemento muito presente nas narrativas aqui estudadas. Como se pode observar na foto 7 havia uma separação entre o título do romance, o nome do autor, o seu tradutor, o número do capítulo, o subtítulo do romance, até chegar ao início da narrativa.

Foto 7 – Foto composta, mostrando trechos dos romances-folhetins na coluna Folhetim.



Fonte: Acervo da Biblioteca Arthur Vianna (Centur)

Comentário: Nessa foto observamos como os romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépín vinham expostos na primeira página d' O Liberal do Pará.

A escolha dos mecanismos para a composição do texto folhetim não era realizada aleatoriamente, sem nenhum propósito. Essa organização representava uma das estratégias para vender mais páginas dos jornais. Mas não só esse olhar é válido para entender a dinâmica do mundo do folhetim, pois outros universos podem ser observados quando analisamos esses dispositivos, como por exemplo, o da cultura oral, elemento muito presente nesse momento,

que era representada pela leitura em círculos de leitores ou ainda pelas marcas de oralidade presentes nos textos, o que aproximava o público pois, “não basta ensinar a ler, é preciso fazê-lo desejar ler”,¹²² e isso os autores dos romances-folhetins sabiam fazer muito bem.

Além desses dispositivos, os romances-folhetins divulgados no periódico *O Liberal do Pará* apresentaram a fragmentação da leitura, quesito também previsto por Martin-Barbero. Cada narrativa foi divulgada em episódios e capítulos, tal modo que, entre um capítulo e outro eram feitas inserções de personagens, de cenários, de ambientes, compondo verdadeiras micro-histórias dentro de uma história maior.

No que diz respeito à disposição dos capítulos das histórias dos folhetinistas franceses que subsidiaram o *corpus* desta dissertação, a sua organização era sempre realizada de maneira sequencial, dando a possibilidade de dois capítulos em uma mesma coluna. Tomamos como exemplo os trechos retirados dos textos *A Fada D’Auteuil*, *A Blanche de Beaulieu* e *O médico dos pobres*

Capítulo II

O barão tinha tirado o charuto que lhe oferecera o sr. De Valserres.

– Faça obsequio do fogo, disse elle. Bem agora estou as suas ordens.

– Eu o ouço, respondeu o banqueiro.

– Meu caro hospede, começo por lhe dizer que é por engano que me chamam sr. de Morgan.

«Chamo-me simplesmente Morgan. No entanto sou barão. Meu avô era fornecedor dos exercitos em principios deste seculo, e o imperador fel-o barão».

«Mas não tenho nas veias a menor gota de sangue dos cruzados; e o meu brazão não figura em Versailles, a despeito do cunho historico do nome de morgan».

« Meu avô era um aventureiro meridional, e nem meu pai, nem meu tio, nem eu, soubemos nunca a sua historia».

[...]

Capítulo III

Se o sr. de Valserres experimentara uma emoção cheia de colera à vista dessa carranca que o desafiava o barão Morgan por sua parte ficara estafacto. Valsarres fôra até a grade, agitando impetuoso e o pau de que se apossara.

O mystificador, entretanto, conseguira fugir e o banqueiro não sentia a menor vontade de perseguil-o. Voltando ao seu hospede disse-lhe:

– Peço-lhe mil perdões, mas perdi um pouco a cabeça à vista d’aquele insolente.

Intentou sorrir, porém seu rosto crispado e sua pallidez protestavam contra esse tom de indifferença affectada. [...]¹²³

¹²² RAGON apud MARTIN-BARBERO, 2003, op. cit. p. 192.

*

Capítulo II

– Além disso, o que é a morte? Um somno sem sonho, sem despertar. O que é o sangue? Um licor vermelho pouco mais ou menos semelhante ao que está dentro d'esta garrafa, e que só altera nosso espirito segundo a idea que ligamos a elle.

– Sombrenil beber d'esse licor.

– Calas-te? Vejamos, não tens presente algum argumento philantropico? Em teu lugar, um girondino não ficaria embaraçado.

Blanche era pois obrigada a continuar esta conversação.

– Oh ! disse ella toda tremula, estais certo que Deus vos deu o direito de ferir assim?

[...]

Capítulo III

Marceau achou na porta um destacamento de trinta homens, que o general em chefe tinha mau dado montar á cavallo para escoltal-o até em Nantes. Dumas acompanhou os durante algum tempo; mas a uma legua do Cholet seu amigo insistio para que elle voltasse; era perigoso voltar sosinho de mais longe. Elle despedio-se d'elles galopou d'um caminho.

Marceau desejava achar-se sosinho com a jovem vendeana. Ella tinha que lhe contar a historia de sua vida e parecia lhe que esta vida devia ser cheia de interesse. Elle aproximou-se de Blanche.¹²⁴

*

Capítulo IX

OS RETRATOS DE FAMILIA

Emquanto Antide de Montaigu se defendia com arrogancia e quasi insolencia diante do parlamento, este ordenava que se dessem buscas no castello da Aguia.

O coronel Varroz, um dos maiores amigos de Tristão, foi encarregado de dirigir as pesquisas, que, por fim, não deram resultado algum.

O sr. Montaigu, reconhecido publicamente por innocente no assassinato e no rapto, voltou para sua terras, onde se encerrou durante dous ou tres annos para deixar o tempo abafar este tenebroso negocio, que havia feito nas tres comarcas um barulho infernal.

Parecia elle ter renunciado da maneira mais completa a seos projectos de vingança altamente annunciados.

Espantaram-se primeiro desta calma, tão pouco de harmonia com o caracter bem conhecido do gentil-homem, depois cessaram de pensar nisso.

¹²³Trechos retirados do romance-folhetim *A Fada D'Auteuil*, de Ponson du Terrail. Esses excetos estão inseridos nos capítulos dois e três, cuja publicação de ambos ocorreu no dia 30 de novembro de 1872.

¹²⁴Trechos retirados dos segundo e terceiro capítulos do romance *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai. Esses capítulos foram publicados no dia 2 de setembro de 1871.

[...]

Capítulo X

RAUL E LACUZON

Raul havia chegado ao ponto da narração em que ficamos.

– Ah! exclamou Lacuzon, compreendendo agora!... E’ a Antide de Montaigu que attribuis o incendio do castello de Champ-d’Hivers e o assassinato do barão Tristão, e, segundo vossa opinião, ao commetter esse duplo crime elle exerceo dupla vingança.

– Sim respondeo o moço; accuso o senhor de Montaigu do assassinato e do incendio, quando me tiverdes ouvido até o fim, o accusareis como eu, e confessareis que mais de um scelerado atado ao pelourinho pela mão do carrasco merece menos uma morte infamante do que esse miseravel!...

– Continuae, disse simplesmente Lacuzon.¹²⁵

Mas não foi somente essa forma de organização dos capítulos que chamou a nossa atenção. Outra maneira de elaboração dos capítulos que se fez presente nos romances-folhetins d’*O Liberal do Pará* diz respeito à titulação atribuída a cada capítulo.

O romance de Xavier de Montépin caracterizou-se e destacou-se por utilizar este recurso na organização. N’*O médico dos pobres* cada tópico foi iniciado com um título, começando com o prólogo *A noite de 17 de janeiro*. Em seguida, estendeu-se pela primeira parte, *Um capitão de aventureiros*, e, por fim, alargou-se na segunda parte, *O Castello de Aguiã*.

No prólogo havia quatro capítulos: *Pedro Prost* (capítulo I), *Uma visita singular* (capítulo II), *O Prólogo de um drama* (capítulo III), *Eglantine* (capítulo IV).

A primeira parte subdividia-se em vinte capítulos, tais como: *A estalagem de Champagnolle* (capítulo I), *A grande Trindade* (capítulo II), *Caminhos Impraticaveis* (capítulo III), *Do capitão Lespinassou* (capítulo IV), *Onde se falla do moço de cabellos pretos, do moço de cabelos louros e da justiça do capitão Lacuzon* (capítulo V), *Raul* (capítulo VI), *Tristão de Champ-D’hivery* (capítulo VII), *Romeo e Julietta* (capítulo VIII), *Retratos de Família* (capítulo IX), *Raul e Lacuzon* (capítulo X), *Duas Estrophes de uma canção* (capítulo XI), *A Trindade* (capítulo XII), *O Frade* (capítulo XIII), *Prisão de Pedro Prost* (capítulo XIII), *O Segredo de Pedro Prost* (capítulo XIV), *Eglantine* (capítulo XV), *A*

¹²⁵Trechos retirados dos capítulos nono e décimo da primeira parte, *Um capitão de Aventureiros*, do romance *O médico dos pobres*, de Xavier de Montépin. Esses capítulos foram publicados no dia 25 de setembro de 1874.

Praça Luiz XI (capítulo XVI), *A Fogueira* (capítulo XVII), *O fogo* (capítulo XIX), *O Jogo* (capítulo XX).

A segunda parte, os capítulos intitulavam-se da seguinte maneira: *Magui, a Brucha* (capítulo I), *O phantasma* (capítulo II), *O segredo do Mascara Negra* (capítulo III), *Uma Resolução* (capítulo IV), *Castello da Aguia* (capítulo V), *O recebimento dos dízimos* (capítulo VI), *O senhor da Aguia* (capítulo VII), *A Mensageira* (capítulo VIII), *O Aposento destinado às mulheres* (capítulo IX), *Reunião* (capítulo X), *O Tanque* (capítulo XI), *O Trahidor* (capítulo XII), *Compra e venda como ha muitas* (capítulo XIII), *Alarma* (capítulo XIV), *A Mulher Pallida* (capítulo XV), *A fuga* (XVI), *Tristão de Champ–D’hivery* (capítulo XVII), *Reconhecimentos* (capítulo XVIII), *Recado de Magui* (capítulo XIX), *As Duas Batinas Escarlates* (capítulo XXI), *Os Dous Frades* (capítulo XXII), *A Vivandeira* (capítulo XXIII), *Peripecia* (capítulo XXIV), *O Bom Frade* (capítulo XXV), *Os Refens* (capítulo XXVI), *Um Tiro* (capítulo XXVII), *O Castelo de Aguia* (capítulo XXVIII), *A Branca Mirebel* (capítulo XXIX), *A mãe e a filha* (capítulo XXIX), *O assalto* (capítulo XXX), *A justiça* (capítulo XXXI), *A gruta* (capítulo XXXII), *Um heroe de Homero* (capítulo XXXIII), *Justiça dos homens* (capítulo XXXIV).

Para uma melhor compreensão a respeito de como eram divididos ou subdivididos os capítulos dos romances-folhetins contidos n’*O Liberal do Pará* foram sistematizado três quadros, contendo informações acerca dos romances aqui estudados:

Quadro 5 – A disposição dos capítulos do romance-folhetim *Blanche* de Beaulieu.

CAPÍTULOS	DATA DE PUBLICAÇÃO
<i>I</i>	<i>29 e 30 de agosto de 1871</i>
<i>II</i>	<i>30 e 31 de agosto e 1 e 2 de setembro de 1871</i>
<i>III</i>	<i>2,3,5,7 e 12 de setembro de 1871</i>
<i>IV</i>	<i>12 e 13 de setembro de 1871</i>
<i>V</i>	<i>14,15,16 e 17 de setembro de 1871</i>
<i>Conclusão (VI)</i>	<i>20 de setembro de 1871</i>

Fonte: Quadro elaborado com base no trabalho de pesquisa junto ao periódico *O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1880.

Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, março, 2011.

Quadro 6 – A disposição dos capítulos do romance-folhetim A Fada D’Auteuil

TÍTULO	CAPÍTULOS	DATA DE PUBLICAÇÃO
<i>OS HEROES DA VIDA PRIVADA</i>	<i>I</i>	<i>29 de novembro de 1872</i>
	<i>II</i>	<i>30 de novembro de 1872</i>
	<i>III</i>	<i>1 de dezembro de 1872</i>
	<i>IV</i>	<i>6 de dezembro de 1872</i>
	<i>V</i>	<i>10 e 11 de dezembro de 1872</i>
	<i>VI</i>	<i>12 de dezembro de 1872</i>
	<i>VII</i>	<i>12 de dezembro de 1872</i>
	<i>VIII</i>	<i>13 de dezembro de 1872</i>
	<i>IX</i>	<i>13 e 14 de dezembro de 1872</i>
	<i>X</i>	<i>14 de dezembro de 1872</i>
	<i>XI</i>	<i>15 de dezembro de 1872</i>
	<i>XII</i>	<i>15 de dezembro de 1872</i>
	<i>XIII</i>	<i>15 e 19 de dezembro de 1872</i>
	<i>XIV</i>	<i>19 e 20 de dezembro de 1872</i>
	<i>XV</i>	<i>20 e 21 de dezembro de 1872</i>
	<i>XVI</i>	<i>21 e 22 de dezembro de 1872</i>
	<i>XVII</i>	<i>22 e 25 de dezembro de 1872</i>
	<i>XVIII</i>	<i>25 de dezembro de 1872</i>
	<i>XIX</i>	<i>27 de dezembro de 1872</i>
	<i>XX</i>	<i>28 de dezembro de 1872</i>
	<i>XXI</i>	<i>28 e 29 de dezembro de 1872</i>
	<i>XXII</i>	<i>29 de dezembro de 1872 e 3 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXIII</i>	<i>3 e 4 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXIV</i>	<i>4 e 5 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXV</i>	<i>5 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXVI</i>	<i>Dia 7 está faltando o exemplar do jornal</i>
	<i>XXVII</i>	<i>9 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXVIII</i>	<i>9 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXIX</i>	<i>10 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXX</i>	<i>11 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXI</i>	<i>11 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXII</i>	<i>Está faltando o exemplar n. 9 e n. 10</i>
	<i>XXXIII</i>	<i>15 de janeiro de 1873</i>

	<i>XXXIV</i>	<i>15 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXV</i>	<i>16 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXVI</i>	<i>16 e 17 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXVII</i>	<i>17 e 24 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXVIII</i>	<i>24 de janeiro de 1873</i>
	<i>XXXIX</i>	<i>Está faltando o exemplar de n. 20</i>
	<i>XL</i>	<i>26 de janeiro de 1873</i>
	<i>XLI</i>	<i>28 de janeiro de 1873</i>
	<i>XLII</i>	<i>28 e 29 de janeiro de 1873</i>
	<i>XLIII</i>	<i>29 de janeiro de 1873</i>
	<i>XLIV</i>	<i>31 de janeiro e 2 de fevereiro de 1873</i>
	<i>XLV</i>	<i>2 e 5 de fevereiro de 1873</i>
	<i>XLVI</i>	<i>5 de fevereiro de 1873</i>
	<i>XLVII</i>	<i>6 de fevereiro de 1873</i>
	<i>XLVIII</i>	<i>6 e 8 de fevereiro de 1873</i>
	<i>XLIX</i>	<i>8 e 9 de fevereiro de 1873</i>
	<i>L</i>	<i>11 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LI</i>	<i>11 e 12 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LII</i>	<i>12 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LIII</i>	<i>13 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LIV</i>	<i>15 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LV</i>	<i>16 de fevereiro de 1873</i>
	<i>LVI</i>	<i>20 de fevereiro de 1873</i>
	<i>EPILOGO (LVII)</i>	<i>21 de fevereiro de 1873</i>

Fonte: Quadro elaborado com base no trabalho de pesquisa junto ao periódico *O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1880.

Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, março, 2011.

Quadro 7 – A disposição dos capítulos do romance-folhetim O médico dos pobres.

PARTES	TÍTULOS	CAPÍTULOS	DATA DE PUBLICAÇÃO
PRÓLOGO <i>A noite de 17 de janeiro</i>	<i>Pedro Prost</i>	I	<i>23 a 24 de agosto de 1874</i>
	<i>Uma visita singular</i>	II	<i>24 a 25 de agosto de 1874</i>
	<i>O Prólogo de um drama</i>	III	<i>27a 28 de agosto de 1874</i>
	<i>Eglantine</i>	IV	<i>28 a 29 de agosto de 1874</i>
PRIMEIRA PARTE <i>Um capitão de aventureiros</i>	<i>A estalagem de Champagnolle</i>	I	<i>30 de agosto a 02 de setembro de 1874</i>
	<i>A grande Trindade</i>	II	<i>2, 3 e 4 de setembro de 1874</i>
	<i>Caminhos Impraticaveis</i>	III	<i>5 a 6 de setembro de 1874</i>
	<i>Do capitão Lespinassou</i>	IV	<i>10 a 11 de setembro de 1874</i>
	<i>Onde se falla do moço de cabelos pretos, do moço de cabelos louros e da justiça do capitão Lacuzon</i>	V	<i>12 e 13 de setembro de 1874</i>
	<i>Raul</i>	VI	<i>15 a 16 de setembro de 1874</i>
	<i>Tristão de Champ–D’hivery</i>	VII	<i>17 a 19 de setembro de 1874</i>
	<i>Romeo e Julietta</i>	VII	<i>20 de setembro de 1874</i>
	<i>Retratos de Família</i>	IX	<i>23 a 25 de setembro de 1874</i>
	<i>Raul e Lacuzon</i>	X	<i>25, 26 e 27 de setembro de 1874</i>
	<i>Duas Estrophes de uma canção</i>	XI	<i>30 de setembro de 1874</i>
	<i>A Trindade</i>	XII	<i>2 a 3 de outubro de 1874</i>
	<i>O Frade</i>	XIII	<i>4 de outubro de 1874</i>
	<i>Prisão de Pedro Prost</i>	XIV	<i>8 de outubro de 1874</i>
	<i>O Segredo de Pedro Prost</i>	XV	<i>9 a 10 de outubro de 1874</i>
	<i>Eglantine</i>	XVI	<i>13, 14 e 15 de outubro de 1874</i>
	<i>A Praça Luiz XI</i>	XVII	<i>15, 17 e 18 de outubro de 1874</i>
	<i>A Fogueira</i>	XVIII	<i>18, 20, 21e 22de outubro de 1874</i>
	<i>O fogo</i>	XIX	<i>24 a 25 de outubro de 1874</i>
	<i>O Jogo</i>	XX	<i>28 a 19 de outubro de 1874</i>
	<i>Magui, a Brucha</i>	I	<i>30 de outubro a 1 de novembro de 1874</i>
	<i>O phantasma</i>	II	<i>4 de novembro de 1874</i>
	<i>O segredo do</i>	III	<i>5 a 6 de novembro de 1874</i>

SEGUNDA PARTE O Castello de Aguia	<i>Mascara Negra</i>		
	<i>Uma Resolução</i>	IV	8 a 10 de novembro de 1874
	<i>Castello da Aguia</i>	V	10 a 11 de novembro de 1874
	<i>O recebimento dos dízimos</i>	VI	13 a 14 de novembro de 1874
	<i>O senhor da Aguia</i>	VII	15 de novembro de 1874
	<i>A Mensageira</i>	VIII	17 a 18 de novembro de 1874
	<i>O Aposento destinado às mulheres</i>	IX	18 de novembro de 1874
	<i>Reunião</i>	X	26 a 27 de novembro de 1874
	<i>O Tanque</i>	XI	27 a 29 de novembro de 1874 e 2 de dezembro de 1874
	<i>O Trahidor</i>	XII	2 a 5 de dezembro
	<i>Compra e venda como ha muitas</i>	XIII	11 a 12 de dezembro de 1874
	<i>Alarma</i>	XIV	17 de dezembro de 1874
	<i>A Mulher Pallida</i>	XV	18 de dezembro de 1874
	<i>A fuga</i>	XVI	19 e 20 de dezembro de 1874
	<i>Tristão de Champ–D’hivery</i>	XVII	22, 23 e 24 de dezembro de 1874
	<i>Reconhecimentos</i>	XVIII	23 de dezembro de 1874
	<i>Recado de Magui</i>	XIX	30 de dezembro de 1874
	<i>As Duas Batinas Escarlates</i>	XXI	1, 3, 5, 8 e 9 de janeiro de 1875
	<i>Os Dous Frades</i>	XXII	9 e 10 de janeiro de 1875
	<i>A Vivandeira</i>	XXIII	12, 13 , 14 de janeiro de 1875
	<i>Peripecia</i>	XXIV	14 e 15 de janeiro de 1875
	<i>O Bom Frade</i>	XXV	15, 16 e 17 de janeiro de 1875
	<i>Os Refens</i>	XXVI	17, 20, 21 de janeiro de 1875
	<i>Um Tiro</i>	XXVII	22 e 23 de janeiro de 1875
	<i>O Castelo de Aguia</i>	XXVIII	23 e 24 de janeiro de 1875
	<i>A Branca Mirebel</i>	XXIX	24 de janeiro de 1875
	<i>A mãe e a filha</i>	XXIX	27 de janeiro de 1875
	<i>O assalto</i>	XXX	29 e 30 de janeiro de 1875
	<i>A justiça</i>	XXXI	30 e 31 de janeiro de 1875 e 5 6, 9, de fevereiro de 1875
	<i>A gruta</i>	XXXII	4 e 11 fevereiro de 1875
	<i>Um heroe de Homero</i>	XXXIII	12 de fevereiro de 1875
	<i>Justiça dos homens</i>	XXXIV	14 de fevereiro de 1875

Fonte: Quadro elaborado com base no trabalho de pesquisa junto ao periódico *O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1880.

Organização: SANTOS, Edimara Ferreira, março, 2011.

A partir dos quadros 5, 6 e 7, observamos que essa maneira de dispor os capítulos por títulos não foi comum em todos romances presentes n’*O Liberal do Pará*. No romance *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai não foi identificado nenhuma titulação aos capítulos e no romance-folhetim *A Fada D’Auteuil*, de Ponson du Terrail foi visualizado apenas um título para todos os capítulos o de *Os heroes da vida privada*. Entretanto, no romance *O médico dos pobres* de Xavier de Montépin observou-se a presença de títulos para cada capítulo.

Essas titulações, no romance fragmentado de Xavier de Montépin, representavam cada tema tratado ao longo dos capítulos, sem que a história central da narrativa fosse deixada de lado. Esse formato de divulgação, de dar nomes a cada capítulo seria mais uma estratégia de *marketing* dos escritores e editores dos jornais para que houvesse uma sedução do público leitor, pois os títulos chamavam atenção para o que transcorreria naquele momento da narrativa e eram elaborados com enunciações apelativas à atenção do leitor.

Por outro lado, esse estilo de fragmentação da leitura apresentava outro recurso também utilizado pelos narradores desses romances – *a digressão*, estratégia proposital nos textos sequenciais, pois os autores de folhetins precisavam manter as suas narrativas nas páginas dos jornais para os quais haviam sido contratados, por isso, constantemente, acrescentavam novos personagens, novos ambientes, novos fatos, novos dramas, novos episódios, novas peripécias para que suas histórias tomassem maiores proporções de tamanho e continuassem sendo divulgadas e publicadas nos periódicos. Esse procedimento foi visualizado no *O médico dos pobres* de Xavier de Montépin

A narração que fez Raul ao capitão de aventureiros, por maior importancia que tenha aos olhos de nossos leitores, não é neste romance mais do que uma digressão, que se liga por laços indissolúveis ao que vae seguir-se. (grifo nosso)

Esta explicação dá a razão porque passamos, quasi sem tocar, ao lado de uma analyse, que poderíamos fazer com bom successo, do nascente e mutuo amor do barão de Champ-d’Hivers e da donzella Branca de Mirebel.¹²⁶

[...]

E’ indispensável collocar aqui uma noticia historica muito curta sobre a situação da Franche Conté em 1638, isto é, cerca de 18 anos depois da noite de 17 de janeiro de 1620; – noute de que no prólogo contamos os incidentes terríveis.

Rogamos aos nossos leitores queiram desdenhar estes rápidos por menores.

¹²⁶Trecho retirado do capítulo VIII, *Romeo e Julietta*, da primeira parte (Um capitão de aventureiros) do romance-folhetim de Xavier de Montépin. A data de publicação desse capítulo no jornal *O Liberal do Pará* foi ao dia 20 de setembro de 1874.

A Franche-Conté, sabel-o já, pertencia à Hespanha desde Carlos Quinto. Por morte de Felipe II, ella fez parte do dote de sua filha, a infanta Clara-Izabel-Engenia, que havia esposado o archi duque Alberto d'Austria.¹²⁷

No primeiro trecho, a presença da digressão é realizada para explicar porque o narrador preferiu a descrição que Raul fez ao capitão aventureiro, à história de amor entre o barão de Champ-d'Hivers e a donzela Branca. Esse narrador revelou nos seus próprios escritos à utilização desse procedimento narrativo: *A narração que fez Raul ao capitão de aventureiros, [...] não é neste romance mais do que uma digressão, que se liga por laços indissolúveis ao que vae seguir-se.*

No segundo trecho, o narrador utilizou uma *digressão histórica* que explicou como os fatos históricos ocorreram na Franche-Conté em 1638, para em seguida comentar para os seus leitores a verdadeira causa que levou a guerra entre espanhóis e franceses à conquista de Franche-Conté.

Dessa forma, a organização por episódios foi um dispositivo presente nos romances-folhetins lidos e analisados para este estudo, nos quais observamos que cada capítulo do romance *O médico dos pobres*, apresenta um episódio narrando a vida, os dramas, os anseios, as peripécias e os segredos presentes em cada subcapítulo, como o capítulo XIV, da primeira parte, quando o próprio título, *O segredo de Pedro Prost*, carregava um caráter de suspense que foi revelado nas últimas linhas

– E' curioso! murmurou Lacuzon.

– Sim, mais curioso e mais original do que pensas... Vás saber tudo e verás que nos factos que te vou contar a verdade toma o character de uma ficção inventada de proposito... Pela primeira palavra podes julgar; Eglantine não é minha filha!...

O capitão olhou Pedro Prost com um ar que significava claramente:

– Estarás louco, meu tio?...

O medico dos pobres não se enganou na significação deste olhar, elle sacudiu lentamente a cabeça e respondeu:

– Não, meu filho, tenho toda minha razão, apesar de me ter sido necessario atravessar na vida provas assaz duras e capazes de desorganisarem uma cabeça mais solida que a minha... Vás vêr; como dizias ha pouco, nosso tempo está contado... Deixa-me pois fallar e faz de modo que me não interrompas; porque é necessario conheceres o meu segredo todo inteiro...¹²⁸

¹²⁷Trecho retirado do capítulo I da primeira parte do romance-folhetim de Xavier de Motépin. Publicado em 30 de agosto de 1874.

¹²⁸Trecho do capítulo XIV da primeira parte. Publicação em 09 de outubro de 1874.

Essa fórmula de organizar a história em episódios foi um recurso encontrado pelos escritores do gênero folhetim com a finalidade de que cada episódio contivesse informações suficientes para construir uma unidade capaz de satisfazer a curiosidade do leitor. Entretanto, as informações fornecidas não eram o bastante para que o desejo da leitura do próximo capítulo não fosse realizado.

Outro elemento importante dentro das narrativas folhetinescas foi o narrador. Ilana Heineberg revelou que a partir de 1860 os narradores tiveram o domínio na narração folhetinesca e abusaram dos procedimentos narrativos mais característicos nesse tipo de texto, como a repetição, a redundância, o efeito de presença e a digressão.¹²⁹

Essa afirmação de Heineberg é pertinente quando observamos os três narradores das histórias selecionadas

Marceau tinha amado, amado com todas as potencias de sua alma: depois tinha sido enganado, atraído: o desprezo, com grande custo tinha-se collado n'um coração tão jovem. O sangue que corria em suas veias se tinha esfriado devagar; uma indifferença melancolica tinha substituido á exaltação. Marceau enfim antes de conhecer Blanche, não era mais do que um doente privado pela ausencia subita da febre, de energia e da força que ella lhe dava.¹³⁰

*

Isso queria dizer que essa carta fôra posta no correio de Sulbris e a qual vinha certamente do velho castello de Crisenon, morada desse velho tio de quem fallara ao sr. de Valserrres.

Ha tantos sobrinhos que esperam com impaciencia a morte de seus tios !.... mas o sr. de Morgan tinha outro modo de pensar e de ver.

Amava seu tio e não pensava nem em sua morte, nem ha competente herança.

Todos os annos ia passar alguns mezes em Crisenon em meio das lagoas e das mattas de Solonha tão abundantes de aves, e divertia-se em companhia desse velho que conservara toda a amabilidade dos homens de Restauração.¹³¹

*

Este mancebo de vinte e dous annos viveu a partir d'ahi, não para si, mas para os outros. Constituiu-se medico dos pobres. Passou seus dias e suas noites a correr da planicie para a montanha, levando soccorro e cuidados a todos aquelles que o reclamavam, e não aceitando retribuição alguma por suas fadigas e por suas receitas.

¹²⁹ HEINEBERG, Ilana. **A providência, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil.** Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br.../a_providencia.doc>. Acesso em: 14 de março de 2011.

¹³⁰ Trecho retirado do terceiro capítulo do romance *Blanche de Beaulieu* publicado no dia 03 de setembro de 1871.

¹³¹ Trecho retirado do quinto capítulo do romance *A Fada D'Auteuil, de* publicado no dia 10 de dezembro de 1872.

Em medicina o habito e a experiencia são os dous terços de talentos; – Pedro Prost, cuja a intelligencia era bella, e cujo o talento estava desenvolvido, não tardou a tornar-se um pratico notavel. Fez curas extraordinarias, que a voz do povo engrandeceu e attribuiu ao milagre; – breve avultou de tal sorte a reputação do medico campones, que elle foi chamado a alguns castellos e contou em sua clientela damas e cavalheiros da nobreza.¹³²

Esses narradores eram conhecedores do porquê das angústias das personagens, do sofrimento, das traições, de tudo o que se passava no interior de cada história. Eles chamavam a atenção do leitor para determinada cena, conduziam as peripécias das personagens e revelavam, nos últimos capítulos, os segredos que percorriam por toda a narrativa. Apresentavam-se, dessa forma, como uma peça central e fundamental nesse tipo de composição narrativa.

Outra maneira de estruturar o romance-folhetim, usando o dispositivo de fragmentação da leitura, foi o recurso da palavra “*continúa*”, inserida no final de cada dia de publicação do folhetim. Essa palavra marcava que haveria uma continuidade que dava a narrativa um caráter de suspense, fazendo com que os leitores que acompanhavam a história desde o início, não se perdessem e os novos leitores se localizassem nos fatos ocorridos e nos que se sucedessem.

De acordo com Régis Messac, esse elemento configurou-se como uma “grande linha com inúmeros ganchos na sua extensão”, em que a história foi sofrendo durante o seu desenvolvimento, sendo necessário colocar, antes da interrupção, algum elemento que provocasse curiosidade do leitor e segurasse as assinaturas dos jornais.¹³³ Dessa forma, a marca *continúa* propiciava o mistério e a tensão presentes na prosa de ficção oitocentista, chegando a despertar a curiosidade e a “segurar” os leitores de jornais. Pode-se observar a incidência desse recurso em três trechos retirados dos romances encontrados no jornal *O Liberal do Pará*

Tres quartos d’hora depois elles entravam em Cholet. O general em chefe estava na casa do «maire». Marceau subio, deixando na porta seu creado e sua prisioneira. Deu conta em algumas palavras de sua missão, e voltou com sua pequena escolta, para procurar um jantar no hotel denominado «Sans Culottes» inscripção que substituiu ás palavras: «As grandes saint Nicolas». Marceau alugou dois quartos; conduziu a moça a um d’elles, aconselhou a que se deitasse vestida a fim de fruir durante alguns instantes o descanso de que necessitava, depois da terrivel noite que acabava de passar, e foi fechar-

¹³²Trecho retirado do primeiro capítulo do Prólogo do texto *O médico dos pobres* de Xavier de Montépin publicado em 23 de agosto de 1874.

¹³³MESSAC, 1975 apud RIBEIRO, 1996, p. 29.

se do seu tinha elle então a responsabilidade d'uma existencia e era preciso pensar no meio de conserval-a.

Blanche de seu lado tinha que sonhar, tambem, em seu pai primeiramente, depois n'este jovem general republicano que tinha uma physionomia e uma voz tão doce. Tudo isto lhe parecia um sonho. Ella andava para ver se estava bem accordada, parando diante de um espelho para convencer se que era ella; depois ella chorava pensando no abandono em que se achava; a idea de sua morte , na morte no cadafalso não lhe occorreu. Marceau tinha dito com sua doce voz.

– Eu vos salvarei.

(*Continúa*)¹³⁴

*

Em seguida dirigiu-se a Arthur.

– Vamos para a carruagem, disse elle. Ainda agora estavas palhido; agora estás vermelho como se ia houvesse subido todo o sangue á cabeça. Vamos voltar para Paris e tomar um banho. Adeus Valserres...

E o visconde de Courtenay sempre positivo, sempre tranquillo, meteu esporas ao cavallo, deixando Valserres voltar para Auteuil a pé, e todo transtornado com as suas ultimas palavras.

Qual era então o crime de que o barão Paulo Morgan julgava ter que se accusar?

(*Continúa*)¹³⁵

*

– Capitão, comprehendo vossas duvidas, e longe de achal-as offensivas eu as partilharia si o velho Marcello não tivesse feito brilhar para mim a luz incontestavel da evidencia, por entre as trevas amontoadas e turno do meo berço... Esta luz brilhará d'aqui a pouco para vós, como brilhou para mim e, alem disso, uma só palavra vos explicará factos que vos parecem incompreensiveis. Elle cercou-me de um veo impenetravel para subtrahir-me no implacavel odio que era voltado a toda minha familia a quem havião jurado exterminar. O incendio do castello de Champ-d'Hivers não foi obra do accaso, foi um crime. Meu pai não morreo victima d'um accidente, foi assassinado...

– Assassinado!... repetio Lacuzon.

– Sim e d'aqui a pouco vos direi o nome do assassino, mas antes, é preciso que conheçaes os motivos mysteriosos do crime. – Escutae-me pois, capitão, e julgae si sou um intrigante commum, ou si tenho o direito de reclamar um lugar entre meos iguaes...

(*Continúa*)¹³⁶

¹³⁴Trecho retirado do texto *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas. Jornal o Liberal do Pará de 1871.

¹³⁵Fragmento retirado do texto *Fada D'Auteuil*, de Ponson du Terrail. Jornal *O Liberal do Pará*, Capítulo XXIX.

¹³⁶Trecho retirado do capítulo VI (Raul) referente à primeira parte do romance de Xavier de Montépin. A publicação desse capítulo aconteceu no dia 16 de setembro de 1874.

Um elemento como esse proporcionava ao leitor do folhetim certa expectativa de ter conhecimento da progressão da narrativa, os fatos que poderiam aparecer em seguida e o que poderia acontecer com alguns personagens, como notamos no fragmento acima, em que o corte foi realizado justamente em um momento de grande agonia da personagem *Blanche*, dada pela possibilidade da perda de seu pai.

Podemos perceber a presença da mesma forma no segundo fragmento do romance-folhetim de Ponson du Terrail. A última frase causou, possivelmente, uma expectativa no leitor para saber qual seria o crime que o personagem Paulo Morgan havia cometido. Isso, certamente, provocou curiosidade e a compra do jornal no dia seguinte para saber da sucessão dos acontecimentos.

No terceiro exceto, a presença da palavra *continúa* adquiriu o mesmo valor dos outros dois romances, o de causar expectativas e suspenses para a leitura dos próprios capítulos. Evidentemente, o leitor de época ficou na ansiedade de conhecer os motivos misteriosos do crime do pai de Raul, sendo que as revelações desse acontecido foram levadas para as próximas páginas do romance-folhetim.

Essas interrupções em momentos estratégicos constituíram uma prática dos autores dos romances-folhetins para levar os leitores, supostamente, a comprar os jornais diariamente, a fim de obter mais informações das personagens, dos dramas, dos mistérios que cercavam os romances, os quais eram lidos e aclamados no periódico, formando, assim, verdadeiros expectadores e colecionadores dessas histórias.

Por fim, observamos que o terceiro dispositivo proposto por Martin-Barbero fez parte dos romances-folhetins publicados n’*O Liberal do Pará*. A estrutura aberta foi marca registrada nas narrativas em pedaços dos folhetinescos franceses. Esse estilo de divulgação era, também, uma maneira dos autores de folhetins conduzirem as suas histórias, “conversando” com os leitores, trazendo-os para dentro da história e interagindo com o seu público leitor. Essa prática criava em seus leitores a sensação de participação da narrativa, como é possível observar em alguns trechos da narrativa de Xavier de Montépin

Pedimos aos nossos leitores queiram volver connosco cerca de duzentos e cinquenta annos ao passado, o que nos levará ao começo do XVII seculo, – e acompanhar-nos a essa velha provincia de Franche-Conté, que pertencia á Hespanha desde Carlos V.¹³⁷

[...]

¹³⁷Trecho referenciado ao prólogo do romance-folhetim de Xavier de Motépin. Publicação em 23 de agosto de 1874.

Os leitores advinham que Jacques Vernier, – este estalajadeiro leal e bom patriota, mas fallador, não tinha dado curso á sua prolixidade natural no meio da rua.

Tudo isto foi dito no trajecto da porta para a estrebaria, onde installou o cavallo, e dito com a consciência e a alegria de fallar bem sem ser interrompido.¹³⁸

[...]

Os leitores não esqueceram, ao menos assim o esperamos, que Gerbas, depois de ter deixado o carro no pateo do tanque, se tinha affastado do castello cantarolando, e que sua voz foi enfraquecendo até desaparecer.

Voltemos, si quezerdes, ao pateo do tanque no qual reinava o mais completo silencio e a maior escuridão [...] Nossos leitores advinham¹³⁹ já que foi este o meio empregado por Lacuzon para introduzir-se no castello.¹⁴⁰

Essa particularidade do romance-folhetim, em dialogar com seus leitores, foi mais um recurso que autores e editores de jornais utilizavam para aumentar o público, pois fazia com que os leitores de folhetim confundissem suas vidas com os fatos narrados, como afirma Martin-Barbero “o fato de escrever dia após dia conforme um plano que, entretanto, é flexível diante da reação dos leitores também se inscreve na confusão da narrativa com a vida”.¹⁴¹ Portanto, os leitores de folhetins em determinado momento da leitura faziam confusões de suas vidas reais com “as vidas imaginadas” lidas diariamente nas páginas daqueles enredos.

Ademais, não foram somente esses dispositivos de estruturação presentes na prosa de ficção que circularam n’*O Liberal do Pará*, que contribuíram para nossa análise. As personagens e as temáticas colaboraram excessivamente nas apreciações para demonstrar como era o contorno da vida, da cultura, dos costumes e dos hábitos franceses que encantavam o público leitor da burguesia paraense, a qual vivenciava um momento singular na Província do Pará, o momento histórico chamado de *Belle Époque* belenense.

Por conta disso caro leitor, passaremos aos encantos das personagens folhetinescas, que por um longo tempo atraíram um público leitor acostumado a se irritar e a amar essas “pessoas” que tanto se fizeram presentes em suas casas, praças, gabinetes de leitura e bibliotecas no século XIX.

(Continúa)

¹³⁸Trecho retirado do romance-folhetim de Xavier de Motépin. Publicação em 30 de agosto de 1874.

¹³⁹Todos, grifos nossos.

¹⁴⁰Trecho referenciado ao capítulo IX da segunda parte do romance-folhetim. Publicação em 18 de novembro de 1874.

¹⁴¹MARTIN-BARBERO, 2003. p. 194.

3.2 As marcas folhetinescas em *Blanche de Beaulieu*, *A Fada D'Auteuil* e *O médico dos pobres*: as personagens

Antes de abordarmos as personagens propriamente envolvidas na prosa de ficção de Alexandre Dumas pai, de Ponson du Terrail e de Xavier de Montépin, evidenciaremos como essas figuras tão populares nos romances-folhetins eram apresentadas ao público leitor do século XIX e discutidas pelos autores, sejam eles franceses, portugueses ou brasileiros.

Uma contribuição importante para pensarmos como se configuravam as personagens folhetinescas foi a de José Ramos Tinhorão, que revelou três maneiras de caracterizar as personagens das narrativas em séries, as quais classificou como “O trio de personagens folhetinescos”. Esse tripé de personagens configurava-se da seguinte maneira: a vítima (aquela que sempre sofria na narrativa pelas injustiças particulares e sociais, que excitava piedade); o vilão (a figura que representava a maldade humana e inspirava o terror, o medo e a revolta); e o herói (sempre o bom das narrativas; o que provocava o sentimento de admiração por parte dos leitores)¹⁴². Assim, seria um “pecado” discorrer a respeito de personagens folhetinescos e não mencionar essas três categorias atribuídas aos personagens.

É relevante mencionar esse assunto porque os escritores de ficção de rodapé não se preocupavam em desenvolver o lado psicológico e reflexivo de suas personagens. Eles apenas queriam assegurar as sequências de suas narrativas nos jornais e a preocupação era a de agradar ao público expectador, com um texto de narração cronológica, clara e linear. Desse modo, é relevante a consideração de François Brussière a respeito das personagens nesse tipo de construção textual

Os personagens da narrativa folhetinesca são conduzidos de acordo com a vontade do escritor “como se fossem as peças de um tabuleiro”, obedecendo à exigência de provocar o máximo de interesse em certas condições; menciona que os personagens não têm um “caráter ligado às necessidades pessoais interiores” e que não há “análises psicológicas feitas pelo escritor”.

A citação de Brussière reforça a ideia da ausência de uma preocupação com a definição interior das personagens, uma vez que interessava ao folhetinista caracterizar cada figura dramática dentro da narrativa. Por isso, os autores das narrativas em fascículos demonstravam em seus textos as técnicas do melodrama, comparando as suas personagens como “peças de um tabuleiro”: aquelas que estivessem agradando mais o público leitor

¹⁴²TINHORÃO, 1994. op. cit. p. 8.

tinham maior participação, mais papéis e ações dentro das histórias, caso contrário elas eram logo retiradas da trama.

Diante do exposto, como as personagens folhetinescas dos romances-folhetins presentes n' *O Liberal do Pará* nos anos de 1871 a 1875 se caracterizavam dentro da proposta realizada por José Tinhorão?

Começamos pelas personagens envolvidas no texto de Alexandre Dumas pai, intitulado *Blanche de Beaulieu*. Nessa prosa de ficção, as três figuras centrais, Blanche, Marceau e Carrier, possuíam características respectivas que as relacionavam às categorias de vítima, de herói e de vilão da narrativa. Como o *general Marceau*, um moço que contava, aparentemente entre vinte a vinte dois anos, um homem dedicado ao ofício de general e um romântico quando se tratava das coisas do coração. Quanto ao tipo físico, tinha cabelos louros compridos, faces brancas e magras, um jovem general republicano que lutou contra os seus ideais para salvar o seu grande amor. Para essa personagem, os seus atos o levaram a condição de herói da história, tal qual observamos no seguinte fragmento

Era um jovem vendeano, um menino sem armas que esforçava se por sahir d'este horrivel combate.

– Graça ! graça ! dizia elle, salvai-me em nome do céu em nome de vossa mãe!

O general o conduzia a alguns passos do campo de batalha, para subtrahindo do olhar de seus soldados, porem pouco tempo depois elle foi obrigado a parar o mancebo tinha desmaiado. Este excesso de terror da parte e um soldado admirou o general; apressou-se entretanto a socorrel-o, abrio sua farda para fazel-o respirar: era uma mulher.

Não havia um instante a perder, as ordens da Convenção erão precisas; todo vendeano agarrado com as armas na mão ou fazendo parte d'uma reunião qualquer que fosse seu sexo ou sua idade devia parecer no cadafalso. Marceau fez sentar a moça ao pé d'uma arvore e correu ao campo de batalha. Entre os mortos vio um jovem official republicano cuja estatura pareceu-lhe ser pouco mais ou menos a da desconhecida; tirou- lhe depressa seu uniforme e seu chapeo; e voltou para junto da vendeana. O freco da noite fel-a voltar cedo de seu desmaio.¹⁴³

Neste fragmento, a iniciativa tomada pelo *general Marceau* em socorrer o soldado vendeano para que este não fosse prisioneiro de guerra, mesmo depois de saber a verdadeira identidade do rapaz, foi um ato de bondade, de afeição diante do drama da moça, a qual mais tarde se tornou seu grande amor.

¹⁴³Fragmento retirado do romance-folhetim A *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai do capítulo II, cuja publicação o correu no dia 31 de agosto de 1871.

A figura de *Blanche*, por sua vez, tomou, na prosa de ficção de Dumas, contornos que a classificaram como a vítima no drama, pois suas ações se encadearam e a direcionaram para essa categoria. *Blanche* era uma vendeana que estava lutando contra os republicanos para salvar o seu pai. No decorrer da batalha conheceu o general Marceau que a salvou e a levou para Nantes, cidade onde morava a mãe e as irmãs do jovem general. No decorrer dos episódios, a jovem vendeana apaixonou-se pelo general republicano, encadeando uma série de desejos e angústias por causa desse amor proibido em vista dos ideais políticos. No desenrolar da história, Marceau não consegue ficar com *Blanche*, pois foi enganado pelo *Carrier* com uma carta para se retirar da cidade e lutar em uma batalha fora de Nantes. Nesse momento da narrativa, *Blanche* é capturada e levada para a prisão do Bouffays, onde foi decapitada em praça pública antes da chegada de seu amado.

Por fim, o terceiro protagonista, *Carrier*, caracterizava-se como uma figura egocêntrica, capaz de realizar as mais terríveis maldades para conquistar o que desejava e por onde passava deixava o símbolo da morte e da destruição

Ah! três vezes maldictos os homens que como *Carrier* applicarão sua imaginação a inventar variantes para a morte; porque todo meio de destruir o homem é facil para o homem. Malditos aquelles que, sem theoria commenttarão assassinos innuteis! São elles a causa que nossas mais tremam pronunciando as palavras revolução e republica inseparaveis para ellas das palavras « matança e destruição ».¹⁴⁴

A personagem *Carrier* foi responsável por todas as desgraças na vida de *Blanche* e *Marceau*. Foi ela que articulou a prisão de *Blanche* e ordenou a viagem de *Marceau*, separando os dois protagonistas na narração, personificando no vilão da trama.

Assim como no romance-folhetim de Dumas pai, *A Fada D'Auteuil*, de Ponson du Terrail, também apresenta personagens que se relacionam com o tripé proposto por José Ramos Tinhorão: o herói, o vilão e a vítima.

O herói *Paulo Morgan* é a personagem de um homem de vinte e oito anos, louro e delicado, bonito rapaz, distinto, com um bom coração, pronto para ajudar as pessoas. Além disso, um rapaz sensível e romântico que acreditava em um amor sincero, típico dos personagens dos romances românticos europeus. No início da narrativa, era um barão com pouco dinheiro a ponto de se tornar um homem falido, mas, no desenvolvimento da história, recebeu uma herança de seu tio de Sologno, o qual lhe deixou uma carta, contando como o

¹⁴⁴Trecho retirado do III capítulo da romance de Alexandre Dumas pai. Capítulo publicado no dia 3 de setembro de 1871.

seu avô tinha adquirido aquela fortuna. Entretanto, a partir desse momento da narrativa o barão Paulo Morgan vive um verdadeiro dilema, se cumpre com a sua honestidade de entregar a herança aos seus verdadeiros donos ou se ele salva o pai de sua amada (Paulina Valserras) da falência. *Paulo Morgan* era apaixonado por *Paulina Valserras* com quem se casou. Estas características de *Paulo Morgan* são aquelas que dão particularidade à classificação do herói da trama.

Outro personagem que nos chamou atenção foi a doce *Martha*. Uma moça doente, vítima da própria sorte, que perdeu sua mãe quando nasceu. Esta deixou um pequeno dote à filha, mas ao longo do tempo o pai da moça, Simão, não conseguiu segurar o dote e o gastou, chegando à condição de miséria. *Simão* era um mendigo da cidade que todos temiam por jogar agouro ao Sr. Valserras. Diante dessas características expostas, podemos dizer que ela foi a vítima da prosa de ficção do francês Ponson.

Além desses dois personagens, outro que atraiu a nossa atenção foi o Visconde *Leão de Courtenay*, um rapaz de trinta anos, de temperamento forte, calculista, frio, inteligente, irônico, elemento principal da trama exposto pelo narrador

Era um rapaz de trinta annos que merecia a todos os respeitos o nome de [ilegível]. Era rico: depois de ter devorado sua herança paterna e materna, enterrara uma meia duzia de tios e tias que lhe negaram tudo.

Forte, por sua experiencia custosamente adquirida, Courtenay vivia como homem que em nada crê sem affligir-se ou alegrar-se por cousa alguma, não poupando o superfluo como outros e necessario, sempre prompto a responder aquelles que intentavam appellar para seu coração¹⁴⁵.

[...]

Leão de Courtenay improvisara-se em algumas horas o «deux ex machine» do momento.

Só elle tinha nas mãos todos os fios do enredo, ou, pára melhor dizer, o segredo de cada um.

Assim sabia a historia do juramenmto feito ao tio moribundo, e Valserras e sua filha ignoravam essa historia.

Sabia tambem que o banqueiro estava arruinado, e Paulina ignorava-o ainda, ou antes não suspeitava a immensidade de desastre.

Emfim acabava de saber que se o banqueiro não tivesse oitocentos mil francos no seguinte, seria abrigado a suspender os pagamentos.

Mas tivera cuidado de pedir a sua palavra a cada um, e desse modo ficava senhor da situação¹⁴⁶.

¹⁴⁵Fragmento retirado do capítulo V do texto *A Fada D'Auteuil*, de Ponson du Terrail.

¹⁴⁶Fragmento retirado do capítulo XX do texto *A Fada D'Auteuil*, de Ponson du Terrail.

O narrador expõe a personalidade do Visconde de Courtenay, o qual tinha nas mãos todos os percursos da vida de cada personagem da história como a de Paulo Morgan, a de Paulina e a do Sr. Valserres. Era o Visconde de Courtenay quem ditava o curso da vida de cada um, como ficou claro no discurso do próprio narrador “*Mas tivera cuidado de pedir a sua palavra a cada um, e desse modo ficava senhor da situação*”. Ele estabelecia-se como o senhor da situação da história, portanto, diante dessas características era considerado como o vilão do romance-folhetim de Ponson du Terrauil.

Um terceiro romance, que trouxemos para esse nível de discussão, foi *O médico dos Pobres*, de Xavier de Montépin. Nesse romance, as personagens envolvidas podem também ser lidas a partir da classificação proposta por José Ramos Tinhorão. Contudo, há uma diferença dessa narrativa em relação aos demais romances propostos para esta pesquisa, pois havia um número maior de heróis envolvidos na trama.

O romance apresentou três figuras heróicas em toda a história, as quais eram chamadas de João Varroz (o Varroz), João Claudio Prost (o Lacuzon) e o Cardeal e Ministro Marques (o cura Marques). Esses três personagens representavam uma espécie de “três mosqueteiros” na história de combate e confronto entre franceses e espanhóis pela conquista de Franche-Conté.

No capítulo II, intitulado *A grande Trindade*, o narrador usou um personagem secundário, Jacques Vernier, para descrever os três soldados valentes e admirados por todos na Província de Franche-Conté

Primeiro João Varroz, um velho soldado, bravo como uma espada, mutilado em vinte combates durante essas guerras continuas que os senhores se fazem mutuamente, e nomeado coronel pelo rei da Hespanha... Servi sob Varroz, senhor, e honradamente, lisongeio-me! – Si alguma vez o encontrades, fallae-lhe de Jacques Vernier!... Varroz encarregou-se de organizar a cavallaria, e nem um só (ilegível) sabiria tão bem!... Varroz escolheu-se um braço direito, João Claudio Prost, que bem depressa tornou-se seio igual, quasi seio superior. Elle tem apenas vinte dous annos, sabeis, nosso capitão Lacuzon, a idade de uma creança! E é um homem! E que homem! Elle commanda nossos partidários montanhezes, nossos corpos de atiradores; – e como os commanda! – e como é adorado por elles!... Todos sem excepção, todos, desde os primeiros até os últimos se lançarão por elle em um precipicio ou atrevessarão um incendio!... e viva o capitão Lacuzon!...
 – Mas d’onde vem essa alcunha de Lacuzon?
 – E’ que João Claudio Prost, preocupado sem cessar da boa ordem de seos corpos de atiradores e da salvação de nossa província, está muitas vezes absorvido, scismatico, e que estas duas palavras de nossa língua provinciana: – *la cuzon*, querem dizer *o cuidado*... Seos soldados o designarão assim entre si, e a alcunha subsistio... e creio mesmo que dentro de poucos annos ter-se-ha esquecido o nome de João Claudio Prost, mas que todos se recordarão do capitão Lacuzon.

– E o terceiro? O cura Marques?
 – E’ o parochio da pequena aldeã de S. Lupicin, perto de Saint-Claude. – E’ um bom christão, – um bom padre, – um bom patriota. – Este homem tem tudo: *coração e cabeça*; tem a dedicação d’um santo e a coragem d’um soldado! E que grande espírito!... Falla-se do ministro do rei França, do famoso cardeal, como o chamão... Ah! si o parochio Marques fosse cardeal e ministro, ver-se-hia como esse Richelieu seria pouca cousa a seo lado. – Marques combate pela Franche-Conté com todas as armas de que um padre pode servir-se: combate com a prece como com a espada!... nos dias de batalha, elle caminha a frente de nossos montanhezes, um crucifixo na mão esquerda e uma espada na direita!... Invoca Deos e fere, e Deos dá Victoria a sua oração e a sua espada!... E’ preciso vel-o n’esse momento, cabeça decoberta, cabellos soltos ao vento – sua batina vermelha apertada na cinta por uma correa, porque elle veste uma batina vermelha quando vae para o combate... – é sua couraça, e nunca põe outra, – e pretendem que a balla escorega sobre esta batina cor de sangue como sobre um peito de aço
 – Ah! tínheis rasão de dizer, exclamou o estrangeiro com entusiasmo, – estes tres hoemns são tres heroes, e a provincia que os vê a frente de seos defensores pode, até seo ultimo sopro de agonia, conservar a esperança de ficar intacta e livre! [...]¹⁴⁷

Jacques Vernier descreveu ao seu hóspede as personalidades e as características dos três heróis que, possivelmente, tiveram admirações e entusiasmos do público leitor dessa prosa de ficção.

Ainda no sentido de retratar as personagens da narrativa de Xavier de Montépin, discutiremos um pouco sobre outra protagonista que se fez presente nas inúmeras páginas do romance: Eglantine. Essa personagem, que constituiria a vítima da história, já é anunciada no prólogo por meio de seu triste nascimento

Diremos somente que nem o sague-frio nem a habilidade faltaram ao medico, o que no fim de uma hora recebia elle uma pobre pequena creatura que soltou seu primeiro vagido.
 Ao mesmo tempo, a mãe exausta cahio sem sentidos sobre o travesseiro.
 – Qual é o sexo da criança? perguntou o mascara negra.
 – E’ uma menina, respondeo Pedro Prost.
 – O diabo é por mim!... murmurou o desconhecido.
 – Onde estão os cueiros em que devo envolvel-a? perguntou o medico.
 – Os cueiros? – repetio o desconhecido. – Eis ahi uma ninharia em que ninguem pensou... mas é facil de remediar esse esquecimento...
 Ao mesmo tempo aproximou-se da janella e rompeo um largo pedaço do lençol que a tapava e deo-o a Pedro Prost dizendo-lhe:
 – Tomae isto, em falta de outra cousa poderá servir...
 O medico pensou a creança da melhor maneira que pode.¹⁴⁸

¹⁴⁷Trecho retirado do II capítulo, da primeira parte do romance-folhetim de Xavier de Montépin. Publicado em 03 de setembro de 1874.

¹⁴⁸Trecho retirado do IV capítulo do prólogo do romance de Xavier de Montépin. Publicado em 28 de agosto de 1874.

No nascimento de Eglantine, já percebemos a trajetória de vida da personagem que vivenciou tristezas, padeceu sob mentiras e aturou mistérios. A sua chegada ao mundo já constituiu um ato de sofrimento, pois no parto, sua mãe morre e a menina passa a ser criada por Pedro Prost. Sua vida segue na narrativa, contendo um segredo que só foi revelado no vigésimo nono capítulo, intitulado *A Mãe e a Filha*, da segunda parte do enredo

Instintivamente Branca, concebeo o motivo deste terror e esforçou-se para calmal-a. Ella deixou-se cahir de joelhos diante de Eglantine, tomou suas mãos que cobrio de lagrimas e de beijos, murmurando com voz supplicante:

– O’ minha filha, minha filha querida... minha filha bem amada!... em nome do céo, não tem medo...

A moça sentio-se logo serenada, senão pelas proprias palavras que, para ella, não offerecião sentido algum, ao menos pelo accento com que foram pronunciadas.

Pareceo-lhe que uma voz tão tocante e tão profundamente terna não podia ser mentirosa, e ella murmurou:

– Quem sois vós então, que me chamaes de filha?...

– Ah! exclamou Branca tornando a fechar seos dous braços sobre Eglantine, quem sou?... Sou tua mãe!...¹⁴⁹

Nesse momento da narrativa é revelada a Eglantine que sua mãe não havia morrido e tinha o nome de Branca de Mirebel, que só confirmou a verdade por meio de algumas informações que a própria moça as forneceu, como por exemplo, o nome de seu pai, Pedro Prost, além do principal elemento que confirmaria que Eglantine era a sua filha, a medalha cravada de diamante que deu a Pedro Prost quando a menina nasceu com a flor eglantine desenhada. Nesse instante do enredo, Branca teve certeza que Eglantine era a sua filha.

Outras personagens mencionadas pelo narrador foram os temidos capitães Lespinassou e Brunet. Essas figuras ficaram conhecidas na narrativa pelas suas maldades praticadas no percurso da história. Homens que inspiravam a crueldade, a brutalidade e a perversidade, características expostas na própria descrição do narrador

Estas duas cicatrizes recebidas em combate já antigo, escrevião por assim dizer um nome sobre a fronte deste homem, e as proprias creanças, na província inteira, sabião a quem pertencia esta face mutilada e este lábio suprimido.

Assim, Peregrino. Depois de ter lançado um olhar sobre aquelle que acabava de fallar-lhe, exclamou, ou antes balbuciou, esta única palavra: – Lespinassou!

¹⁴⁹Trecho retirado do XXIX capítulo da segunda parte do romance *O médico dos pobres*. Sua publicação aconteceu em 27 de janeiro de 1875.

Era com efeito o terrível Lespinassou, esse monstro que não tinha de homem nem mais o rosto, e que partilhava com um outro bandido – o capitão Brunet – o commando dos camponezes sanguinários da Bresse e do Bugey.

Ouvindo pronunciar seu nome por Peregrino, Lespinassou deixou ver um medonho sorriso; isto é, uma contracção horrenda do farrapo de lábio sicatrisado que pendia sobre os dentes de javali.¹⁵⁰

Esses dois personagens eram criaturas temerosas pelo povo da Província de Franche-Comté, pois por onde passavam deixavam rastros de sangue, de destruição e de extermínio. Eles tinham sede de vingança. Andavam atrás dos “três mosqueteiros” da vila, pois queriam a todo custo encontrar e matar Varroz, Lacuzon e o cura Marques.

Em geral, observou-se que as personagens dos romances-folhetins dos autores franceses apresentavam comportamentos inalteráveis no decorrer das ações, pois se um personagem fosse considerado herói, por conta da sua honestidade, da sua bondade, do seu bom caráter, permanecia até o fim com essa característica; e, por outro lado, se uma personagem fosse conceituada como o vilão da narrativa, devido a sua maldade, sua desonestidade, também, ficava até o final com essa personalidade. Dessa forma, esses personagens eram adorados ou odiados pelos leitores que, supostamente, torciam até o fim da narrativa pelo herói e pela vítima, acompanhando, fervorosamente o percurso do vilão das histórias.

Mas não foram apenas essas representações, vilão, herói e vítima, que sucederam as personagens dos romances-folhetins. As figuras dramáticas representavam questões morais também, pois as protagonistas dos romances, sejam romances em formato livro ou os romances fragmentados das páginas dos jornais, no século XIX, representavam questões moralizantes e modelos de comportamento para a sociedade de época.

Inúmeras obras nesse período foram permitidas ou proibidas por causa destas questões. Temos exemplos clássicos da Literatura, como os dois livros que provocaram escândalos e tranquilidades para o público leitor nos anos em que as obras foram divulgadas. Um foi *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, o qual representou uma verdadeira ameaça às mulheres casadas que liam essa obra no ano de 1857. O caráter moralizante ficou por conta de *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, considerado um ícone na moralização das moças no período de sua circulação.

¹⁵⁰Trecho retirado IV capítulo da primeira parte do romance *O médico dos Pobres*. Publicação em 11 de setembro de 1874.

O estudo de Valéria Augusti (1998), intitulado *O romance como guia de conduta: a moreninha e os dois amores*,¹⁵¹ concluiu que um dos papéis do romance moderno nesse momento era o de moralizar e civilizar o leitor. Tentando aproximar as nossas conclusões àquela estabelecida por Valéria Augusti, procuramos estender nossa análise dos romances-folhetins de Alexandre Dumas pai, Ponson du Terrail e Xavier de Montépin, no sentido de visualizar as questões morais que permearam as personagens das narrativas fragmentas de tais autores.

Para considerar esses efeitos moralizantes tomamos como ponto de partida o protagonista da narrativa de Xavier de Montépin, João Claudio Prost, o Lacuzon. Esse personagem no decorrer do romance destacou-se por ser uma pessoa que admirava os princípios da lealdade e da dignidade.

A lealdade, assunto bastante trabalhado nesse romance, foi o fio condutor da narrativa. O narrador, a todo o momento, demonstrou que a figura do Lacuzon era símbolo de honestidade e fidelidade, comportamento que se refletiu em frases de efeito como: “*porque a pesar de não serem nobres os Prost, é uma robusta e pura casta, – uma casta de gente honrada!*”¹⁵² (grifo nosso)

Em consequência da representação da lealdade, João Prost não admitia traições. Isso ficou evidente quando ele deparou-se com uma situação em que Peregrino o traiu, dizendo onde estavam Varroz e cura Marques:

Lacuzou aproximou-se da mesa sobre a qual se achava o corpo, talvez o cadaver do infeliz camponês martyrisado pelos subalternos de Lespinassou. Elle cortou de um só golpe as cordas meias arrebetadas que prendiam á mesa o corpo do infeliz Peregrino, e, tocando-o levemente com a ponta de sua espada, disse: Si estás morto, tanto melhor... se ainda vives, levanta-te... Esta voz conhecida pareceu dar a Peregrino o uso de seus sentidos. Elle fez um ligeiro movimento, suas palpebras abriram-se... reconheceu Lacuzou. Mas em vez da alegria que, segundo toda a verosimilhança, deveria pintar-se sobre seu rosto, por ver que não estava mas em poder dos carrascos, sua phisionomia tomou um ar de profundo terror. Levantou-se por um esforço desesperado, desceu dessa mesa que lhe tinha servido de cavallette de torturas e cahiu de joelhos diante de Lacuzon, pondo as mãos diante do peito:
– Graça, senhor!... Em nome do Salvador dos homens!... Em nome da boa Santa Virgem Maria!... perdoae-me... soffri tanto...

¹⁵¹AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A moreninha e Os dois amores*. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/romancese.pdf>>. Acesso em: 15 de março de 2011.

¹⁵²Trecho retirado do terceiro capítulo da primeira parte do texto de Xavier de Montépin publicado em 03 de setembro de 1874.

– Soffreste, mas trahiste! respondeu o capitão com voz lenta e grave, nada desculpa a trahição!... (grifo nosso)¹⁵³

Em outro momento da história, Raul narrou a morte de seu pai a Lacuzon e o papel fundamental do mordomo, Marcelo, para sua família era sua fidelidade ao pai de Raul

Marcello era um creado corajoso e leal; tinha nascido na casa, fazia, por assim dizer, parte da familia, e teria dado sua vida pela de meo pai. (grifo nosso) – Vestio-se rapidamente, poz uma facca de caça e duas pistolas no cinto e desceo a toda pressa por uma escada occulta que communicava com a camara do barão de Champ-d’Hivers.[...] ¹⁵⁴

Dessa maneira, observamos que em todos os episódios da narrativa tanto o narrador como as personagens ressaltavam a importância de manter-se fiel em um momento de guerra. O melhor soldado era aquele que tinha como lema a *lealdade*. Ser fiel era uma questão de honra para as personagens.

Em *A Blanche de Beaulieu* notamos que a questão de moralidade envolvida nessa narrativa foi, também, a lealdade. Tanto em *O médico dos pobres* quanto em *A Blanche de Beaulieu* a temática central era a guerra, por isso a fidelidade ganhou destaque nas duas narrativas.

No romance *Blanche de Beaulieu*, a protagonista Blanche era uma figura que representava *fidelidade*. Essa ideia ficou evidente quando ela mencionou a imensa gratidão e admiração nutrida por aquele que a libertou das mãos de seu inimigo Carrier

– Ficareis menos admirado – lhe disse ella quando me conhecertes. Vereis que circunstancias me tornaram tão familiares os exercicios dos homens: me pareceis tão bom que vos direi todos os acontecimentos de minha vida tão jovem e ja tão atormentada (grifo nosso). ¹⁵⁵

[...]

Marceau, sem saber porque, não podia acostumar-se a empregar, quando faltava a Blanche, a linguagem republicana da epocha.

Blanche contou-lhe então a historia de sua vida; contou que sua mai fallecera ainda jovem e a deixara menina ainda nas mãos do marquez de Bauliou; que sua educação, dada por um homem, a familiarisara com exercicios que lhe tinhão sido tão uteis e lhe tinhão permitido seguir a seu pai quando rebentou

¹⁵³Trecho retirado do V capítulo da primeira partedo texto *O médico dos pobres*, de Xavier de Montépin. Publicação em 13 de setembro de 1874.

¹⁵⁴Trecho retirado do capítulo X da segunda parte do texto *O médico dos pobres* de Xavier de Montépin. Publicação em 25 de setembro de 1874.

¹⁵⁵Trecho referente ao segundo capítulo do romance de Alexandre Dumas. Publicação em 31 de agosto de 1871.

a insurreição vendeana. Ella lhe contou todas as peripecias d'esta guerra, desde a revolta de Saint Forent, até o combate em que Marceau lhe salvara a vida.¹⁵⁶

No pouco tempo do percurso da ida de Blanche até a Cholet, ela narrou toda a sua vida a Marceau. Essa revelação não seria efetivada se ele não representasse para ela uma pessoa em que pudesse confiar. Esse sentimento de confiança foi identificado em todos os episódios, até nos últimos momentos da história, quando Blanche acreditou que Marceau salvá-la-ia do cadafalso e levá-la-ai de volta à Nante

O posto é nome de Marceau abriram-lhe as portas d'esta prisão, ordenou elle ao carcereiro que o conduzisse ao carcere onde estava Blanche. O carcereiro hesitou um instante; Marceau reiterou sua ordem com um tom mais imperativo, e o porteiro obedeceu fazendo signal para que o seguisse.

–Ella não está sosinha, disse seu conductor abrindo a porta baixa e arqueada d'uma masmorra, cuja obscuridade fez estremecer Marceau ; porem não tardará a ficar desembarcada de seu companheiro, porque elle vai ser hoje mesmo guilhotinada.

Ao dizer estas palavras fechou a porta e disse a Marceau que abreviasse quanto lhe fosse possivel um colloquio que podia compromettel-o.

Ainda ofuscado por sua passagem subita do dia á noite. Marceau estendia os braços como um homem que sonha, esforçando-se por pronunciar o nome de Blanche que não podia articular, e nada podendo enxergar em redor de si; ouviu um grito; a moça lancou-se em seus braços; ella o reconhecera immediatamente; sua vista ja estava acostumada á obscuridade.

Ella lançou-se em seus braços, porque houve um instante emque o terror fez esquecer idade o sexo; tratava-se então da vida ou da morte. Ella segurou-se a elle como um naufrago ao rochedo com soluços inarticulados, e com abraços convulsivos.

–Ah ! ah ! vós não me abandonastes ! exclamou ella. Elles me arrastarão, me trouxeram para aqui; no meio da multidão que me seguia ouvi Tinguy: gritei : Marceau ! e elle desapareceu. Ah! eu não esperava tornar a ver-vos... mesmo aqui... Mas viestes emfim... viestes... não me deixareis mais (grifo nosso).¹⁵⁷

No capítulo IV, Blanche obteve a grande prova do amor de Marceau, pois este foi até a cadeia para tentar salvá-la. Isso representou um imenso amor e reforçou mais a admiração que Blanche tinha com relação à Marceau.

A respeito do romance de Ponson du Terrail, a moral retratada nessa narração de rodapé correspondia ao *casamento por conveniência*. Assunto muito recorrente nas obras

¹⁵⁶Trecho referente ao terceiro capítulo do romance de Alexandre Dumas. Publicação em 2 de setembro de 1871.

¹⁵⁷Trecho retirado do IV capítulo do romance de Alexandre Dumas pai. Tal capítulo foi publicado no dia 12 de setembro de 1871.

literárias do século XIX¹⁵⁸, pois o que prevalecia nesse momento para a sociedade de época era o casamento por dote, enquanto que o amor era algo secundário. Havia um jogo de interesse e um contrato social entre os membros das famílias envolvidas, e isso não foi diferente no romance de Ponson du Terrail

Paris é pequeníssima depois que se tornou tamanha.
 Outr'ora, ha uns dez annos, quando se partia do boulevard Montmartra para ir a Áuteuil, não se fazia talvez testamento, mas tornavam-se precauções.
 (grifo nosso)
 O lavrador armava-se do seu guarda-chuva, no mez de junho, e o pintor munia-se da capa de borracha.

[...]

Um homem de jaqueta de riscado, sapatos de couro branco, bonet de velludo na cabeça, cabava de mostra-se entre duas moitas cerradas, do lado de dentro da grade.
 – O senhor de Valsertes, balbiciou o barão.
 – Um pai que vella filha, como um dagrão pelo thesouro, meu caro barão, respondeu sorrindo o recém-chegado, que era um homem apenas de quarenta e tres ou quarenta e quatro annos de idade. (grifo nosso)¹⁵⁹

A ideia do casamento por conveniência já foi anunciada desde o início da narrativa quando nos foi revelado, com precisão, que em Áuteiul não havia testamento e sim precaução. O uso do adjetivo, *precaução*, expôs, de início, qual era o assunto envolvido no romance. E, mais adiante, em um diálogo entre o pai de Paulina e o barão de Morgan, confirmou-se a permanência desse assunto por toda história. As precauções vieram mais adiante quando o banqueiro Valsertes mostrou ao barão que a sua intenção era dar a sua filha um casamento bem sucedido, pois ele investia em negócios que a qualquer momento poderia estar falido

– Outr'ora um banqueiro não se entregava senão as operações classicas faziam sua fortuna lentamente, pouco a pouco; hoje, o que se quer é pressa. A vida tornou-se uma batalha, da qual o milhão é a arma de guerra; visto, pois, que todo mundo se bate, eu faço como todo mundo.
 «Paulina terá, portanto, um avultado dele, um dote de ricenza, se eu apressar-me a casal-a».
 «Disso, porém, dizer-lhe que uma tal idéa provoca-me emprestades de colera no coração; sinto-me ciumento. Tenho ciumes de minha filha».

¹⁵⁸Cito um exemplo de uma obra clássica de nossa Literatura – *Senhora, de José Alencar*. Nessa obra a relação dos protagonistas, Aurélia e Camargo, era moldada em aparência. Mesmo depois da descoberta de quem era a mulher que lhe tinha oferecido um dote tão valioso, Camargo ainda manteve o casamento, pois Aurélia representava *status* para ele perante a sociedade.

¹⁵⁹Trecho retirado do I capítulo da narrativa de Ponson du Terrail. Publicação em 29 de novembro de 1872.

«De resto, ella presta-se admiravelmente a isto, porque recusou no ultimo inverno uma duzia e meia de predentente, uns mais completo do que outros». O barão Morgan suspirou em signal de alivio.

– Entretanto, proseguiu Valserras, se eu fosse prudente, começaria por procurar-lhe um marido rico, que tivesse uma fortuna bem solida, em bellas casas ou em boas terras; metteria dous milhões em um balaio e diria a meu genro:

«Tome sempre isto, e não me restitua sob pretexto algum».

«Eu jogo esse jogo do inferno que se chama o jogo dos milhões». [...] ¹⁶⁰

Essas revelações do pai de Paulina ao barão Morgan, no segundo capítulo, deixou evidente que ele pensava em casar a filha, mas com um homem rico que lhe desse uma vida de luxo e de comodidade.

Morais como *lealdade ou casamento por conveniência* foram assuntos que envolveram os romances de rodapés que circularam n’*O Liberal do Pará*. A importância de retratarmos essas questões diz respeito à necessidade de demonstrar como a sociedade de época comportava-se e quais eram os valores seguidos durante o século XIX, que serviram, certamente, de modelo, para uma sociedade que se acomodava aos costumes, hábitos e valores de origem europeia a partir dos romances-folhetins.

Após abordar as personagens e suas respectivas posições dentro das narrativas de Dumas, de Ponson e de Montépin e os valores morais contidos em cada romance, meu caro leitor, dirigir-nos-emos a mais um assunto importante no universo das marcas folhetinescas, o da temática. É desse assunto que trataremos nas próximas páginas dessa dissertação.

(*Continúa*)

3.3 As marcas folhetinescas em *Blanche de Beaulieu*, *A Fada D’auteuil* e *O médico dos pobres*: as temáticas

Assim como a estrutura e as personagens, as temáticas possuíam um papel importante na construção e na conquista de um público leitor adepto às grandes emoções proporcionadas pela leitura dos romances-folhetins.

Geralmente, os temas mais envolventes e recorridos para a elaboração das narrativas eram os que abrangiam os amores proibidos, a vingança, os casamentos por conveniências, as grandes paixões mal resolvidas, os finais dramáticos, os roubos, os

¹⁶⁰Trecho retirado do segundo capítulo do texto *A Fada D’Auteuil*, de Ponson du Terrail. Publicado em 30 de novembro de 1872

mistérios, os crimes, enfim, temáticas que tornavam elementos atrativos para os leitores das narrativas folhetinescas.

Sabendo disso, os autores das prosas de ficção seriadas atentavam para esses temas que provocavam certo fascínio nos leitores do século XIX, particularmente, nas mulheres que eram as principais leitoras desses tipos de textos no período oitocentista.

No texto *Blanche de Beaulieu*, o tema predominante foi o amor proibido e interrompido dos jovens Marceau e Blanche. Como podemos conferir nos trechos retirados do romance de Alexandre Dumas pai

Oh! quanto estavam contentes Blanche e Marceau de sua nova vida! como a outra lhes parecia longe! Era quasi um sonho. Somente, de tempo em tempo comprimia se o coração de Blanche, lagrimas brotavam de seus olhos; é porque de repente ella pensava em seu pai. Marceau a animava; depois para distrahir a elle contava-lhe suas primeiras campanhas, referia lhe como de estudando tinha se feito se dado ha quinze annos official ha dezessete coronel ha dezenove general ha vinte e um Blanche pedia lhe muitas vezes que repetisse suas façanhas porque em tudo o que elle dizia não havia uma só palavra d'um outro amor.

[...]

Marceau enfim antes de conhecer Blanche, não era mais do que um doente privado pela ausencia subita da febre, de energia e da força que ella lhe dava. Todos estes sonhos de felicidade, todos estes elementos d'uma vida nova, todos estes prestigios da mocidade, que Marceau julgava para sempre perdidos, renasciam n'uma distancia ainda vaga, mas a qual entretanto elle podia atingir um dia: elle mesmo admirava se de que o sorriso viesse algumas vezes e sem motivo passar em seus labios.

[...]

Blanche, de seu lado, atrahida primeiro para Marceau por um sentimento natural de reconhecimento, attribuia a este sentimento as diversas emoções que a agitavam. Não era natural que ella desejasse constantemente a presença do homem que lhe salvara a vida? As palavras que deixavam escapar os labios de seu libertador por ventura podiam ser lhe indifferente? Sua physionomia onde estava gravada uma melancolia tão profunda não devia excitar a compaixão? E, quando ella o via suspirar não estava sempre prompla para dizer o que pode eu fazer para vós, meu amigo, vós que tanto por mim fizestes?

Foi assim que, agitados por estes diversos sentimentos, que cada dia adquiriam uma nova força. Blanche e Marceau passaram os primeiros tempos de sua residencia em Nantes; por fim chegou a epocha fixada para o casamento da irmã do jovem general.

[...]

Marceau estava junto de Blanche quando recebeu esta ordem. Assustado por um golpe tão inesperado, elle não tinha animo para enunciar-lhe uma partida que deixava a mocinha e sem defeza no meio d'uma cidade lavada

todos os dias com o sangue de seus compatriotas. Blanche vio sua perturbação, e, sua inquietação excedendo sua timidez, aproximou-se d'elle com o olhar inquieto d'uma mulher amada, que sabe ter o direito de interrogar e que interroga. Marceau apresentou-lhe a ordem que acabava de receber. Blanche leu-a, e compreendeu a que perigo a falta de obediencia exponha seu protector, seu coração dilacerava-se, e entretanto ella achou força para aconsellhal-o a partir sem demora. As mulheres possuem melhor de que os homens esta especial coragem, n'elles depende de puder. Marceau olhou á com tristeza.

—Vós também, Blanche, disse elle ordenais que eu parta? Quem poderia-me persuadir do contrario disse elle, levantando-se. Louco que eu era! quando eu pensava n'esta partida tinha julgado algumas vezes que lhe custaria saudades e lagrimas.¹⁶¹

Nesses trechos, a observação do narrador foi precisa quando percebeu a presença dos sentimentos que consumiam os dois personagens – Blanche e Marceau. No primeiro momento, percebeu-se o desabrochar da paixão e a atração por aquele que tinha salvado a sua vida durante a guerra. No segundo momento, apresentou-se a mistura desses sentimentos que agitavam cada dia a vida dos dois personagens. Tais emoções eram frequentes nas narrativas seriadas, justamente, por conta da atração que essas ações provocavam no público leitor.

Além disso, no último fragmento, novamente, o narrador nos deixou evidente uma situação dramática – o amor impossível, quando descreveu todo o sofrimento e angústia de *Marceau* ao receber a ordem da partida. Um amor que não podia acontecer entre duas pessoas de grupos rivais – um republicano e outro vendiano. Essa temática, do amor impossível, era explorada pelos folhetinistas e provocava, certamente, nos leitores grande expectativa.

O tema da guerra foi outro assunto explorado no romance-folhetim de Alexandre Dumas pai. Logo no capítulo II o narrador trouxe para história essa temática

E' cousa triste para um exercito uma marcha nocturna. A guerra e bella de dia, quando o céu observa o combate, quando os povos levantando se em roda do campo de batalha como nos barcos d'um circo applaudem nos vencedores; quando os sons estrepitosos dos instrumentos marchaes fazem ocultar as figuras corajosas do coração quando amigos e inimigos, achão se presantes para ver como se morre: é sublime. Mas de noite!... Ignorar como sois [ilegível] como vos defendeis, cahir sem verdes quem vos fere, nem donde vem o golpe sentir-vos pisado e supportar o peso dos que andam por cima de vós.... Ah! então, ninguem se colloca como um gladiador; todos rolão se torcem se mordem a terra e dilaceram-na com a unhas: é horrível! Eis porque este exercito andava triste e silencioso; é porque elle sabia que de cada lado do caminho, existiam altas sebes, campos inteiros degiestas e

¹⁶¹O *Liberal do Pará*, Belém (Pará), Seção *Folhetim*, *Blanche de Beaulieu*, de Alexandre Dumas pai.

juncos, e que no fim d'este caminho havia um combate, tal combate nocturno.¹⁶²

Esse assunto era o pano de fundo para o desenrolar de um amor proibido entre Marceau, um republicano, e Blanche, uma vendiana.

Outro elemento observado nessa narrativa de Dumas pai, que por sinal é bastante curioso, diz respeito ao final trágico, diferenciado daquele proposto pelos autores folhetinescos, pois o que predominava nas narrativas de rodapé era o final feliz das personagens

Emfim, atravessa Angers, avista Ingrande, chega a Varades, passa Ancenis; seu cavallo está ensanguentado. Descobre emfim Saint-Donatien, depois Nantes; Nantes! que contem sua alma, sua vida, seu futuro! Alguns instantes passados elle chegou á cidade; alcança emfim as portas, e seu cavallo pára diante da prisão do Bouffays ; ja chegou o que importa!

– Blanche, Blanche!

– Dois carros acabão de sahir da prisão; responde o carcereiro; ella está no primeiro.

– Maldicção!

Marceau precipita-se a pé, pelo meio do povo que se aperta, que corre para a grande praça. Marceau alcança o ultimo carro; um dos condenados reconhece-o

– General, salvai-a... Eu não pude, e fui preso. Viva o rei e a boa causa!

Era Tinguay.

– Sim, sim!...

Marceau abre caminho por entre a multidão que empurra-o; chega á grande praça com ella; está em presença do cadafalso, move seu papel, gritando:

– Perdão, perdão!

N'este momento o carrasco agarrando por seus louros cabellos a cabeça d'uma moça, apresentava ao povo este medonho espectaculo; a multidão, espantada, desviava-se com espanto, porque julgava lhe ver vomitar ondas de sangue. De repente no meio d'este povo mudo ouve se um grito de raiva, no qual parecem ter-se esgotado todas as forças humanas; Marceau acabava de reconhecer, entre os dentes d'aquella que parecia, a rosa vermelha que dera á jovem Vendeana.

FIM¹⁶³

Nesse momento, o esforço do narrador foi mostrar com intensidade todo o sofrimento de *Marceau* em não conseguir salvar o seu grande amor de ser morta pelos republicanos, mesmo salvando-a da primeira vez quando trocou a sua roupa no campo de batalha. Esse fim nefasto é surpreendente e impactante e causou, supostamente, grande

¹⁶²Trecho do capítulo II do romance de Alexandre Dumas pai.

¹⁶³Ibid., capítulo que diz respeito à conclusão do romance-folhetim.

expectativa por parte dos leitores que acompanhavam esse romance no jornal. Em todo desenrolar da trama os espectadores, de certo modo, não esperavam por esse fim que chegou como um elemento chave, trazendo uma carga de emoção, própria aos romances-folhetins.

Esse término cruel não é repetido nos outros romances aqui analisados, pois tanto na narrativa de Xavier Montépin quanto na do Ponson du Terrail observamos a presença do final feliz conforme comprovam os trechos retirados dos dois romances

Emfim, ouviu-se o rodar de uma carruagem, que parou á grade.
 Todos deitaram a correr, mas o jardineiro, que chegara antes delles, abriu a porta e o coupé de Leão de Courtenay entrou imediatamente.
 Martha apeou-se bella e radiosa, e, saltando ao pescoço de Paulina, disse-lhe ao ouvido:
 – Minha amiga, parece-me que vou ser mãe. Se tiver um filho, hei de casá-la com a tua filha, sim?
 Ah! como é bom viver.
 Valserres déra o braço a Courtenay, e dizia-lhe:
 – Eu era um pouco do seu parecer a respeito do milhão e quatrocento mil francos, mas este dinheiro precisa de uma purificação.
 – E teve-a passando pelas suas mãos, respondeu Courtenay, porque o meu amigo e Paulo são os homens mais honrados, que as podem encontrar.
 – Amem! murmurou o velho Simão, que, de olhos humildes, contemplava sua filha radiante, a quem a aproximação da maternidade tornava mais bella ainda....

FIM DA FADA D’AUTEUIL¹⁶⁴

*

Raul de Champ-d’Hivers dava seu nome á Eglantine em presença do capitão Lacuzon, do barão Tristão, de Branca de Mirebel e da velha Magui, que havia remochado com a esperança de ter bem cedo uma terceira geração dos Champ-d’Hivers.
 Certamente, no fundo destes corações havia grande alegria, mas havia também profundo desgosto.
 Contava-se auzentes!...
 Pedro Prost faltava!... Marques faltava!... Varroz faltava!...
 Quando a cerimonia foi terminada, Lacuzon, tendo um crêpe no braço e outro no coração, tomou o caminho da montanha.
 Só para velar pelas liberdades e pelos destinos da nobre e velha província, elle tinha pressa de ajoelhar-se de novo sobre o tumulo desconhecido que guardava para sempre o segredo da batina escarlate.

FIM¹⁶⁵

¹⁶⁴Trecho retirado do capítulo LVIII referente ao Epílogo do romance de Ponson du Terrail. Esse capítulo foi publicado no *O Liberal do Pará* no dia 21 de fevereiro de 1873.

¹⁶⁵Trecho retirado do XXXIV capítulo da segunda parte do romance de Xavier de Montépin. A publicação desse capítulo ocorreu no dia 14 de fevereiro de 1875.

Nesses excetos, percebemos que os dois romances mantiveram o final feliz das personagens envolvidas. Essa particularidade das narrativas folhetinescas em conduzir o rumo da história e das personagens para o final clássico, “felizes para sempre”, foi conservada nos dois romances.

Além desses assuntos que envolveram a produção literária de Alexandre Dumas pai, outros foram lembrados nos romances franceses que percorreram as páginas do jornal *O Liberal do Pará*, durante o século XIX. Tópicos como mistério, crimes, arrependimentos, vinganças, entre outros se fizeram presentes no romance-folhetim de Ponson du Terrail, intitulado *A Fada D’Auteuil*.

Nesse romance a vingança foi o elemento norteador de toda a narrativa, seguido de crimes, de remorso e de ódio. Além disso, houve na história uma quantidade significativa de correspondências, aumentando o percurso da narrativa seriada.

O primeiro elemento a ser identificado no romance diz respeito ao remorso que o barão *Paulo Morgan* teve em relação à vida desregrada que levava com jogos, com compra de cavalos, entre outras atividades ilícitas

Joguei, comprei cavalos, comprei rios de brilhantes para todo o corpo de baile da Opera, e uma bella manhã acordei com seis mil libras de renda apenas, um tanto enjoado, um tanto envelhecido, o bem decido a rebentar henrosamente a cabeça quando houvesse gasto o ultima luiz dos meus cem mil francos, quando percebi que tinha no coração um amor verdadeiro, profundo, incommensuravel, que, depois de haver amado o vicio, adorava a virtude, e esta descoberta foi o meu primeiro remorso.

[...]

– Desde então, rompi com o meu passado; ninguém me viu mais no club, nem me encontrou nas corridas; vendi os meus cavallos, desfiz-me de algumas bugigangas do valor, e em vez de me dizer: A razão de cincoenta mil franco por anno, chega-me ainda para vinte e mezes, disse: Tenho seis mil libras de renda e poderei viver e adorar o meu idolo na sombra. Pois o senhor imagina que não me havia acudido de modo algum a idéa de lhe pedir a mão de sua filha.

[...]

«Depois vou-me embora, e tenho felicidade para o todo o dia».
«Agora, esta felicidade esta finda, pois que o senhor conhece o meu segredo, e tenho a honra de lhe pedir a mão da sra. Paulinha de Valserrres, aconselhando-lhe que me recuse, porque não sou digo della¹⁶⁶.

¹⁶⁶Trechos retirados do segundo capítulo do texto *A Fada D’Auteuil*, de Ponson du Terrail. Tal capítulo foi publicado no dia 30 de novembro de 1872.

Nesse momento, o próprio barão revelou o seu segredo de ser um homem falido e o seu arrependimento de viver de aventuras, como ele mesmo disse “*Desde então, rompi com o meu passado, ninguém me viu mais no club, nem me encontrou nas corridas; vendi os meus cavallos, desfiz-me de algumas bugigangas do valor*”. Por isso, havia, possivelmente, certa interação do público leitor com o romance a ser publicado nos jornais, pois os autores dos romances-folhetins não buscavam nos seus leitores reflexões diante das histórias narradas, apenas descreviam as personagens e as suas ações, como as frases “*senhor conhece o meu segredo*” ou “*e esta descoberta foi o meu primeiro remorso*”, demonstravam qual era o percurso de cada temática que os envolvia.

O segundo tópico explorado nessa narrativa foi o ódio que *Simão* tinha contra *Sr. Valserras*, pois o mesmo tinha desgraçado a sua vida desde quando o demitiu do seu escritório. Assim, começou uma existência de agouro para *Sr. Valserras* e uma experiência de vingança para *Simão*

«Dos desesseis aos vintes annos viajei».
 «A morte de meu pai, banqueiro como eu, chamou-me a Paris».
 «A primeira figura com quem deparei em meus escriptorios, porque então começava eu a ser banqueiro, foi a do Simão».
 «O pobre diabo estava empregado a mil e oitocentos francos».
 «Commetti então uma acção má: debaixo da influencia de minhas lembranças de collegio, senti despertar-se em mim o odio, e despedi Simão».
 «Nunca mais esqueci o olhar que elle me lançou; quando o encarregado dos meus negocios lhe fez ver qual era a minha vontade».
 «Simão ousou tratar-me por tu, como no tempo do collegio».
 – Tu tiras-me o pão, disse, mas eu sei inocular a desgraça e hei de vingarme.
 «Foi assim lançado à perdição, sem que eu pensasse mais em humilhante cousa».

[...]

«Ameaçou-me com o punho fechado e deixou escapar um riso de desgraça. Ah! a vigança começara».
 «Eu deixara, a noite, minha noiva alegre e cheia de saude ; foi entretanto enconral-a no dia seguinte em soffrimentos, de cama, victima dos primeiros symptomas de uma enfermidade horrível, a bexiga».
 «Três semanas depois estava morta»¹⁶⁷.

[...]

«Uma noite, no sahir do club, encontrei um mendigo que me estendeu a mão».
 «Pucheí algumas moedas, mas quando elle ergueu-se para recebê-las, a claridade de um bico de gaz aclarou-lhe a physionomia».

¹⁶⁷Capítulo III.

«Então o mendigo soltou uma gargalhada e repudiou a esmola».

– Não quero o teu dinheiro, disse-me elle.

«Reconheci Simão»

«Oito dias depois havia corridas em «Cruz de Bernizo» eu fizera uma aposta consideravel. O cavallo sobre o qual apostara ganhou, e, portanto, retirava-me alegre em meu carro, ao lado de minha mulher quando ao entrar em Pariz pela barreira do Inferno, os cavallos esbarrando com a muzica de um regimento que passava, desembocaram».

«O carro virou-se, o portilhão morreu na queda, e minha mulher, que tivera o seu bom successo havia pouco, experimentou uma tal commoção que a levou à cama, vindo fallecer quinze dias depois»¹⁶⁸.

Nesses fragmentos, os personagens nos deram pistas para saber como se sucedeu o destino de cada um no interior da narrativa. A vida do Sr. Valsерres a partir da demissão feita ao seu conhecido transformou-se em uma desgraça por meio das profecias de Simão. Efetivamente, esses fatos ficam evidentes nas frases – *Tu tiras-me o pão, disse, mas eu sei inocular a desgraça e hei de vingar-me; Ameaçou-me com o punho fechado e deixou escapar um riso de desgraça. Ah! A vingança começara.* Assim, diante dessas duas frases o destino do Sr. Valsерres foi lançado e concretizado na narrativa.

Com relação ao romance de Xavier de Montépin, as temáticas envolvidas foram anunciadas logo no início da narrativa. Mistérios, mortes, prisões, desaparecimentos, guerra foram temas que permearam durante todo o romance, desde o prólogo, em que o mistério foi anunciado com a morte da mulher e da filha de Pedro Prost e o nascimento de Eglantine, até os últimos capítulos, em que sucederam grandes revelações e perecimentos no folhetim de Xavier de Montépin

Em fim, sobre a cama em desordem, uma mulher se debatia com dores intoleraveis de uma tortura horrivel; batendo sua cabeça contra a parede, revolvendo-se desesperadamente sobre o leito, e justificando de uma maneira cruel estas palavras de Deos, dirigidas a Eva expulsa do paraizo terrestre: – “A mulher dará a luz no meio de dores.”

[...]

Pedro Prost aproveitou este instante rápido como relampago para inclinar-se sobre o leito e murmurar.

– Ficae tranquillã, pobre mãi, eu velarei por ella...

A mulher a quem estas palavras foram dirigidas não respondo; mas sua mão se apoderou da do medico, na qual introduziu um objecto de pequeno volume.

[...]

¹⁶⁸Exceto do quarto capítulo do texto de Alexandre Dumas pai.

Pedro Prost pôde então lavar suas mãos ensangüentadas e olhar o objecto misterioso que lhe fora introduzido na mão pela infeliz desconhecida. Era uma medalha de ouro lavrada, uma obra prima, tendo no centro uma flor silvestre – *a eglantine* – cravada em brilhantes.

[...]

No fim de algumas semanas, a menina tão palida e tão rachitica outr’ora não era mais a mesma, tanto estava ella agora fresca e forte.

Promettia ser um dia, como dizem os camponezes, – *um bonito pedaço de rapariga!*...

Somente foi no paiz objecto de grande surpresa e quasi de escândalo quando viram o medico (um bom christão entretanto) dar à sua filha um nome de flor, em vez de um nome de santa e chamal-a na pia baptismal – *Eglantine!*...¹⁶⁹

Depois dos últimos dias de convivência de Pedro Prost com Tiennete, foi exposto um episódio, ainda no prólogo, em que ele se deparou com nascimento de Eglantine, o qual trouxe momentos de angústia e sofrimentos à Prost. Entretanto, é nesse nascimento que foi anunciado o segredo percorrido por todos os episódios do romance.

A temática da guerra mais uma vez teve presença nas páginas d’*O Liberal do Pará* com o romance de Xavier de Montépin

[...] A Franche-Conté, posto que dependente da Hespanha, gosava de grande liberdade. Ella volta seus impostos, que eram integralmente despendidos na província. O rei da Hespanha contentava-se com o producto do imposto sobre o sal e de um dom espontâneo, que não passava annualmente de duzentas mil libras.

Ella devia fornecer tambem a seu soberano um contingente militar de quadro regimentos bem armados e montados.

Em troca, os seus habitantes podiam ser nomeados para os mais altos cargos pela Hespanha era sem limites.

De outro lado, *os francs-contois* odiavam a França e o nome francez, e, de 1635 a 1668, provaram gloriosamente este ódio, em trinta e tres annos de luctas heróicas contra os projectos de invasão de seus formidáveis visinhos.

Em 19 de maio de 1635, o grande cardeal Richelieu, sob pretexto de que um corpo de tropas hespanholas tinha surpreendido a cidade de Treves, alliada da França, e que Besançon tinha dado azylo ao duque de Lorena, Carlos IV, despojado de seus estados por Luiz XIII, declarou guerra á Hespanha.

A 28 de maio de 1636, Condé sitiou Dôle com vinte mil homens a pé e oito mil de cavallaria, sendo acompanhado e secundado pelo coronel Gassion, e La-Meilleraye, commandante da artilharia.¹⁷⁰

¹⁶⁹Trechos retirados do prólogo do romance de Xavier de Montépin.

¹⁷⁰Trechos retirados do primeiro capítulo. Publicação em 30 de agosto de 1874.

Antes de contar as peripécias de Lacuzon, o narrador ambientou historicamente o porquê do conflito entre franco-Conté e os espanhóis.

As temáticas envolvidas nos romances-folhetins publicados n’*O Liberal do Pará* revelavam os assuntos e os temas que interessavam aos leitores daquele período, na segunda metade do século XIX. Questões como falecimentos, prisões, desaparecimentos, represálias, amores impedidos e combates, eram o mote que mais se adequava aquele público, cúmplice desses enredos.

Portanto, caro leitor, chegamos ao ponto final dessa dissertação, após um longo percurso de idas e vindas – à maneira de como faziam os narradores dos textos folhetinescos – para explicar os tópicos inclusos nos três capítulos que compõem este trabalho. Mas a história ainda não terminou! Ainda temos um desfecho: nossas considerações finais acerca de *Dumas, Montépin e du Terrail: a circulação dos romances-folhetins franceses no Pará nos anos de 1871 a 1880*.

(Continúa)

Último capítulo

Quando iniciamos a construção da proposta desta dissertação, duas questões orientaram o sentido que a pesquisa tomaria: como ocorreu a circulação dos romances-folhetins de autores franceses nos periódicos paraenses, no período de 1871 a 1880? No Pará, para o período em questão, a circulação dos romances-folhetins confirma a influência francesa?

A pesquisa realizada n' *O Liberal do Pará*, com as publicações no período de 1871 a 1880, nos ajudou a visualizar e a entender como os romances-folhetins de autores franceses, especificamente *Blanche de Beaulieu*, *A Fada D'Auteuil* e *O médico dos pobres*, circularam em Belém do Pará no período oitocentista.

Desta forma, observamos que a ocorrência dos romances-folhetins resultou de um percurso histórico que se materializou a partir de dois elementos envolvidos nesse processo: o contexto da modernização da cidade, por meio das transformações econômicas, sociais e arquitetônicas promovidas no período da *Belle Époque*; e o papel da imprensa como meio de divulgação dos romances-folhetins.

Como vimos ao longo deste trabalho, esses foram os elementos históricos que nos ajudaram a pensar a circulação desse gênero, pois Belém, durante o século XIX, passou por profundas modificações relacionadas à economia da Borracha. Esta, por sua vez, contribuiu para que a cidade se modernizasse e ganhasse aspectos europeizantes. Grandes construções foram realizadas nesse momento, como o *Teatro da Paz*, as quais se caracterizavam por reproduzir o modelo europeu, particularmente, o modelo francês. Nesse contexto, buscamos demonstrar que não foram somente as construções arquitetônicas que obtiveram tal característica. A cidade, como um todo, era produzida no sentido de se apropriar do padrão francês, exposto nas roupas das pessoas, nas ruas, nas calçadas, nas casas, enfim, a cidade de Belém no século XIX respirava a cultura francesa e é neste contexto que podemos entender a circulação dos romances-folhetins de autores franceses na capital da província, à época.

Por outro lado, o segundo elemento que nos auxiliou no entendimento da circulação dos romances-folhetins foi o papel da imprensa, pois a imprensa periódica, nesse momento, também alcançou destaque e se desenvolveu. Inúmeros jornais circularam na cidade de Belém como *Diário de Belém*, *A Província do Pará*, *O Liberal do Pará*, *A Folha do Norte*, entre outros. Tais periódicos atuaram como grandes divulgadores das narrativas em fascículos presentes em suas páginas diárias.

Dentre os jornais mencionados, chamamos a atenção para um em particular – *O Liberal do Pará*. Essa folha diária circulou nas ruas, nas casas, nas barbearias e nos espaços públicos de Belém entre 1869 e 1889. Entre artigos políticos e anúncios de venda livros encontravam-se as narrativas folhetinescas, publicadas em um espaço especial dentro desse jornal – a chamada coluna *Folhetim*.

Nessa época, Belém adquiriu um suporte material de vivência e circulação de ideias, de costumes e de valores europeus que estavam representados nos romances-folhetins aqui propostos. Para entender essa dinâmica, a análise, inicialmente, retomou a discussão da gênese do romance-folhetim na França, observando qual a importância que este gênero tinha para o contexto histórico francês marcado por mudanças no mundo do impresso, do comércio livreiro e da literatura. Foi importante também analisar como as narrativas folhetinescas chegaram posteriormente ao Brasil e como contribuíram para a nossa literatura.

Por outro lado, já no contexto da capital da província do Grão-Pará, a circulação das narrativas folhetinescas francesas em Belém do Pará no século XIX se dava, supostamente, por meio da chegada dos romances-folhetins até a cidade transportadas nas embarcações a vapor, elemento importante para pensar esse processo, pois, por conta da economia da Borracha, a utilização dos “vapores” era crescente nas relações desenvolvidas entre a capital, as demais cidades da província e o contexto europeu.

Contudo, foi observado que os romances-folhetins que chegavam naquele momento à cidade foram traduzidos no periódico *O Liberal do Pará*. Isso explica, efetivamente, porque *A Fada D’Auteuil* tinha no início de cada publicação o termo “tradução: O Liberal do Pará” e demonstra certa autonomia da imprensa da província para com a capital do Império naquele momento – o Rio de Janeiro.

Mas, ainda resta uma questão importante, “No Pará, para o período em questão, a circulação dos romances-folhetins confirma a influência francesa?”

A resposta imediata seria sim, pois a maior parte dos romances-folhetins publicados n’*O Liberal do Pará*, eram de origem francesa, o que confirma a presença marcante dessa cultura no Oitocentos, em Belém.

Assim, quanto ao primeiro aspecto analisado, o da estrutura, percebemos que os três romances mantinham diálogos longos, continham a palavra “continúa” (o que marcava a continuidade do texto), letras em formato grande, espaçamento entre linhas, capítulos com títulos e subtítulos, a estrutura aberta (em que os romances podiam ser escrito e reescrito a cada dia, conforme ao gosto do leitor).

Com relação às personagens – o segundo aspecto, concluímos que tais narrativas possuíam os três elementos que caracterizavam esses romances – o herói, a vítima e o vilão. Tanto em *Blanche Beaulieu* e em *A Fada D’Auteuil*, quanto em *O médico dos pobres*, esses elementos se fizeram presentes.

Por fim, as temáticas verificadas nos romances de rodapés giravam em torno daquelas que contornavam as narrativas folhetinescas na França. Temas como amores proibidos, a vingança, as grandes paixões mal-resolvidas, os finais dramáticos, os roubos, os mistérios e os crimes, retratavam os assuntos que envolviam o universo do público leitor paraense no século XIX.

Convém então observar que essa dissertação, caro leitor, não só trouxe contribuições acerca da presença dos romances-folhetins franceses em Belém do Pará, como revelou também que o público leitor do folhetim, na capital paraense, entrava em contato com uma cultura marcadamente européia – de matriz francesa, e para isso, tinha nos jornais de época, especialmente nos romances-folhetins, o seu principal veículo.

(Fim)

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. Concepções sobre romance. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo. 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.
- ALENCAR, José de. **Como e porque sou romancista.** Disponível em: <www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/josedalencar/comoporquesou.htm/>. Acesso em: 22 de julho de 2010.
- AUGUSTI, Valéria. **O romance como guia de conduta:** a moreninha e os dois amores. Campinas, 1998. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.
- AZEVEDO, José Eustáchio de. **Literatura paraense.** Belém, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Secretaria do Estado de Cultura, 1990.
- BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará.** Belém: Universidade Federal do Pará, 1973.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura:** a imprensa brasileira no século XIX. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.
- BENJAMIN, Walter. Paris do Segundo Império. In: BAUDELAIRE, Charles. **Um lírico no auge do capitalismo:** obras escolhidas III. Tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CANCELA, Cristina Donza. **Famílias, riquezas e contratos de dotação na Belém da borracha.** Disponível em: WWW.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materiais/anteriores/edicao19/materiais02/>. Acesso em: 23 de maio de 2011.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura:** momentos decisivos. v. 2. 4. ed. São Paulo: Martins Editora, 1971.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros.** 2. ed. Brasília: UNB, 1999.
- CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. **A radionovela no Brasil:** um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Belo Horizonte, 2007. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.
- COELHO, Geraldo Mártires. **Letras & Baionetas:** novos documentos para a história da imprensa no Pará. Belém: CEJUP, 1989.

COELHO, Marinilce de Oliveira. Entre Livros e Cafés. In: O GRUPO dos Novos (1946-1952): memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005.

CRUZ, Lady Ândrea Carvalho da. **Literatura e imprensa no Grão-Pará: a produção literária na coluna Folhetim.** In: Anais do VII Seminário de Pesquisa em Andamento (SEPA). Belém – 2010.

DARTON, Robert. **O beijo de Lamourette.** Tradução Denis Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FACIOLA, Rosana Assef. **Os romances-folhetins dos jornais de Belém do Pará entre 1858 e 1870.** Belém do Pará, 2005. 383 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

FERREIRA, Cassio Dandoro Castilho. **Leitura e Literatura no século XIX: considerações nas cartas e crônicas de Aluísio Azevedo.** Disponível em: <www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem04/COLE_4320.pdf> Acesso em: 10 de julho de 2010.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Mais de 180 anos de imprensa na Amazônia.** Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/hp_unesco_redealcar55completo.html> Acesso em: 25 de julho de 2008.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século XIX.** São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

HEINEBERG, Ilana. **A providência, de Teixeira e Sousa, e a aclimação do romance-folhetim no Brasil.** Disponível em: <www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/.../a-providencia.doc> Acesso em: 17 de março de 2011.

HUPPES, Ivete. **Melodrama: o gênero e sua permanência.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

O LIBERAL do Pará, órgão do Partido Liberal do Pará, 9 de julho de 1871 a 25 de dezembro de 1880, Belém.

LUSTOSA, Isabel. Um jornal com posse de livro. In: **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999.

MACHADO, Ubiratan. **A vida literária no Brasil durante o romantismo**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronaldo Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

MEDEIROS, Shirley Lianne. **Os romances-folhetins franceses: imagens e reflexos literários na Belém do século XIX**. In: XIV Fórum Paraense de Letras. Belém – 2009.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOLLIER, Jean-Yves. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo: ensaios sobre História Cultural**. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MONTEIRO, Jucélia Katiane Campos, **O folhetim no Pará: leituras do final do século XIX no jornal Folha do Norte**. Belém do Pará. 2005. 71 f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

NOBRE, Izenete Garcia. **Leituras a vapor: a cultura letrada na Belém Oitocentista**. Belém do Pará, 2009. 128 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro**. São Paulo: Perspective, 1999.

RIBEIRO, José Alcides. **Imprensa e Ficção no século XIX: Edgar Allan Poe e a narrativa de Arthur Gordon Pym**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

RODRIGUES, Eni Neves da Silva. **Os romances nos periódicos mato-grossenses dos oitocentos**. Disponível em: <<http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/periódicos>> Acesso em: 25 de março de 2010.

SALES, Germana Maria Araújo. **Folhetins: uma prática de leitura no século XIX**. Disponível em: <www.entrelaces.ufc.br/germana.pdf> Acesso em: 18 de maio de 2010.

_____. Marcas de leituras na Belém Oitocentista. **Revista de Cultura do Pará**, v. 18, n. 1, jan. / fev. 2008.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

SERRA, Tania Rebelo Costa. **Antologia do romance-folhetim: (1839 a 1870)**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Simone Cristina Mendonça de. Adaptações e livros baratos para a corte: folhetos editados na Impressão Régia do Rio de Janeiro entre 1808 e 1822. In: I SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL. Rio de Janeiro. 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994.